

ERRATA	2
<i>Esclarecimento do Cte. Luis Andrade, Presidente da 1ª Comissão de Inquérito ao caso Angoche em carta ao editor e resposta do autor</i>	3
ANEXOS	4
ANEXO 1 - O RELATÓRIO DA COMISSÃO DE INQUÉRITO EM DEZEMBRO DE 1977	4
ANEXO 2 - MISSIVA AO CONSELHO DA REVOLUÇÃO	27
ANEXO 3 - TELEGRAMAS DOS FAMILIARES ÀS AUTORIDADES.....	33
ANEXO 4 - O ANGOCHE E A ORDEM JURÍDICA INTERNACIONAL	39
ANEXO 5 – A JUSTIÇA ITALIANA E O ELO GLÁDIO – AGINTER-PRESS. EM ITALIANO.....	42
ANEXO 6 - CRONOLOGIA REFERENTE À REDE EUROPEIA ‘STAY BEHIND’ EM INGLÊS.....	50
ANEXO 7 - AMERICANOS CONTROLAM MOVIMENTOS E CARGA DO ESPERANZA II.....	56
ANEXO 8 - FOTOS DA DESTRUIÇÃO OPERADA NO ANGOCHE	58
ANEXO 9 – OS ARQUIVOS DA PIDE A CAMINHO DE MOSCOVO. IN ‘EXPRESSO’	65
ANEXO 10 - DIÁLOGOS ONLINE DE FILOMENA CORREIA MENDES SOBRE A OLÍVIA.....	67
ANEXO 11 - FILOMENA E A FAMÍLIA CORREIA MENDES, DA BEIRA, MOÇAMBIQUE	70
ANEXO 12 - A JORNALISTA VERA LÚCIA CARMONA TENTA ESCLARECER	75
ANEXO 13 - FILOMENA EM BUSCA DO COLÉGIO NA BEIRA ONDE FOI COLOCADA.....	79
ANEXO 14 - SUICIDA-SE A ‘PINTORA CONCEIÇÃO’ AMIGA DOS CORREIA MENDES.....	80
ANEXO 16 - EPISÓDIO DOS ANOS ‘60 EVIDENCIA JÁ A IMPORTÂNCIA DE JORGE JARDIM	82
ANEXO 17 - O ANGOCHE RETRATADO NO ROMANCE ‘PONTA GEA’	86

ERRATA

Pág. 392, no primeiro parágrafo, o agente é 'Castor', e não 'Condor'

ESCLARECIMENTO DO CTE. LUIS ANDRADE, PRESIDENTE DA 1ª COMISSÃO DE INQUÉRITO AO CASO ANGOCHE EM CARTA AO EDITOR E RESPOSTA DO AUTOR

De: Luís Andrade [mailto:lanpadv@outlook.pt]
Enviada: segunda-feira, 26 de julho de 2021 22:16
Para: Geral@edicoesvieiradasilva.pt
Assunto: Navio Angoche

Ex.mos Senhores

Chamaram-me a atenção para um livro de Paulo Oliveira,, por vós editado, sobre o caso do navio Angoche no qual o autor afirma ter eu, na qualidade de Presidente da Comissão de Inquérito, de iniciativa do General Vasco Gonçalves (até hoje o único governante que se preocupou com o assunto), de que eu a teria abandonado "saindo à francesa".

Com bastante trabalho já avançado (devo ser quem mais sabe sobre o caso), no dia 27 de Novembro de 1975, fui colocado em "Residência Fixa" e demitido de todos os cargos que tinha, incluindo o na referida Comissão,. com a invenção de falsas e injustas razões politicas mas, talvez, também porque não convinha que a referida Comissão continuasse presidida por quem se propunha saber a verdade sem receios.

Porque não disponho do seu contacto, agradeço que sugiram ao senhor Paulo Oliveira que não escreva sobre pessoas e factos que não conhece

Saúde e Cumprimentos

Luís A N Paiva de Andrade

Paulo Filipe Oliveira<paulo@pauloliveira.com>
27/7/2021 17:03

Para lanpadv@outlook.pt

Boa tarde Cte. Luis Paiva de Andrade

Efectivamente a frase podia ter sido elaborada de outra forma, visto desconhecer de todo na altura as circunstâncias do seu distanciamento à comissão, forçado pois, pelo que conta.

Depreendo até que comunguemos da mesma conclusão sobre quem foram de facto os autores, forças dentro do próprio sistema do antigo regime, conjugando operacionais especiais da PIDE-DGS e elementos da Aginter-Press a vertente portuguesa da Operação Gládio.

Num plano delineado pelo engº Jorge Jardim, e em que o 'Angoche' servia um objectivo estratégico de lobby em Washington e não só no reforço à posição portuguesa, da África do Sul e da Rodésia, obstar também ao prolongar do bloqueio rodesiano ao porto da Beira e, reequipar as marinhas portuguesa e sul-africana.

Terei muito gosto em falar consigo se me conceder a possibilidade.


Na eventual segunda edição gostarei de elaborar mais, obviamente, sobre a comissão de inquérito e as circunstâncias em que teve que deixar o cargo.

Atenciosamente

Paulo Oliveira

ANEXOS

ANEXO 1 - O RELATÓRIO DA COMISSÃO DE INQUÉRITO EM DEZEMBRO DE 1977


PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investigação Caso "ANGOCHE" ⑧

RELATÓRIO

I

1. O navio motor "Angoche", um pequeno cargueiro da Companhia Moçambicana de Navegação, S.A.R.L., fazia na costa de Moçambique a sua viagem nº 266, iniciada em Lourenço Marques em 5-4-971, quando, pelas 17 horas do dia 23, zarpou de Nacala para Porto Amélia, onde devia chegar às 5 horas do dia 24.

Transportava carga diversa. Eram então 23 os seus tripulantes e levava ainda um passageiro.

Não chegou ao destino previsto. E foi encontrado à deriva, sem ninguém a bordo, e com fogo num dos porões, na manhã de 26, pelo petroleiro panamiano "Esso Port Dickson", na posição 15-27 latitude Sul e 40-56 longitude Este.

Regressou a reboque a Lourenço Marques e aí fundeou pelas 8 horas de 6 de Maio seguinte.

Permanece agora na Baía do Espírito Santo, assente no fundo do mar, quase totalmente submerso.

2. O incidente foi objecto de uma comunicação ao País do Governo de então, segundo a qual, resumidamente, na noite de 23 para 24, tinha deflagrado no "Angoche", à popa, junto da chaminé, uma carga explosiva que alguém colocara a bordo durante a permanência do navio no porto de Nacala e a que se juntara uma substância química inflamável; a explosão fora seguida de incêndio; alguns tripulantes teriam morrido devi-

do à explosão; os restantes ter-se-iam lançado ao mar. O desaparecimento destes últimos, sem vestígios, era atribuído ao facto de se tratar de uma zona fortemente infestada de tubarões; e acrescentava-se que o incêndio tinha lavrado durante 30 a 40 horas, destruindo, portanto, os corpos dos tripulantes que pereceram em consequência da explosão e do próprio incêndio (fls.862).

3. Inconformados com esta versão, procuraram os familiares dos desaparecidos, sobretudo após o "25 de Abril", reabrir o inquérito, seguindo a criação duma Comissão de Investigação ao caso do navio "Angoche" por despacho de 12 de Junho de 1975 do então Primeiro Ministro General Vasco Gonçalves. A essa Comissão sucedeu a presente, esta designada pelo Despacho Normativo 65/77, publicado na 1ª Série do Diário da República de 19 de Março.

Apresenta agora a Comissão o seu relatório, embora não tenha chegado a conclusões definitivas, porque se lhe não afiguram possíveis, de momento, outras diligências úteis a fazer, pelo menos em termos de ocuparem os seus membros em tempo inteiro.

II

1. Transitou para a Comissão actual a documentação reunida pela anterior, que é constituída principalmente por "dossiers" (entregues a título devolutivo) da extinta PIDE/DGS, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do antigo Ministério do Ultramar, do antigo Ministério da Coordenação Interterritorial, do Estado-Maior da Armada (3ª Divi-

são) e da Companhia Nacional de Navegação. Recebeu, também, esta Comissão os três volumes do processo organizado pela Comissão antecedente, no qual foram incorporados, em fotocópia, os documentos com interesse existentes nos "dossiers".

Do processo consta, ainda, uma cópia da parte do "Diário de bordo" do "Esso Port Dickson" respeitante ao achamento e reboque do "Angoche", remetida pela Companhia "Esso Portuguesa, S.A.R.L.", bem como autos de declarações e outros documentos obtidos ou elaborados pela Comissão.

A documentação coligida, que em grande parte se repete nos vários "dossiers", dá conta das diligências que se fizeram para encontrar o "Angoche" e os seus tripulantes e das investigações posteriormente realizadas para esclarecer o incidente. Vê-se que foram feitas buscas aéreas a partir da tarde de 26/4/71 e aéro-navais desde 27. Soube-se, entretanto, que o "Angoche" tinha sido encontrado e estava a ser rebocado pelo petroleiro "Esso Port Dickson". No que respeita aos tripulantes, as buscas resultaram infrutíferas.

2. As investigações foram efectuadas, separadamente, pela DGS e pela Marinha, que examinaram o navio, logo depois da sua chegada ao porto de Lourenço Marques. Da primeira possui a Comissão dois relatórios de exame, datado um de 6 de Maio de 1971 e o outro de 21 do mesmo mês; ambos são acompanhados de abundante documentação fotográfica. O relatório de exame da Marinha não tem data, mas reporta-se ao período de 24 de Abril/6 de Maio (de 1971) e foi elaborado por uma Comissão de Vistoria da Capitania do Porto de Lourenço Marques, constituída por dois oficiais

(um capitão de fragata é um capitão-tenente engenheiro maquinista).

As constatações e as conclusões que delas se tiraram são idênticas nos relatórios da DGS e da Marinha:

" O N/M "Angoche" foi objecto dum acto de sabotagem, com aplicação duma forte carga explosiva a bordo, no pavimento superior da ponte de comando, que detonou em viagem entre os portos de Nacala e de Porto Amélia.

Da explosão, acompanhada de difusão de matéria incendiária, resultaram a imediata destruição dos compartimentos do pavimento da ponte de comando, um surto de incêndio na mesma zona e a rápida propagação deste aos restantes compartimentos das estruturas da ré e ao parque das baleeiras e diversas avarias nos circuitos eléctricos e nas instalações de ventilação da casa das máquinas; o incêndio impediu o acesso às baleeiras e jangadas pneumáticas instaladas junto daquelas, destruindo ou inutilizando estes meios de salvação; o fogo propagou-se ainda à casa das máquinas e causou interrupção de circuitos eléctricos"(Do Relatório da Marinha).

Um dos relatórios da DGS e o da Marinha mencionam também, além do mais, a existência de "manchas" ou "marcas de gotas" de sangue no costado do "Angoche", a bombordo, junto à borda, a meio navio.

Tanto a Marinha como a DGS consideraram provável que alguns

PROSECUTORIA GERAL DE MINISTROS
Comando Investigação Caso "ANGOCHE"

dos tripulantes tenham sido mortos pela explosão; os restantes teriam abandonado o barco e, não socorridos a tempo, ter-se-iam "perdido no mar" (Marinha) ou, tomados de pânico, ter-se-ão atirado ao mar e terão sido devorados pelos tubarões (DGS).

Tendo admitido que a carga explosiva fora introduzida no "Angoche" durante a estada do navio no porto de Nacala, a DGS prosseguiu as suas investigações inquirindo, naquela cidade, as pessoas que tinham entrado a bordo ou contactado com os membros da tripulação e os responsáveis pelas cargas civis e militares; verificando, em ligação com os comandantes das unidades militares, os efectivos, as cargas de explosivos, e as saídas dos quartéis no dia 23 de Abril; interrogando, também, autóctones residentes junto à costa. Ao mesmo tempo, accionava toda a rede informativa que possuía, a dar-se crédito aos documentos, na Tanzânia, Quênia e Zâmbia e pedia a colaboração das polícias sul-africana e rodesiana, o que lhe permitia garantir, a 25 de Maio de 1971, que, até essa data, não tinham sido detectados membros da tripulação do "Angoche" em qualquer daqueles países.

Dois meses mais tarde, em 27 de Julho, a DGS de Moçambique informava a Direcção-Geral, em Lisboa, de que 10 dias antes tinham sido detidos três brancos, ex-pára-quedistas e comandos que, já desmobilizados, residiam e trabalhavam em Nacala, e mostrava-se convencida de que eram eles os sabotadores do "Angoche". A Comissão não dispõe de documentos da PIDE/DGS posteriores àquela data; conseguiu, no entanto, apurar que os três detidos foram restituídos à liberdade cerca de um mês depois.

Pelo seu lado, a Marinha ouviu, em Nacala e Porto Amélia, os

capitães dos dois portos e diversas outras pessoas ligadas à Companhia armadora do "Angoche" ou às actividades portuárias.

As conclusões e conjecturas formuladas pela Marinha e a DGS foram, como se viu, aceites pelo Governo desse tempo, que as reproduziu na versão do caso apresentada ao País. Ocorre, no entanto, dizer-se que os documentos não oferecem provas de que os tripulantes do "Angoche", todos ou alguns, tenham perecido.

3. Outro documento incorporado no processo da Comissão é, como se disse já, uma cópia da parte do "Diário de bordo" (Log Book) do "Esso Port Dickson" em que se mencionam o achamento e reboque do "Angoche". Aí se lê que o navio foi avistado no dia 26-4-71, cerca das 7,30 (hora de bordo), na posição acima indicada, à deriva e com fumo a sair do porão nº 2. Depois das manobras de aproximação, o "Esso Port Dickson" arriou uma baleeira e um grupo de tripulantes, comandado pelo imediato, foi a bordo do "Angoche". Neste tinham ardido já a casa das máquinas e as superestruturas da ré, incluindo os camarotes, a casa do leme e a baleeira de estibordo, e havia fogo no porão nº 2. O "Angoche" foi amarrado à popa do "Esso" e os tripulantes do petroleiro iniciaram o combate ao incêndio, utilizando duas mangueiras. O ataque ao fogo prosseguiu no dia seguinte, com o emprego, também, de extintores químicos, e ao fim da tarde a situação estava sob controlo. Nenhum dos tripulantes do "Angoche" foi encontrado a bordo, vivo ou morto. A fim de reduzir a inclinação do "Angoche", que tinha adornado, os tripulantes do "Esso Port Dickson" atiraram ao mar toda a carga do "deck" de estibordo que puderam manusear. Tinham, entretanto, instalado a

23

PRESTIÇÃO DO SERVIÇO DE MINISTROS
Comissão de Inquérito, o Caso "ANGOCHE"

4

bordo uma bomba, com que procuravam esgotar a água que inundava a casa das máquinas. Quando o nível da água desceu, verificaram que esta entrava por vários tubos que estavam partidos, e calafetaram-nos. No dia 30, cerca das 17,30, o "Esso Port Dickson" teve de parar, por avaria nas máquinas. Durante a paragem, o "Angoche", empurrado pelo vento e as ondas, veio embater por diversas vezes contra a popa do "Esso (O "diário de bordo" menciona os danos causados no petroleiro por estas colisões, mas não refere os do "Angoche"), o que provocou uma deslocação da carga no porão nº 2. Em consequência, o "Angoche" adornou para bombordo, e os tripulantes do "Esso Port Dickson" deitaram à água tudo o que puderam da carga do "deck" desse lado. Em 4 de Maio, às 4 horas (T.M.G.) o "Angoche" foi entregue ao patrão do rebocador sul-africano "Faltic", que o rebocou para Lourenço Marques.

4. Um documento ainda merece referência particular: a "Declaração", inserta a fls. 187, de um técnico que foi chamado pela DCS para examinar o sistema de transmissões do "Angoche".

Diz o técnico ter verificado que o cabo de baixada da antena principal fora cortado com alicate de corte a cerca de um metro da entrada para o emissor principal. Acrescenta que o raio de acção desses emissores, com a antena ligada, é de milhares de milhas; com a antena cortada, o seu raio de acção é de metros; e que as baixadas da antena em V.H.F., com o raio de acção de 50 a 60 milhas, mostravam sinais de não terem sido desligadas, mas sim derretidas e queimadas pelo incêndio

Em "nota", o técnico assevera que o indivíduo que tinha cortado a baixada da antena possuía largos conhecimentos de rádio, pois

sabia que bastava cortar um simples fio para pôr fora de acção o referido emissor.

Este parecer do técnico sobre o corte da baixada principal da antena, que o depoimento de fls.789 apoia, é contrariado pelo autor (subinspector da DGS) do relatório a que está junta a "Declaração", o qual julga provável que não tivesse havido corte, mas sim que se tratasse de uma junção que a própria explosão tinha "desconjuntado". E procura justificar a sua opinião alegando que não havia decerto a bordo, no momento da explosão, cúmplices dos sabotadores, pois era grande o risco que corriam, e por outro lado os autores da sabotagem sabiam muito bem que a explosão necessariamente destruiria a aparelhagem de T.S.F.

Esta argumentação afigura-se pertinente, se se admitir, como admite o autor do relatório, que a carga explosiva foi colocada a bordo em Macala, regulada para deflagrar algumas horas mais tarde, podendo ainda aduzir-se não parecer crível que o fio da antena tivesse sido cortado naquele porto por alguém que ficou em terra, e portanto muito antes do momento previsto para a explosão, pois o corte do fio, se fosse notado, decerto levantaria suspeitas que podiam levar à descoberta da tentativa de sabotagem. O ter sido cortada a baixada da antena parece, portanto, difficilmente compatível com a suposição de o navio ter sido armadilhado em Macala. Mas enquadra-se perfeitamente nas hipóteses, que se não podem excluir, de o "Angoche" ter sido alvo de um ataque no mar, com ou sem a conivência de elementos a bordo, ou dominado por membros da tripulação.

5. Falta, na documentação de que a Comissão dispõe, o processo



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investigação Caso "ANGOCHE"

que se sabe ter sido instruído pela DGS de Moçambique, no decorrer das investigações a que se procedeu sobre o caso do "Angoche".

Na presunção de que o processo tivesse sido remetido para Portugal, a Comissão diligenciou encontrá-lo, o que não conseguiu. Mas tudo a leva a crer, hoje, que o processo não chegou a vir de Moçambique, onde, decerto, se encontrava quando o Alto Comissário, Comandante Victor Crespo, ordenou que fossem queimados todos os processos da PIDE/DGS daquela ex-colónia portuguesa (v. fls. 744). Terá sido, por consequência, destruído.

Tem-se como certo, no entanto, que a consulta desse processo não faria luz sobre os aspectos do caso ainda obscuros ou duvidosos, pois tanto quanto foi possível apurar, a DGS não logrou aclará-los. Por outro lado, a Comissão julga ter ao seu dispor o essencial da documentação produzida pela DGS acerca do "Angoche". Trata-se de documentos (os dois relatórios de exame ao navio logo depois da sua chegada, a reboque, ao porto de Lourenço Marques, telegramas e ofícios expedidos de Moçambique) que foram encontrados em Lisboa, na Direcção-Geral da extinta Polícia.

Parece, contudo, que não chegaram às mãos da Comissão todos os documentos que aí havia. Alguns terão desaparecido, entre os quais duas participações que um ex-inspector adjunto afirma ter feito, pouco antes de 25 de Abril de 1974, dando conta de notícias que recebera de informadores seus relativas à presença de tripulantes do "Angoche" nos arredores de Dar-es-Salaam, na Tanzânia.

1. As investigações da actual Comissão orientaram-se, predominantemente, no sentido de apurar o que aconteceu aos tripulantes, já por ser o aspecto mais importante, já porque, esclarecido ele, saber-se-ia o que ocorreu no navio.

Com esse objectivo foram contactadas as mais diversas pessoas: ex-prisioneiros, militares, funcionários, ex-funcionários, políticos, jornalistas, e outros.

Rumores que logo começaram a correr, e de que os documentos e a imprensa da época dão notícia, referiam a chegada de tripulantes à Tanzânia. Não tiveram confirmação, ao tempo. Mas, em 9/12/76, a revista "Vida Mundial" (n.º 1917, pág. 22) publicava o "depoimento" de um refugiado moçambicano que dizia ter estado preso num campo da Frelimo, em Naschingwea, naquele país, e ter aí encontrado alguns (v. fls. 848)

(Outros órgãos de informação, entre os quais o "Jornal Novo", em 12/4/76, noticiaram que um oficial português, recentemente regressado a Lisboa, tinha estado preso em Naschingwea, onde vira, além de outras pessoas mais ou menos conhecidas, elementos da tripulação do "Angoche". Mas essa notícia era infundada (v. fls. 660 e 642/3).

Impunha-se averiguar qual o fundamento daquelas afirmações.

A Comissão ouviu, por isso, numerosos militares portugueses feitos prisioneiros pela Frelimo e que, posteriormente a Abril de 1971, estiveram na Tanzânia. E foram também inquiridos vários dos que nas Forças Armadas em Moçambique estavam ligados à informação táctica e estratégica, bem como pessoas que tiveram, depois dos acordos de Lusaca, opor-

6

tunidade de falar aberta e informalmente com dirigentes da Frelimo.

Os ex-prisioneiros não colheram notícias dos tripulantes; contudo, nenhum deles esteve, mesmo de passagem, no campo de treino político e militar da Frelimo em Naschingwea, que o refugiado moçambicano indicou.

Aliás, as condições de isolamento em que estiveram tornavam remota a possibilidade de as colherem ; mas, por outro lado, autorizam a conclusão de que é possível os tripulantes estarem por lá sem que de fora isso se saiba e sem que eles próprios logrem fazer chegar ao exterior qualquer mensagem.

Em Agosto de 1974, uma Companhia do Exército Português foi capturada pela Frelimo no acampamento "Omar", no Norte de Moçambique, e levada para a Tanzânia.

A inquirição dos elementos desta Companhia do "Omar" revestia-se de grande interesse para a Comissão, não só porque tinham estado em Naschingwea, como ainda porque um dos oficiais que os receberam em Nampula, no seu regresso a Moçambique, declarara (fls.680) ter ouvido de alguns desses ex-prisioneiros referências a tripulantes do "Angoche", um dos quais seria cozinheiro, que tinham encontrado num campo da Tanzânia e de que haviam sido afastados pelos guardas, que não lhes permitiram que falassem com eles.

Infelizmente, nenhum dos muitos homens da Companhia que foram ouvidos confirmou aquelas declarações do oficial, não se tendo obtido delas qualquer informação sobre tripulantes do "Angoche" que tivessem visto ou de que tivessem, sequer, ouvido falar. O que não invalida, sublinhe-se, o depoimento do refugiado moçambicano a que atrás se aludiu, pois o aquar-

telamento de Maschingwea onde esteve a Companhia do "Omar" não é o campo de treino político e militar da Frelimo e nenhum dos militares portugueses pôde visitar este, que fica, ao que parece, a poucos quilómetros do quartel tanzaniano onde se encontravam.

Os restantes elementos da Companhia que estavam ao alcance da Comissão não foram ouvidos por se ter reconhecido que a sua audição seria inútil, pois nada poderiam acrescentar ao que haviam dito os inquiridos.

Refira-se, no entanto, um pormenor algo intrigante: um dos cozinheiros desse quartel de Maschingwea, com farda militar tanzaniana como os demais, e aparentemente mais velho, falava português com alguma fluência e com o sotaque dos africanos de Moçambique, o que permite a hipótese de se tratar de um ex-tripulante do "Angoche". Hipótese que se tem, no entanto, por muito pouco provável.

Dos militares que em Moçambique estiveram ligados à informação colheu-se reiteradamente a afirmação de que dispunham de excelentes informadores tanto na Tanzânia como na Zâmbia, e de que estes nunca deram notícias sobre tripulantes do "Angoche", o que significaria, com elevado grau de certeza, que eles não estavam naqueles países.

As pessoas ouvidas que, após os acordos de Lusaca, falaram com dirigentes da Frelimo, unânimes referem que estes declinam qualquer responsabilidade no caso. O próprio Presidente Nyerere da Tanzânia declarou nunca ter tomado conhecimento de que os tripulantes do "Angoche" tivessem estado no seu país, e afirmou ter a certeza de que não estavam ao tempo em que falava - o do Alto Comissariado de Moçambique.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investigação Caso "ANGOCHE"

Um outro ex-prisioneiro em Moçambique declara (v.fl.s.747) ter ouvido dum "comandante" da Frelimo, seu companheiro de prisão no Dondo durante 15 dias, depois de Fevereiro de 1975, que a tripulação do "Angoche" estava presa na Tanzânia. Trata-se todavia de um indivíduo bastante exaltado, cujas afirmações não se sabe o crédito que merecem.

2. O refugiado moçambicano a que se aludiu já é um jovem negro que chegou a Portugal, indocumentado, em meados de Outubro de 1976 e a quem foi concedido recentemente o estatuto de refugiado político. Diz ter sido preso pela Frelimo em Outubro de 1974 e levado para o campo de treino político e militar de Maschingwea, na Tanzânia, onde encontrou parte da tripulação do "Angoche". Dá pormenores, faz a descrição física de alguns dos tripulantes, refere o nome de um e a alcunha de outro. Privou um pouco com um deles, o qual lhe contou que não tinha havido explosão no "Angoche", que este fora atacado pela Frelimo, que dois tripulantes morreram e que todos os restantes estavam ali, à excepção de dois "chefes". Adianta que, após a independência de Moçambique, foi transferido, juntamente com os tripulantes negros do "Angoche", para um campo de reeducação do novo país, em Lichinga, onde não havia brancos; os tripulantes brancos ficaram no campo de Maschingwea (v.fl.s.692).

Tendo-lhe sido apresentadas as fotografias de membros da tripulação publicadas recentemente num semanário, fotografias que aliás a Comissão não lograra obter oportunamente dos seus familiares, esta testemunha declarou, como se vê do auto de fl.s.836, reconhecer nelas dois dos brancos internados no campo de Maschingwea e dos quais se dizia aí serem tripulantes do "Angoche".

- É um depoimento a que se daria todo o crédito, não fora o facto de os informadores da DGS e das Forças Armadas Portuguesas em Moçambique nada terem noticiado, de os dirigentes da Frelimo declinarem qualquer responsabilidade no caso, de terem decorrido nessa altura já mais de três anos sem que dos desaparecidos houvesse notícias, enfim, de ser necessário dispor de meios para ir atacar ou pelo menos ir ao encontro do "Angoche" em pleno mar, meios de que não dispunham, ao que parece, nem a Frelimo nem a Tanzânia.

3. Alude-se também nos autos (v. fls. 543) a um ex-oficial português que teria estado na Tanzânia, onde conseguira fotografar a tripulação do "Angoche", em Dar-es-Salaam, pouco depois da ocorrência.

A Comissão não conseguiu ainda falar com esse ex-oficial, que virá a Portugal de vez em quando, e não viu as fotografias. As pessoas que dizem tê-las visto, não conheciam os tripulantes (fls. 503 e 543).

4. Foram ainda ouvidos quadros superiores da ex-DGS, dos colocados em Portugal e dos de Moçambique, que admitiram não ter conseguido esclarecer completamente o que aconteceu no "Angoche".

Quanto à sorte da tripulação nada de concreto adiantaram; um deles afirmou, porém, ter recolhido de dois informadores seus estrangeiros, pouco antes de 25 de Abril de 1974, a notícia de que os tripulantes se encontravam nos arredores de Dar-es-Salaam.

Os políticos abordados, e foram de vários quadrantes e até ligados a acções armadas contra o regime deposto naquela data, também nada souberam dizer sobre o destino dos desaparecidos.

Os jornalistas, como era de esperar da ausência de elementos novos na generalidade dos artigos publicados, confessam a sua ignorân-



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão de Investigação C-8: "NGOCHÉ"

8

cia do que lhes terá acontecido.

5. Num semanário português, em 16-9-77, um ex-prisioneiro em Moçambique afirma que os tripulantes do "Angoche" foram fuzilados à sua frente pela Frelimo (v.fls.811); mas no número de 14-10-77 declara que foram dois os fuzilados e precisa que o fuzilamento ocorreu na Base Feira, em Moçambique. Ouvido pela Comissão, (v.fls.816) pormenoriza, situando a morte dos dois tripulantes no segundo trimestre de 1975. Acontece que já em Fevereiro de 1976 fora procurado por um familiar dos tripulantes, tendo-lhe então fornecido uma versão totalmente diferente da que deu à Comissão (v.fls.830). São, pois, duas versões, e ambas pouco verosímeis; outros ex-prisioneiros, que estiveram presos perto ou junto dele e regressaram a Portugal na mesma data, dão-no como pouco merecedor de crédito e declaram nada saber acerca da existência ou fuzilamento de tripulantes do "Angoche". Não parece, portanto, que se possa acreditar nas suas afirmações.

6. Como se podia prever, a investigação mostrou ser extremamente difícil fazer-se luz sobre o que acontecera no "Angoche", para além do que o exame do barco permitiu verificar.

Apesar de terem sido ouvidas todas as pessoas ao alcance da Comissão actual e da anterior que se presumia pudessem, pelas funções que ao tempo desempenhavam, pela sua militância política ou por qualquer outra circunstância, contribuir para o esclarecimento do mistério que envolve o incidente, a verdade é que nada se conseguiu acrescentar ao que era já conhecido e os documentos certificam. Tudo o que se colhe dos muitos

depoimentos arquivados no processo são opiniões, hipóteses, conjecturas, umas plausíveis, outras de todo inconsistentes. Dir-se-ia que acerca do "Angoche" ninguém sabe nada, e não apenas nos diversos meios em que as duas Comissões procuraram testemunhos úteis, mas também na própria Frelimo, que sempre afirmou não ter tido no caso nenhuma intervenção.

Apenas o refugiado moçambicano afirma, como já se anotou, que um dos tripulantes que teria conhecido em Naschingwea lhe disse não ter havido explosão nem incêndio no "Angoche", e o ex-prisioneiro ouvido a fls.816 declara que os dois tripulantes que viu fuzilar o haviam informado de que o "Angoche", durante a noite, fora "rodeado" e diminuiu a velocidade e que dois indivíduos estranhos à tripulação fizeram explodir uma bomba junto da chaminé.

7. Às 2 horas de 24 de Abril de 1971 (nove horas, portanto, depois do "Angoche"), largou também de Macala para Porto Amélia a embarcação de tráfego local "Suzinanda". A rota que seguiu, embora talvez mais perto da costa, era aproximadamente a que os navios costeiros costumavam utilizar e se pensa que o "Angoche" terá seguido.

Com uma velocidade bastante inferior à deste navio, a "Suzinanda" chegou a Porto Amélia no dia seguinte, às 15 horas.

Os seus tripulantes não avistaram o "Angoche". Não se sabe porquê; mas o facto - julga-se - não implica necessariamente que o navio haja sido desviado da sua rota normal, pois, derivando para o sul, pode ter passado fora do horizonte visual da "Suzinanda". Tanto mais



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investigação Caso "ANGOCHE"

que está, entre as 18 horas de 24 e as 3 horas de 25, esteve fundeada na baía de Metacaua e se admite que a máquina do "Angoche" tenha funcionado ainda durante algum tempo depois da explosão, o que também pode ter contribuído para o afastar da rota da "Suzinanda".

Não se exclui, contudo, a possibilidade de a rota do "Angoche" ter sido deliberadamente alterada. (v. fls. 321, 330, 332 e 379).

8. Cerca de vinte dias depois de o "Angoche" ter sido encontrado à deriva pelo petroleiro panamiano, um navio-tanque português recolheu no mar, na posição 13.19 S 40.39 E, uma balsa de madeira, com as dimensões 2,03x1,38x0,21m (v. fls. 72), pertencente ao cargueiro da C.N.N. Esta balsa, que não estava incluída entre os meios de salvação existentes a bordo (duas baleeiras e duas jangadas, além de bóias e coletes de salvação), era utilizada nas pinturas do casco do navio. O seu aparecimento muito ao norte, relativamente ao ponto em que o "Esso Kort Dickson" encontrou o "Angoche", não pode deixar de causar estranheza. Julgou-se poder explicá-lo pela acção dos ventos dominantes nos dias anteriores. Assim, enquanto o barco era arrastado para o sul pelas correntes marítimas, a balsa, impedida pelo vento, teria derivado para o norte. Nem todos, porém, terão ficado convencidos (v. fls. 280 e 379).

A verdade é que se não sabe, sequer, como a balsa saiu de bordo do "Angoche". Pode admitir-se que foi atirada borda fora pelo sopro da explosão. Ou que foi, como último recurso, lançada ao mar pelos tripulantes, impedidos (pelo incêndio? por outro motivo?) de utilizar quer as baleeiras quer as jangadas. Ou pelos tripulantes do petroleiro, juntamen-

te com a carga que deitaram à água, como se vê do "diário de bordo" já citado, que a não menciona. Mas não parece que se possa, fundamentamente, optar por uma destas hipóteses.

O que se crê poder afirmar é que não seria preciso usar os paus de carga do navio para pôr a balsa na água, ao contrário do que se escreveu recentemente num semanário. Dois ou três homens bastariam para o fazer.

Nesse mesmo texto se diz também que o navio saiu de Nacala com os paus de carga horizontais, afirmação em que se exprime a convicção do jornalista de que os paus de carga vão sempre naquela posição quando os barcos se fazem ao mar. Mas não é assim, e o mais provável é que o "Angoche" largasse de Nacala com os paus de carga levantados, dada a proximidade do porto que escalaria a seguir (v. fls. 838). O facto de ter sido encontrado com os paus de carga ao alto não significa, por conseguinte, que estes hajam sido utilizados depois do navio deixar aquele porto, nem para arriar a balsa, nem para retirar dos porões alguma parte da carga.

Tanto quanto se sabe, a carga do "Angoche" era constituída, apenas, por mercadorias correntes e por abastecimentos e material de guerra para as tropas portuguesas que operavam no Norte de Moçambique. Nada justifica a suspeita, levantada no texto a que se vem aludindo, de que fosse o roubo o móbil da acção levada a efeito contra o pequeno costeiro. E tem de se considerar fantasiosa a suposição, que também já se aventou (fls. 851), de o navio transportar ouro, pois se não mostra alicerçada em qualquer facto ou circunstância conhecidos, que lhes confirmem um mínimo de plausibilidade.

10

É certo que um dos porões estava parcialmente destapado, como se pode ver nas fotografias. Mas era o porão nº2, onde ainda havia fogo, relembra-se, quando o navio foi encontrado, na manhã de 26 de Abril. Fogo que tripulantes do petroleiro combateram e acabaram por extinguir. Foram decerto eles que retiraram essa parte da cobertura, o que é tanto mais de aceitar quanto o "Diário de bordo" do "Esso Port Dickson", que descreve o que de anormal havia no "Angoche", não menciona a abertura na tampa do porão.

9. Outras inexactidões têm vindo a público na imprensa que se podem e cumpre corrigir.

No seu já referido nº 1917, de 9/12/76, a revista "Vida Mundial" inseriu, na página 22 (v. fls. 848), uma mensagem (traduzida) do comandante do "Esso Port Dickson" para o representante em Durban da empresa armadora, nos termos da qual dois "portugueses" do "Angoche" teriam sido recolhidos a bordo do petroleiro. O original, em inglês, desse telegrama pode ler-se a fls. 373, in fine, e o que diz é o seguinte: "Posto a reboque o n/m português "Angoche" abandonado pela tripulação...". Quem o traduziu confundiu "tow" (reboque) com "two" (dois) e... "adaptou" o resto.

Não é mais fiel a tradução de outra "mensagem" inserida no mesmo artigo da "Vida Mundial" (pág. 21 e 22). A dar-se-lhe crédito, o capitão Aquíni, do "Esso Port Dickson", teria recebido a bordo do seu navio membros da tripulação do "Angoche". Trata-se de uma passagem dum relatório elaborado pelas autoridades sul-africanas que se pode encontrar, em inglês, a fls. 369. O que aí se lê é que "Ele (capitão Aquíni) pôs ("placed"

membros da sua tripulação a bordo (do "Angoche") cerca das 9,18..."

10. Alude-se por vezes a uma hipotética ligação entre a morte da tal Olívia, na cidade da Beira, e o caso "Angoche", insinuando-se que foi assassinada para se impedir que falasse.

Essa ocorrência foi objecto de duas investigações, uma da Polícia Judiciária da Beira, outra da Polícia Judiciária de Lourenço Marques. A Comissão pôde ouvir dois antigos elementos da primeira, já reformados, que participaram nas averiguações. A conclusão a que se chegou, disseram ambos, foi a de que a Olívia se tinha suicidado atirando-se de uma janela do apartamento onde residia. Um relato publicado ao tempo no jornal "Noticias da Beira" (v. fls. 685), também não deixa dúvidas a esse respeito. O que do caso se conhece não permite, de facto, que razoavelmente se duvide do suicídio da Olívia.

11. Ficou esclarecido o caso dum preto que seria tripulante do "Angoche" e que teria aparecido em Lourenço Marques e desaparecido misteriosamente, depois de revelar a sua identidade. Como se vê a fls. 743vº, esse indivíduo foi na altura identificado e ouvido. Era tripulante do "Angoche", mas não embarcara para a última viagem do navio.

12. Sabe-se que o comandante do "Angoche" tinha uma pequena placa de platina no antebraço direito. Um telegrama da Marinha, reproduzido a fls. 114, informa de que foram encontrados resíduos de platina, bem como restos de ossos, no camarote do comandante.

11

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investigação Caso "ANGÓCHE"

Mas em nenhum outro documento, quer da Marinha quer da DGS, se mencionam esses resíduos. E as análises laboratoriais efectuadas e de que se conhecem os resultados não acusaram a presença de platina nos materiais submetidos a exame. Anote-se ainda que esta funde a 1769 graus centígrados e que a intensidade do calor desenvolvido pelo incêndio foi de 1.000 a 1.200 graus, segundo o relatório da DGS a fls.157.

Do que se julgou serem resíduos de ossos, uma parte foi examinada em Lourenço Marques (fls.178) e outra, remetida a Lisboa, foi analisada no Laboratório da Polícia Científica (fls.252). Nem aquele nem este exame confirmaram que se tratasse de ossos ou de outra matéria orgânica.

IV

Do conjunto da prova produzida decorre que muitas são as hipóteses possíveis.

Com segurança pode afirma-se que:

- 1º- O navio levava 23 tripulantes e 1 passageiro quando zarpou de Nacala pelas 17 horas de 23 de Abril de 1971
- 2º- Da carga fazia parte material de guerra, designadamente espingardas e bombas de avião, que tinha sido embarcado em Nacala.
- 3º- Deu-se nele o rebentamento duma carga explosiva, colocada à ré, do lado direito da chaminé, a que se seguiu um incêndio que devastou o casario da popa, as

duas baleeiras e as duas jangadas pneumáticas.

4º- O navio foi encontrado na manhã de 26 seguinte, sem ninguém a bordo.

5º- Desapareceram vários cintos de salvação (entre 10 e 13) e 7 boias que estavam arrumadas na parte do navio não atingida pelo incêndio.

Uma balsa, aliás já não considerada meio de salvação, foi encontrada no mar a mais de 100 milhas para norte do ponto onde foi encontrado o "Angoche".

6º- Não se sabe se a explosão matou alguns dos tripulantes, se estes ainda estavam a bordo a quando da sua deflagração, se pereceram no mar, se foram raptados ou recolhidos, se vivem algures, todos ou alguns.

7º- É duvidosa a hora da explosão e a posição do navio quando ela se produziu.

8º- Nada se sabe acerca da autoria nem dos motivos da colocação da carga explosiva.

V

Pelo exposto:

A Comissão não considera provado que todos ou sequer parte dos tripulantes do "Angoche" tenham morrido. Pelo contrário, as informações colhidas pela extinta DGS, pouco antes de 25 de



12

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Comissão Investição Caso "ANGOCHE"

Abril de 1974, de que os tripulantes se encontravam nos arredores de Dar-es-Salaam; o depoimento do refugiado que afirma ter conhecido tripulantes no campo da Frelimo de Naschingwea, depois de Outubro de 1974, e que os negros vieram com ele para um campo de reeducação no Niassa, após o acesso de Moçambique à independência; a afirmação dum retornado de Moçambique de que um "comandante" da Frelimo lhe disse que os tripulantes estavam presos na Tanzânia; as referências a fotografias que um ex-militar português lhes teria tirado naquele país e, por último, a mensagem que teria sido captada por um navio inglês referindo o falecimento, num hospital de Dar-es-Salaam, do radiotelegrafista do "Angoche", levam-na a admitir que alguns, pelo menos, dos tripulantes ainda vivem e se encontram em Moçambique ou na Tanzânia.

Sugere, portanto:

- que o Governo, pelos meios que entender adequados, ponha ao Governo de Moçambique a questão de possivelmente terem estado, e estarem ainda, sob controlo da Frelimo e das autoridades moçambicanas, tripulantes do "Angoche";
- que se cometa a entidade idónea o encargo de recolher as informações que eventualmente surjam sobre o caso do "Angoche" e que essa entidade, se não incluir familiares dos tripulantes, seja do conhecimento destes, os mais prováveis recebedores de notícias, para que possam levar-lhe o que de interesse venha a saber.

ANEXO 2 - MISSIVA AO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1978

Ao

Conselho de Revolução

Ex.mo Senhor:

Desde 1971 que a questão do Navio ANGOCHE se vem a arrastar. Desde há sete anos que os familiares dos tripulantes vivem entre a esperança e a incerteza de reverem ou pelo menos saberem qual o verdadeiro destino dos seus entes queridos. Desde esse tempo que os filhos crescem a perguntar pelos pais.

É urgente esclarecer com clareza o "mistério" do desaparecimento dos tripulantes do Navio ANGOCHE. É urgente que o Governo dê ao assunto a atenção que ele merece.

Se é verdade que as entidades oficiais anteriores ao 25 de Abril pouco fizeram para esclarecer sobre o destino dos desaparecidos, não menos verdade também que as novas autoridades pouco têm feito, limitando-se, depois de muito insitados, à nomeação de duas Comissões de Investigação.

A primeira, nomeada por despacho publicado no Diário do Governo em 18/16/75, haveria no entanto de ficar paralizada, pouco tempo depois, devido ao abandono do seu Presidente.

Porém, se este abandono foi estranho, não menos estranho tem sido a indiferença do Governo.

De facto embora as diligências efectuadas pelos familiares para a formação daquela Comissão tenham começado logo após o 25 de Abril de 1974, ela só veio a ser constituída bastante tempo depois, já sobre a data da Independência de Moçambique, impedindo assim o acesso às principais fontes de informação ali naturalmente existentes. Mas, a estranha atitude do Governo não fica por aqui, deliberadamente não só continua a ignorar o comportamento do Presidente da Comissão

./..

por si nomeado, mesmo depois de oficialmente informado pelo que então restava da referida Comissão, como também a não dar seguimento às diligências efectuadas no sentido de ultrapassar tal impasse. (ver documento anexo 1).

De facto parece haver gente interessada em continuar a dificultar o esclarecimento do "mistério" do Navio ANGOCHE. Tal como "antigamente" já houve agora quem tivesse recorrido de novo ao ridículo argumento de a tripulação ter sido "devorada pelos tubarões". Quem do caso tenha o mínimo conhecimento não deixará de classificar este argumento como um atentado à honra dos tripulantes e um insulto aos seus familiares. (ver documento anexo 2, conclusões finais do relatório da viagem n.º 266, assinado pelo Capitão da Marinha Mercante, Manuel J. Forbes Bessa, Sub-Director da C.C.A. da C.N.N.).

Em Fevereiro de 1975 quando os familiares desenvolviam os maiores esforços no sentido de se criar uma Comissão de Inquérito, o Alto Comissariado de Moçambique de quem era então dignatário oficial da Marinha de Guerra, Victor Crespo, não hesitou em lançar mão dos mesmos argumentos. (Ver documento anexo 3) divulgado pela então Agência ANI, confirmando esta a origem de tal notícia. À parte de ficarmos a saber que em situação semelhante o responsável pelo artigo em causa não hesitaria em "abandonar o Navio lançando-se ao mar sem utilizar sequer um salva-vidas" parece-nos então que este estaria bem informado sobre o Caso ANGOCHE, a ponto de saber que foi "um militante de uma Organização Anti-facista que colocou a bordo uma bomba que explodiu".

Embora muita documentação relativa ao "Caso ANGOCHE" tenha desaparecido, nomeadamente:

- Um dossier claramente referenciado ao Caso, na 2.^a Repartição então controlada por Ramiro Correia e que apenas restava a capa;
- O desaparecimento do Relatório do Presidente do Conselho (ver anexo 4);
- Dois relatórios de um Ex-Inspector adjunto da D.G.S.

No documento em anexo 5 prova claramente que a antena do rádio de bordo foi cortada com um alicate, já com o Navio a navegar fora da Barra de Nacala, o que indica que alguém dentro do ANGOCHE quis impedir a tripulação de comunicar com

terra. Esse alguém que certamente não se terá lançado aos tubarões de algum modo abandonou o Navio. E esse modo só poderia ter sido com a ajuda de outro Navio, dado que não faltou nenhuma das baleeiras do ANGOCHE. Quanto a nós, a antena teria sido cortada precisamente para impedir que para terra fosse comunicada a aproximação desse Navio, tendo-se verificado a explosão só posteriormente, já sem tripulação a bordo. Ficarã ainda por esclarecer qual a origem do abalroamento de ares-ta viva encontrado no costado do ANGOCHE a meia nau, não sendo do Petroleiro nem do Baltic, de que barco seria? Muito estranho é também o local onde o ANGOCHE foi encontrado, quanto a nós, só seria possível se este fosse desviado da sua rota normal. Reforça esta nossa opinião o facto do costeiro Suzinanda horas depois ter feito o mesmo percurso com a mesma rota e não ter encontrado o ANGOCHE (documento anexo 6).

Dissemos que parecia haver gente interessada em dificultar o esclarecimento do "Caso ANGOCHE". De facto também achamos estranha a resposta de 3)/7/74 da Direcção Provincial dos Serviços de Marinha do Estado de Moçambique a um pedido de informação do então Ministério de Coordenação Interterritorial. No documento de 4 páginas (anexo 7) aquele departamento limita-se a enumerar alguns factos desde há muito do conhecimento público, considerando em dada altura ser da "maior importância a continuação de buscas ao Sul da área do sinistro para localizar restos da tripulação, dos meios de salvação ou outros que tenham sido utilizados". Porém, inesperadamente mais à frente conclui "não haver base para se proceder a novo inquérito", pois, "se alguns familiares dos ditos tripulantes persistem na esperança de os rever, outros, porém, bem cedo abandonaram essa esperança e refizeram as suas vidas como lhes foi conveniente, havendo indicação de que a esposa, presumível viúva, dum dos oficiais, voltou a consorciar-se passado apenas o tempo indispensável para que as autoridades judiciais dessem como extinto o vínculo matrimonial anterior por suposto falecimento do cônjuge".

Parece pois que há quem não hesite em lançar mão a quaisquer argumentos, desde tubarões e casamentos para impedir os esclarecimentos do caso. De resto é também falso que alguns dos tripulantes tenha desaparecido carbonizado, o relatório da análise laboratorial, exame n.º 197/71-FQ, efectuada pela Polícia Judiciária provou não haver vestígios humanos nas cinzas encontradas.

Não deixa de ser também estranha a atitude das Autoridades Navais (Marinha de Guerra) na altura então em Moçambique. (veja-se o já citado documento em anexo 2).

./..

Igualmente não podemos deixar de responsabilizar e de criticar severamente o comportamento das autoridades envolvidas no "Processo de Descolonização de Moçambique".

Teria sido essa a altura própria de esclarecer "o Caso ANGOCHE", o que não aconteceu por negligência dos responsáveis que descoraram o assunto apesar dos familiares terem alertado na devida altura.

Impedida de funcionar a "1.^a Comissão de Investigação do caso ANGOCHE" acaba por se desmantelar, mantendo-se unicamente activo um dos seus elementos, familiar de um dos tripulantes. Só ano e meio depois e sem que o Governo tenha pedido responsabilidades ao Presidente daquela Comissão (trata-se de um oficial da armada) foi nomeada uma 2.^a Comissão, exactamente a 19/3/77; tinha-se passado ano e meio, dificultando assim ainda mais o acesso a fontes de informação.

Finalmente, através do Ministério da Justiça foi tornado público em Dezembro de 1977 o Relatório desta Comissão cuja leitura tomamos a liberdade de sugerir (documento anexo 8). No entanto, desde já chamamos a atenção do 2.^o e 3.^o parágrafo do 3.^o capítulo.

- 2.^o - O refugiado moçambicano a que se aludiu já é um jovem negro que chegou a Portugal, indocumentado, em meados de Outubro de 1976 e a quem foi concedido recentemente o estatuto de refugiado político. Diz ter sido preso pela Frelimo em Outubro de 1974 e levado para o campo de treino político e militar de Naschingwea, onde encontrou parte da tripulação do "Angoche". Dá pormenores, faz a descrição física de alguns tripulantes, refere o nome de um e a alcunha de outro. Privou um pouco com um deles, o qual lhe contou que não tinha havido explosão no "Angoche", que este fora atacado pela Frelimo, que dois tripulantes morreram e que todos os restantes estavam ali, à excepção de dois "chefes". Adianta que, após a independência de Moçambique, foi transferido, juntamente com os tripulantes negros do "Angoche", para um campo de reeducação do novo país, em Lichinga, onde não havia brancos; os tripulantes brancos ficaram no campo de Naschingwea (v. fls. 692).

Tendo-lhe sido apresentadas as fotografias de membros da tripulação publicadas recentemente num semanário, fotografias que aliás a Comissão não lograra obter oportunamente dos seus familiares, esta testemunha declarou, como se vê do auto de fls. 836, reconhecer nelas dois dos brancos internados no campo de Naschingwea e dos quais se dizia aí serem tripulantes do "Angoche".

É um depoimento a que se daria todo o crédito, não fora o facto de os informadores da DGS e das Forças Armadas Portuguesas em Moçambique nada terem noticiado, de os dirigentes da Frelimo declinarem qualquer responsabilidade no caso, de terem decorrido nessa altura já mais de três anos sem que dos desaparecidos houvesse notícias, enfim, de ser necessário dispor de meios para ir atacar ou pelo menos ir ao encontro do "Angoche" em pleno mar, meios de que não dispunham, ao que parece, nem a Frelimo nem a Tanzânia.

3.º - Alude-se também nos autos (v.fls. 543) a um ex-oficial português que teria estado na Tanzânia, onde conseguiria fotografar a tripulação do "Angoche", em Dar-es-Salaam, pouco depois da ocorrência.

A Comissão não conseguiu ainda falar com esse ex-oficial que virá a Portugal de vez em quando, e não viu as fotografias. As pessoas que dizem tê-las visto, não conheciam os tripulantes (fls. 503 e 543).

Em face do Relatório, o Ministro da Justiça, Dr. Almeida Santos, em despacho de 20/12/77 concorda com as conclusões ali apresentadas, "considerando não ser possível extrair outras conclusões dos dados colhidos e constantes dos autos".

É com surpresa nossa, que lemos no final desse despacho (documento anexo 9) que o processo ficará arquivado no Ministério da Justiça, devendo quaisquer novos elementos ser dirigidos ao Gabinete do respectivo Ministro. Deste modo não dá seguimento às conclusões finais do relatório, que de resto também não foram divulgadas pela imprensa, e que eram:

"Que o Governo, pelos meios que entender adequados, ponha ao Governo de Moçambique a questão de possivelmente terem estado, e estarem ainda, sob controlo da Frelimo e das autoridades Moçambicanas, tripulantes do "Angoche";

Que se cometa a entidade idónea o encargo de recolher as informações que eventualmente surjam sobre o caso do "Angoche" e que essa entidade, se não incluir familiares dos tripulantes, seja do conhecimento destes, os mais prováveis recebedores de notícias, para que possam levar-lhe o que de interesse venham a saber."

Se oficialmente e depois de bastante pressionado pelos familiares o Governo demorou um ano e meio para corrigir o erro da 1.ª Comissão e nomear a 2.ª, é com apreensão que perguntamos quem receberá e investigará qualquer informação que porventura possa surgir?.

Pretendemos pois:

- 1 - Que o Governo através dos Canais de que dispõe desenvolva todas as diligências no sentido de esclarecer o assunto, nomeadamente junto do Governo de Moçambique e de outros Governos Africanos, e que apele a Organismos Internacionais de carácter humanitário, nomeadamente das Nações Unidas, Cruz Vermelha Internacional, Amnisty Internacional, Direitos do Homem, etc.

./..

2 - Que o processo não seja arquivado mas sim remetido a entidade idônea encarregada de lhe dar andamento, seja na procura e recolha de novos elementos processuais, seja na efectivação de quaisquer diligências julgadas necessárias. Que seja nomeado oficialmente como acessor um representante dos familiares.

Mui respeitosamente

Pelo familiares
Ana Maria Bernardino

ANEXO 3 - TELEGRAMAS DOS FAMILIARES ÀS AUTORIDADES


Marca do dia _____ Indicações de transmissão _____

 **TELEGRAMA**

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				10/5/41		\$ _____
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$ _____
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor Presidente da República						\$ _____
MORADA E TELEFONE: Belém - Lisboa						\$ _____
						TOTAL \$ _____
TEXTO E ASSINATURA: Pais comandante Angoche e famílias tripulantes angustiados desconhecimento seu paradeiro e alarmados noticiário internacional atrevem-se a suplicar VEx^o. intensificação diligências conducentes esclarecimento situação e atinentes regresso seus familiares.						
Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas) Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						HORA DE APRESENTAÇÃO _____

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca do dia _____ Indicações de transmissão _____

 **TELEGRAMA**

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				10/5/41		\$ _____
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$ _____
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor Presidente do Conselho						\$ _____
MORADA E TELEFONE: Palácio de S. Bento - Lisboa						\$ _____
						TOTAL \$ _____
TEXTO E ASSINATURA: Pais comandante Angoche e famílias tripulantes angustiados desconhecimento seu paradeiro e alarmados noticiário internacional atrevem-se a suplicar VEx^o. intensificação diligências conducentes esclarecimento situação e atinentes regresso seus familiares.						
Elisiário Bernardino Telf. 30 Ericeira						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas) Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						HORA DE APRESENTAÇÃO _____

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

08

08

Marca de dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
INDICAÇÕES (Vidé verso) <u>Carta</u>						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: <u>Exm^o. Senhor Presidente do Conselho</u>						\$
MORADA E TELEFONE: <u>Palácio de S. Bento Lisboa</u>						\$
TEXTO E ASSINATURA: <u>Junta Freguesia Ericeira interprete sentimentos população desta vila solicita V. Ex^{ta}. maior interesse e rápido esclarecimento situação comandante e tripulantes Angoche nossos conterrâneos.</u>						\$
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)						HORA DE APRESENTAÇÃO

68

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca de dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
INDICAÇÕES (Vidé verso)						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: <u>PRESIDENTE DO CONSELHO</u>						\$
MORADA E TELEFONE: <u>PALÁCIO DE S BENTO LISBOA</u>						\$
TEXTO E ASSINATURA: <u>FAMÍLIARES TRIPULAÇÃO NAVIO "ANGOCHE" MANIFESTA APREENSÃO E SOFRIMENTO PERANTE SILÊNCIO PRELONGADO INATIVIDADE INSTÂNCIAS RESPONSÁVEIS. COMPREENDE EXCESSO TRABALHO E PROBLEMAS PRIORITÁRIOS MAS AFIRMA QUE SEU CASO É DE VITAL URGÊNCIA. SURPRESA NOSSO CASO NÃO FIGURAR ENTRE OS PRIORITÁRIOS. IMPORTANTE NÃO ESQUECER MORTOS CONTUDO NÃO SE PODEM CONSIDERAR MORTOS AQUELES QUE CONHECEMOS PENSAMOS ESTAREM VIVOS. 42 MESES DE SILÊNCIO. POR FAVOR PREVIJÊNCIAS E ESCLARECIMENTO ENCAMBECIAMENTE.</u>						\$
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)						HORA DE APRESENTAÇÃO
<u>Ana Bernardino</u> <u>Estado do distrito 1 1^o do Lisboa</u>						

68

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
						\$
INDICAÇÕES (Vide verso)						\$
NOME DO DESTINATÁRIO:						\$
MORADA E TELEFONE:						\$
TOTAL						\$
<p>TEXTO E ASSINATURA: FAMILIARES TRIPULAÇÃO NAVIO "ANGOCHE" MANIFESTA. APREENSÃO E SUPPLIMENTO PERANTE SILÊNCIO PRELONGADO INATEVIDADE INSTÂNCIAS RESPONSAVEIS.</p> <p>COMPREENDE EXCESSO TRABALHO E PROBLEMAS PRIORITÁRIOS MAS AFIRMA QUE SEU CASO É DE VITAL URGÊNCIA. SURPRESA NOSSO CASO NÃO FIGURAR ENTRE OS PRIORITÁRIOS. IMPORTANTE NÃO ESQUECER MORTOS-CONTUDO NÃO SE PODEM CONSIDERAR MORTOS AQUELES QUE PENSAMOS ESTAREM VIVOS. 42 MESES DE SILÊNCIO. PEDE PREVIDÊNCIAS E ESCLARECIMENTO ENCARRUCIANTANTE: ANA BERNARDINO</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)						HORA DE APRESENTAÇÃO
<p>68 Ona Bernardino Estrada do Desvio 1. 1º 070 Lisboa</p>						



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				1/5/69		\$
INDICAÇÕES (Vide verso)						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros						\$
MORADA E TELEFONE: LISBOA						\$
TOTAL						\$
<p>TEXTO E ASSINATURA:</p> <p>Pais e familiares comandante e tripulantes Angoche angustiados falta esclarecimento sua situação suplicam VEx^o. urgente informação que tranquilize seus espíritos atormentados.</p> <p>Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)						HORA DE APRESENTAÇÃO
<p>68 Elisiário Bernardino Ericeira Telf.30</p>						

Marca do dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO
USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				3/6/41		\$
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor Ministro do Ultramar						\$
MORADA E TELEFONE: Restelo - Lisboa						\$
TEXTO E ASSINATURA:						TOTAL \$
<p>Pais comandante Angoche e famílias tripulantes angustiados falta noticias suplicam VEx^o. intensificação buscas pedindo diligências caso seja acto terrorismo conforme noticiou Radio Brazaville estarem prisioneiros Tanzania</p> <p style="text-align: center;">Elisiário Bernardino Telf. 30 Ericeira</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)					HORA DE APRESENTAÇÃO	
Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca do dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO
USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				10/6/41		\$
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor Ministro da Defesa						\$
MORADA E TELEFONE: LISBOA						\$
TEXTO E ASSINATURA:						TOTAL \$
<p>Pais e familiares comandante e tripulantes Angoche angustiados falta esclarecimento sua situação suplicam VEx^o. urgente informação que tranquilize seus espíritos atormentados</p> <p style="text-align: center;">Elisiário Bernardino Ericeira Telf. 30</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)					HORA DE APRESENTAÇÃO	
Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca do dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				3/5/41		\$
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Cruz Vermelha Portuguesa						\$
MORADA E TELEFONE: Rocha Conde Obidos - Lisboa						\$
TEXTO E ASSINATURA:						TOTAL \$
<p style="text-align: center;">Pais comandante Angoche e familias tripulantes suplicam Cruz Vermelha valiosa interferência esclarecimento situação pois Rádio Brazaville transmitiu informações que tripulação estava prisioneira Tanzania</p> <p style="text-align: center;">Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)					HORA DE APRESENTAÇÃO	
68 Elisiário Bernardino Ericeira - Telf. 30						

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca do dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				3/5/41		\$
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Exmº. Senhor Governador Geral						\$
<p style="text-align: center;">Moçambique - Lourenço Marques</p>						\$
MORADA E TELEFONE:						TOTAL \$
TEXTO E ASSINATURA:						
<p style="text-align: center;">Pais comandante Angoche e familias tripulantes angustia-dos falta notícias suplicam VExº. intensificação buscas pedindo diligências caso seja acto terrorismo conforme noticiou Rádio Brazaville estarem prisioneiros Tanzânia</p> <p style="text-align: center;">Elisiário Bernardino Ericeira Telf. 30</p>						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)					HORA DE APRESENTAÇÃO	
68 Elisiário Bernardino Ericeira telf. 30						

4 000 000 ex. - 1 - 4 - 69

Marca do dia

Indicações de transmissão



TELEGRAMA

PARA EVITAR ERROS DE TRANSMISSÃO
USE LETRA MAIÚSCULA DE IMPRENSA

IND. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
				3/8/71		\$
INDICAÇÕES (Vidé verso) Carta						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: Exm^o. Senhor General Kaulza de Arriaga						\$
MORADA E TELEFONE: Nampula - Moçambique						TOTAL \$
TEXTO E ASSINATURA: Pais comandante Angoche e famílias tripulantes angustiados falta notícias suplicam VEx^a. intensificação buscas pedindo diligências caso seja acto terrorismo conforme noticiou Rádio Brazaville estarem prisioneiros Tanzânia						
Elisiário Bernardino						
Ericeira Telf. 30						
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (estas indicações não são transmitidas)					HORA DE APRESENTAÇÃO	
Elisiário Bernardin						
Ericeira Telf. 30						

68

**O CASO "ANGOCHE" vs "ESSO PORT DICKSON"
FACE AO DIREITO INTERNACIONAL MARÍTIMO**

A propósito da versão segundo a qual a tripulação e os armadores do petroleiro panamiano “Esso Port Dickson” se consideram proprietários do cargueiro português «Angoche», que teria sido *achado*, sem qualquer tripulante, algures no Índico, a Norte de Moçambique, escrevemos o presente artigo, que foi publicado no Notícias da Beira em 5 de Maio de 1971.



O “Angoche” ao ter sido encontrado em águas internacionais, completamente abandonado pela sua tripulação, por um navio arvorando o pavilhão do Panamá, o qual lhe passou reboque e o procura levar a *porto seguro*, tornou-se objecto de *salvação*, tendo pois, o navio salvador, direito ao *salário de salvação*

Embora por vezes se levantem dúvidas quanto a classificação a atribuir à acção prestada pelo navio, pois esta pode ser classificada em *assistência* ou *salvação*. No presente caso essa dúvida não subsiste, pois no dizer do Dr. Cunha Gonçalves no seu Comentário ao Código Comercial Português: — *A salvação é a operação pela qual o navio e a sua carga, atingidos por um sinistro, e em risco iminente de se perderem, são conjunta ou separadamente, total ou parcialmente recolhidos por terceiros e postos em segurança pelos seus cuidados, em porto ou praia, mormente quando um e outro estavam abandonados pela tripulação ou esta se encontrava em igual risco e na impossibilidade física de proceder a essa operação;* sendo este conceito aliás aceite internacionalmente.

Se ambos os navios fossem portugueses, a classificação a atribuir à acção bem como o respectivo salário, seriam regulados pelo Código Comercial Português, no seu **Título VIII, artigos 676º a 691º**. Mas estando nós em presença de navios arvorando bandeiras diferentes “Angoche”, portuguesa e “Esso Port Dickson”, panamiana, as disposições do Código Comercial Português não poderão ser aplicadas ao presente caso.

Para resolver pois o litígio em questão várias hipóteses se apresentam:

I

Aplicar o disposto na **Convenção de Bruxelas de 1910**, à qual Portugal aderiu, ratificando-a em Agosto de 1913.

O Panamá é um país não tradicionalmente marítimo, por conseguinte sem aquele vínculo legal que liga o navio ao Estado, e a que os ingleses designam por *genuine link*.

Ao registo de navios no Panamá — que foi o primeiro país que, em 1922, passou a autorizar o registo de navios estrangeiros sob a sua bandeira — outros países não tradicionalmente marítimos o seguiram, sobretudo após a II Grande Guerra com a emergência de novos Estados — sem quaisquer tradições marítimas, como a Suíça e a Áustria, entre outros, que acolheram sob o seu pavilhão navios de armadores de outras nacionalidades, surgindo assim as designadas bandeiras de conveniência.

Esta fuga às bandeiras nacionais, foi uma alternativa às pressões económicas do pós-guerra, em que os armadores auferiam, deste modo, consideráveis reduções fiscais, bem como vantagens operacionais.

E, estando o Panamá nestas condições, não possui pois qualquer Código Marítimo nem aderiu a quaisquer **Convenções Internacionais**.

Mas, atendendo a que o “Esso Port Dickson” é propriedade da Esso Transport & Tanker Co. Inc., subsidiária da Esso Petroleum Company, empresa de capitais americanos e, sendo os EUA um dos países que subscreveram a **Convenção de Bruxelas**, pode-se aceitar que o litígio seja resolvido, tendo como base aquela **Convenção**.

E mais ainda, se for tido em consideração o **§ 1º do art.º 15º** da dita **Convenção**, o qual frisa que, a respeito dos interessados pertencentes a um dos Estados não contratantes, poderá cada um dos Estados contratantes subordinar à condição de reciprocidade a aplicação das suas disposições.

A **Convenção de Bruxelas de 1910**, no seu **art.º 1º** diz: — *A assistência e salvação das embarcações marítimas em perigo, das coisas que se encontrem a bordo, do frete e do preço da passagem, bem como os serviços de igual natureza prestados mutuamente por embarcações marítimas e de navegação interior, ficam sujeitas às disposições desta Convenção, sem que haja lugar a distinção entre estas duas espécies de serviço, e sem que haja de atender-se às águas em que são prestados.*

A premissa: — *sem que haja lugar a distinção entre estas duas espécies de serviço* foi tomada deliberadamente, pela dificuldade, que por vezes surge, em distinguir uma *assistência* duma *salvação* e porque os

seus efeitos são apenas a necessidade de atribuir a importância da remuneração, que é maior na *salvação* do que na *assistência*.

O **artigo 2º** especifica que todo e qualquer acto de *assistência* ou de *salvação* que houver tido um resultado útil, dará lugar a uma remuneração equitativa — princípio do *no cure no pay* — acrescentando ainda que nenhuma remuneração será devida no caso de o socorro não ter sido efectivo, frisando além disso que em nenhum caso será devida quantia excedente ao valor das coisas salvas.

No seu **artigo 6º** a Convenção determina como será fixado o montante da remuneração, o qual poderá ser feito por acordo entre ambas as partes e, na falta desta, pelo juiz, entendendo-se o mesmo a respeito da proporção, segundo a qual essa remuneração deve ser repartida entre os salvadores; fazendo notar ainda que a repartição, entre o proprietário, o Comandante e as demais pessoas ao serviço de cada um dos navios salvadores, será regulada pela lei de bandeira do navio — que, no caso português e a título de curiosidade é de 50% para o armador, 25% para o comandante e 25% para a restante tripulação, isto estando em presença um só navio salvador —.

Caso não se haja chegado a um acordo prévio entre ambas as partes quanto ao montante do *salário*, o **artigo 8º** diz que este será fixado pelo juiz, segundo as circunstâncias, e tomando por base:

- a) **Em primeiro lugar**, o êxito obtido; os esforços e mérito dos que houveram prestado socorro:
 - o perigo que tiveram corrido o navio socorrido, os seus tripulantes e passageiros, a sua carga, os salvadores e o navio salvador;
 - o tempo empregado;
 - as despesas e danos sofridos, e os riscos de responsabilidade e outros que os salvadores tiverem ocorrido e
 - o valor do material por eles exposto, tendo em atenção, quando for caso disso, a adaptação especial do navio assistente.

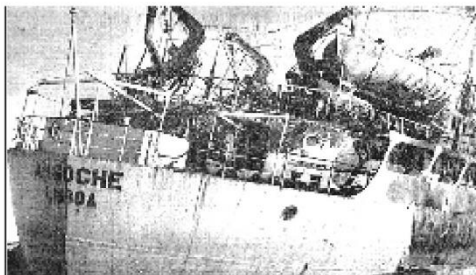
b) **Em segundo lugar**, o valor das coisas salvas.

O mesmo **art.º 8º**, no seu **§ 3º**, diz ainda que o **juiz poderá reduzir ou suprimir a remuneração, se parecer que os salvadores tornaram, por sua culpa, necessária a salvação ou a assistência, ou que se tornaram culpados de furtos, recepção ou outros factos fraudulentos.**

Como se pode ver, grande parte das premissas a que o juiz terá de atender, são factores de ordem moral e, por isso, só um juiz muito prático em assuntos desta natureza será capaz de determinar um *salário* relativamente justo.

II

Caso não se chegue a um acordo entre ambas as partes, tendo como base a **Convenção de Bruxelas**, há ainda a alternativa de se recorrer ao **arbitrio**, o



qual normalmente costuma correr pelo **Lloyd's em Londres**, actuando este quase sempre como "**Arbitrio de Desempate**", podendo haver ainda um recurso designado por "**Arbitrio de Recurso**".

Este recurso à Arbitragem tem a vantagem de ser menos moroso e dispendioso do que o recurso ao Tribunal, garantindo além disso às partes intervenientes uma intervenção justa e honesta.

III

Quando a Arbitragem se mostra Insuficiente para resolver o litígio, existe ainda como último recurso, a intervenção jurídica, a qual poderá correr por dois tribunais, sendo o recurso ao último destes a instância final:

- a) Julgamento por um Tribunal Marítimo americano, pois embora o "Esso Port Dickson" arvore o pavilhão do Panamá e este país não possuindo Código Marítimo, não possui igualmente Tribunal Marítimo competente, sendo por conseguinte o julgamento feito no país de domicílio dos armadores (EUA no presente caso).
- b) Interposição dum recurso final ao Tribunal Internacional de Justiça, para o Direito Marítimo, cuja sentença será definitiva.

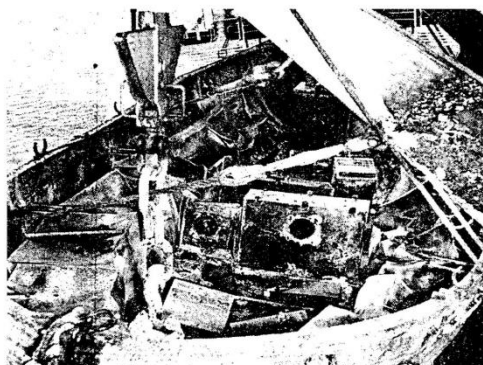
Como se pode ver, o problema reveste-se de alguma complexidade, a não ser que seja estabelecida uma plataforma de entendimento entre ambas as partes, pois caso contrário têm que se sujeitar à Arbitragem ou à sentença do Tribunal competente.

O navio salvador tem sempre o seu *salário* garantido, a não ser que se verifiquem as circunstâncias do **§ 3º do artigo 8º** da Convenção de Bruxelas, ao qual já se fez referência.

A garantia é a dada pelo próprio navio salvado, pois caso não seja prestada uma caução ou uma carta de garantia pelo armador daquele, o mesmo será *arrestado* à ordem do Tribunal do porto para onde o navio seja conduzido, ficando pois como penhora do *salário* devido pela *salvação*.

RESUMINDO:

- a) Acção prestada ao "Angoche" pelo "Esso Port Dickson": — Salvação;
- b) Normas que regem a atribuição do *salário de salvação*:
 - Plataforma de entendimento entre ambas as partes;



- Convenção de Bruxelas de 1910;
- Arbitragem pelo *Lloyd's*;
- Tribunal Americano;
- Tribunal Internacional de Justiça para o Direito Marítimo.

c) Garantia do pagamento do *salário de salvação*:

- Arresto do "Angoche" pelo Tribunal do porto onde o navio tenha sido posto a salvo.

EPÍLOGO

No dia 4 de Maio de 1971, na cidade da Beira, foi assinado, entre a Companhia Moçambicana de Navegação, como armador do "Angoche" e a Mitchell Cotts, em representação do armador, Comandante e tripulantes do "Esso Port Dickson", um *contrato de salvação*, sob a forma padrão de um "Lloyd's Open Form" — *no cure no pay* —.

Em 6 de Maio de 1971 terminou o *contrato de salvação*, com a chegada do "Angoche" a Lourenço Marques, tendo na mesma data terminado a sua trágica viagem.

Os proprietários da carga deviam prestar, junto dos representantes do "Esso Port Dickson", a garantia devida nos termos do *contrato de salvação*.

O representante do armador do "Angoche" só entregaria as respectivas ordens de entrega para o levantamento da carga salva, se fossem cumpridas as seguintes condições:

- 1.— Fosse entregue o comprovativo de ter sido satisfeita a garantia devida, prevista no *contrato de salvação*;
- 2.— Fosse feito um depósito no valor de 60% do valor da carga, podendo ser substituído por uma garantia emitida por uma seguradora, para garantir o pagamento das restantes despesas — além das respeitantes ao *salário de salvação* — feitas em benefício comum do navio e da carga e a repartir em *avaria grossa*, nos termos do "Lloyd's Average Bond";
- 3.— Fosse pagos ao armador do "Angoche", todas as despesas tidas até à data e relacionadas com o *salário de salvação*.

Havia toda a vantagem de que os interessados na carga salva, a levantassem o mais rapidamente possível, pois as despesas decorrentes da bargagem ou da armazenagem, seriam da sua responsabilidade.

BREVE ANÁLISE DO ATO DE QUE RESULTOU O CASO "ANGOCHE"

Todos os acontecimentos relacionados com o "Angoche" contêm todos os elementos que configuram um *acto de pirataria*.

Contudo, nunca foi tomada uma posição jurídica, pois os factos jamais foram esclarecidos.

Dentro deste âmbito, as seguintes questões ficarão por responder:

- 1.— O "Angoche" foi alvo de pirataria em águas territoriais portuguesas, ou no alto-mar?
- 2.— Quem foram exactamente os piratas, e onde se refugiaram depois do assalto?

Mesmo que estas respostas sejam algum dia esclarecidas, não ficarão ainda totalmente esclarecidos os complexos aspectos legais do caso.

A **pirataria** poderá ser definida *como consistindo no ataque, apresamento ou destruição, de uma embarcação e, ou de toda ou parte da sua carga, no alto-mar, por meios de actos de violência, perpetrados por um grupo de indivíduos agindo sem autorização de qualquer Estado ou sociedade politicamente organizada*.

No caso presente, o problema põe-se na "*autorização*" pois, a admitir-se a hipótese de que o "Angoche" foi alvo de um *assalto* perpetrado ou autorizado por um Estado, tal acto deixaria de tratar-se de um *acto de pirataria* para se transformar num acto de terrorismo, questão a ser resolvida no foro internacional, no âmbito da Nações Unidas

Porém, se não existir a referida "*autorização*", o ataque constituiria um "*acto de pirataria*", e a captura da tripulação seria considerada um *rapto*.

Para finalizar, resta saber a quem competiria punir os agressores.

Se algum dia todos ou alguns deles viessem a cair sob a jurisdição portuguesa, poderiam ser julgados e punidos de acordo com a Lei portuguesa.

Porém, se os agressores procuraram refúgio em território de um outro Estado — como terá sido obviamente o caso, a confirmar-se o *acto de pirataria*, não se presume que esse outro Estado os venha a julgar e a punir.

Tal, se algum dia vier a ser do domínio público, teria de ser resolvido no âmbito da Convenção Internacional sobre o Alto Mar — Genebra, 1958 —.

Beira, 5 de Maio de 1971
Revisto em Fevereiro de 1998 no âmbito da pós-graduação em Gestão do Transporte Marítimo e Gestão Portuária, no ISEG.
Daniel C. de Spínola Pitta

ANEXO 5 – A JUSTIÇA ITALIANA E O ELO GLÁDIO – AGINTER-PRESS. EM ITALIANO



RAGGRUPPAMENTO OPERATIVO SPECIALE CARABINIERI Reparto Eversione

Nr.509/62 di prot. "P". Roma, 23 Luglio 1996. OGGETTO: Procedimento penale contro Rognoni Giancarlo ed altri.

Annotazione sulle attività di guerra psicologica e non ortodossa, (psychological and low density warfare) compiute in Italia tra il 1969 e il 1974 attraverso l' 'AGINTER PRESSE'.

AL SIGNOR GIUDICE ISTRUTTORE PRESSO IL TRIBUNALE DI MILANO (Dott. Guido Salvini)
CONS. A MANO

(...)

PREMESSA

L'esistenza e la natura di singole operazioni condotte da organismi di intelligence statunitensi può appurarsi essenzialmente attraverso due sistemi conoscitivi: la declassificazione di atti e i rapporti di apposite Commissioni d'Inchiesta. Infatti, difficilmente i risultati di operazioni di controspionaggio vengono divulgati, al fine di non incidere sui rapporti fra Stati, a meno che questo non sia lo scopo ricercato.

La declassificazione di atti, che l'Amministrazione CLINTON ha amplificato in maniera considerevole, rende questi disponibili, presso lo "United States Government Printing Office" (USGPO) di Washington e, poco tempo dopo, nel mondo informatico, sulla rete Internet, ove è possibile consultare, anche con ricerca nominativa, i National Security Archives.

(...)

EVENTUALE CONNESSIONE "AGINTER PRESSE" - "PIANO CHAOS"

Si intende qui richiamare quanto riportato nei documenti allegati al foglio 509/3 del 14-02-1994 di questo Reparto (ALL.1), costituiti da scritti di **ROBERT HENRY LEROY** a **GUERIN SERAC**, attestanti l'esistenza di tentativi di infiltrazione nell'ambiente universitario e di sinistra italiano.

Come evidenziato nel foglio già citato, l'attenzione sul "PIANO CHAOS" è stata attirata appunto dall'utilizzo di tale termine (chaos) nel secondo rigo del documento intitolato "NOTRE ACTION POLITIQUE".

Il documento "RAPPORT GENERAL SUR LA SITUATION DES GROUPES DE GAUCHE" permette una datazione nella seconda metà degli anni '60, nella primavera del 1969.

Tale datazione è utile per interpretare correttamente il testo "NOTRE ACTION POLITIQUE".

Questo documento sembra rappresentare una progettualità di intervento atipica per quegli anni: propone cioè un mutamento di governo in un Paese occidentale (l'Italia) attraverso la conquista del consenso delle masse a fronte di una minaccia artatamente creata con l'utilizzo del terrorismo.

Una lettura attenta consente di cogliere scenari che si sarebbero poi offerti all'osservazione della nostra realtà.

Significativa è la frase "...sotto la copertura dell'azione dei comunisti e dei pro-cinesi". Si rammenta alle SS.VV. l'operazione "MANIFESTI CINESI" di **Stefano DELLE CHIAIE**, in

contatto con l' "AGINTER PRESSE" e direttamente con il **SERAC**, nonché il nazio- maoismo della cellula veneta (il termine pro-cinese e maoista sono sinonimi) e i maldestri tentativi del VENTURA per farsi accreditare quale editore di sinistra.

LEROY sottolinea che vi sono "infiltrati in tutti questi gruppi", alludendo ai comunisti e ai pro-cinesi.

(...) un agente SDCI (Servizi segreti portoghesi postsalazaristi) sulla base di materiale appartenente all'AGINTER e alla P.I.D.E. (polizia politica prerivoluzionaria).

Nella nota biografica, l'agente portoghese, riporta la notizia secondo la quale l'agente T bis (**Robert Henry Leroy**) ha raccolto informazioni per la N.A.T.O. dal 1958 al 1966.

L'utilizzo di codici alfanumerici per la protezione dei nomi è stato anche illustrato con il foglio 509/13 del 29-11-1994 (ALL.3) e, più in generale, l'utilizzo di codificazioni atipiche per un gruppo terroristico veniva riportato nel foglio 509/13-1 del 29-11-1994 (ALL.4).

Tale atipicità veniva confermata dalla valutazione del S.I.S.Mi. trasmessa con foglio 509/13- 5 del 02-01-1995 (ALL.5) specialmente in relazione al "verme di cifratura".

L'agente portoghese descrive **LEROY** come membro delle WAFFEN SS, detenuto in FRANCIA per collaborazionismo dal 1945 al 1955 e, per quanto riguarda il suo curriculum rinvenuto nella sede dell'"AGINTER PRESSE", oltre alla collaborazione con la N.A.T.O.

Alle pagg. 62 e 63 del libro del defunto Procuratore Distrettuale di Dallas, GARRISON, circa i contatti di GEORGE DE MOHRENSCHILDT (già emerso nel capitolo dedicato al **SABLOSKY**), è indicato JEAN DE MENIL, Presidente della **Schlumberger** Corporation, quest'ultima corporation è citata in nota, dal GARRISON, come in contatto con l'O.A.S..

Il noto VINCIGUERRA dichiarava a questo Ufficio, in data 12-01-1996: "...Voglio anche ribadire che non è corretto inquadrare l'"AGINTER PRESSE" in un ambito C.I.A. in quanto questa è stata, invece, una struttura dell'organizzazione N.A.T.O. come, parimenti, fu l'O.A.S.. Vorrei anche suggerire un approccio con il.

L'attività di rogatoria incentrata sull'interrogatorio di cittadini stranieri potrebbe limitarsi a:

STATI UNITI

sig. **JAY SIMON SALBY**, nato 28-06-1937 a Filadelfia e residente in Miami, in qualità di ex appartenente di elevato livello della "AGINTER PRESSE" ed in contatto, all'epoca, con la destra italiana;

(...)

COINVOLGIMENTO DELL' "AGINTER PRESSE" NELLA ELIMINAZIONE DI ETARRA IN FRANCIA.

Come ampiamente noto, sono stati numerosi, negli anni, gli estremisti di destra che hanno indicato, nei fuorisciti italiani in Spagna, gli attori di azioni contro "santuari" baschi in Francia. La ragione di ciò è da ricercarsi nel dover evitare l'imbarazzo di giustificare l'eventuale decesso in territorio francese di uomini appartenenti ad organi istituzionali spagnoli.

Tutte le testimonianze acquisite in merito, ormai patrimonio di numerose requisitorie e sentenze, hanno sempre menzionato la circostanza senza mai fornire dati puntuali sulle azioni perpetrate, anche perché nessuno degli estremisti di destra indicati quali componenti dei gruppi di fuoco in terra francese ha mai inteso collaborare.

In data 14.3.96, il noto ZAFFONI Francesco riferiva, nel corso di discussione delegata a questo Ufficio, che le operazioni contro gli etarra in FRANCIA: "...erano coordinate dall'americano soprannominato **CASTOR**, così detto per il parrucchino che portava, che

voi mi dite identificarsi in tale **JAY SIMON SALBY**, e da un cittadino francese al quale era molto legato e che fu arrestato con lui durante l'esecuzione di un attentato in ALGERIA. Prendo atto che mi dite che questa persona si chiamava NOEL CHERID. Queste due persone lavoravano per una agenzia di stampa di copertura denominata "AGINTER PRESSE". Materialmente le operazioni venivano eseguite da un gruppo misto di italiani e marsigliesi guidati da un italiano biondo con i baffi con nome di battaglia CARLO. Questo era intimo amico di due marsigliesi, uno dei quali saltò in aria mentre stava trappolando un'autovettura, credo in FRANCIA...". Tra gli italiani che sotto la guida del CARLO si recavano ad operare in FRANCIA vi erano:

"...CAUCHI e CARMASSI. Faccio presente che del gruppo faceva parte anche un argentino a nome JOSE' MARIA. Preciso anche che non esisteva un solo gruppo, ma due. Uno è quello descritto, misto, che operava in FRANCIA, poi ce ne era un altro composto solo da italiani e che operava esclusivamente in SPAGNA. Entrambi i gruppi erano in contatto con **DELLE CHIAIE**. (...)

*

(...)

JAY SIMON SALBY. Si identifica nell'omonimo cittadino statunitense nato il 28-07-1937 a FILADELFIA in PENNSYLVANIA (U.S.A.). La sua corrispondenza con l'alias CASTOR, JOAQUIM, HUGH C. FRANKLIN è dimostrata nel rapporto della S.D.C.I (servizi segreti portoghesi postsalazaristi) del 1975 trasmesso da questo Reparto con nota nr. 509/6 ed allegata alla presente, più volte menzionata.

Secondo questo rapporto, SALBY: è da vari anni collaboratore dell' AGINTER PRESSE; alla fine del 1970 e agli inizi del 1971 viaggia costantemente nei Paesi latino e centroamericani nonché STATI UNITI e CANADA, rapportandosi con GUERIN SERAC che lo chiama "CASTOR". Proprio in una di queste lettere compare sia il nome che il soprannome consentendo così, agli agenti portoghesi, l'identificazione;

Ha come indirizzo J. SALBY, SEABORD HOLDING CORPORATION, 1451 NE BAYSHORE DRIVE, MIAMI, FLORIDA, U.S.A.;

Vi sono corrispondenze della fine del 1967 con tale FUAD A NAZIR in cui JAY SALBY si indica a timbro come "corrispondente dell'AGINTER PRESSE" all'indirizzo MODESTO LAFUENTE 63, tel. 2337200, MADRID, ESPANA. Quindi SALBY è nell'AGINTER fin dagli inizi (fondazione Settembre 1966);

È in corrispondenza poco chiara con il SERAC (è probabile che i due, dato il settore di operazioni, si esprimano in maniera non comprensibile a terzi);

Vorrebbe conseguire con il SERAC la rappresentanza della AEROCONDOR per i voli LISBONA-CARACAS;

Propone al SERAC di "...infiltrare..." (forse a BOGOTA', COLOMBIA) la Sociedade Para Prevencao Da Terceira;

Nel Novembre del 1968 ha venduto uno "...stock di fogli dipinti..." attraverso l'impresa Papeles Pintados Regil sita in CALLE JORDAM 3 a Madrid con l'intervento di tale JOSE' VICENTE PEPPER che gli ha anticipato 8000 pesetas. Il PEPPER è un agente della "AGINTER PRESSE" con criptonimo H01;

Paga 25.000 pesetas di affitto al Dr. JOSE' VICENTE PEPPER per l'affitto di un garage da utilizzare come deposito di carta dal Gennaio all'Ottobre 1968. Il garage è della Industrias De Desarrollo Economico S.A. Cantera El Hoyon sita nella Avenida de la Ciudad de BARCELONA 72 o 722 sulla Piedras Calidas Carretera de Valencia Km.32 in località

ARGANDA DEL REY;

Contatta, il PEPPER tramite altro elemento dell'AGINTER, il 30-12-1966. Costui, qualificato come scrittore e giornalista (anche il SALBY si qualificava così per tutelare la copertura dell'AGINTER), risiedeva in MANUEL CERRADA 26, tel. 2337183 a MADRID, aderiva (almeno dal 04-11-1968) all'O.A.C.I. (ORGANISATION D'ACTION CONTRE LE COMMUNISME INTERNATIONAL) ed era nato il 16-10-1904 a BOLIVAR in VENEZUELA. Secondo l'SDCI dovrebbe essere stato Ministro dell'Informazione dominicana all'epoca di TRUJILLO. L'altro elemento dell'AGINTER che fece da contatto è il Colonnello MANUEL JUAN PEREZ, Addetto Militare guatemalteco a MADRID, alias WALTER, che il 19-01-1968 entrò nell'O.A.C.I.. Il rapporto della SDCI precisa che SALBY contattò il PEPPER attraverso il WALTER.

Secondo una nota del Federal Bureau Of Investigation del 18-11-1969 con protocollo A-351 P-4 registrata in AGINTER con protocollo 14209 - C.I., lavora per conto di una autorità straniera in America Latina e per ciò è "...un possibile trasgressore della neutralità degli STATI UNITI...". Sempre secondo l'F.B.I. possiede un passaporto americano emesso a Madrid con numero Z-802449 richiesto nel 1968 (domanda con protocollo 22) ed ha dichiarato di essere giornalista per la sede madrilenica dell'AGINTER. I Federali sostengono che si avvale di un cittadino francese a nome Jean Denise (Jean Denise RAINGEARD DE LA BLETIERE, nato 18-03-1942 in Francia). In merito a tale nota del F.B.I., alla risposta della P.I.D.E., alla reiterazione del F.B.I. ed alla nuova risposta del Direttore della Polizia Internazionale Di Difesa Dello Stato (do ESTADO), BARBIERI CARDOSO, si rimanda a quanto già compiutamente riferito nella nota 509/6 più volte citata;

Ha fatto il "patto d'onore" d'adesione alla O.T.-O.A.C.I.;

è in corrispondenza, nel Novembre del 1967, con WILLIAM F. BUCKLEY della National Review di New York.

Come è stato detto nell'annotazione esplicativa del rapporto della SDCI, il BUCKLEY, giornalista della destra ultraconservatrice americana, quando era redattore del Yale Daily News ebbe una parte di rilievo nel consentire ad EDGAR HOOVER di arginare lo scandalo che stava montando a seguito delle denunce di infiltrazione del F.B.I. nelle Università americane. Da ricerca bibliografica è risultato che sul testo l'Orchestra Noir, scritto da Frederic LAURENT ed edito per i tipi della Stock nel 1978, il BUCKLEY è descritto come fratello dell'omonimo senatore di New York, JAMES L., nonché tra i leaders degli intellettuali della destra statunitense. Il LAURENT afferma ancora che Priscilla LANGFORD BUCKLEY, sorella di WILLIAM e JAMES, ha lavorato alla fine degli anni '50 come Ufficiale della C.I.A. a PARIGI, così come la cognata Ann Frances COOLEY, moglie del senatore JAMES. Inoltre, HOWARD E. HUNT, nel suo libro di memorie UNDERCOVER, edito a New York per i tipi della Berkley nel 1974, afferma che, quando dirigeva la Stazione C.I.A. in Messico, agli inizi degli anni '60, William BUCKLEY lavorava alle sue dipendenze come "agente esterno". HOWARD HUNT è molto noto per essere stato coinvolto nello scandalo WATERGATE e nell'omicidio KENNEDY.

Come specificatamente richiesto dal Giudice Istruttore non è stato trovato alcun rapporto di parentela tra il BUCKLEY in contatto con il SALBY e il reggente C.I.A. a BEIRUT suo omonimo, WILLIAM BUCKLEY nato a MEDFORD (U.S.A.-MASS.)

Il 31-05-1928 è sequestrato dalla JIHAD ISLAMICA il 16-03-1984, morto impiccato nel Giugno del 1985, forse in TEHERAN.

Assieme al Dr. PEPPER fa da intermediario ad un contatto, il 10-01-1968, tra il WALTER

e il Maggiore CASTON CAJUNE MEJIEANO, Addetto Militare nicaraguense a Madrid. Questi viene indicato come vecchio Capo della Sicurezza del Nicaragua e partecipa ad uno stage presso l'F.B.I. e ad uno presso il Pentagono.

Con foglio 509/11 del 26.10.94 questo Reparto trasmetteva al Giudice Istruttore quanto a disposizione circa l'indirizzo utilizzato dal Direttore dell' AGINTER PRESSE per scrivere al SABLOSKY: Seabord Holding Corporation, sita in 1451 NE BAYSHORE DR. di Miami in Florida. La nota è unita in allegato (All.57). **Si rammenta, come era già stato fatto notare al Giudice Istruttore, che nonostante le palesi simpatie neonaziste dell'AGINTER, il SALBY appare utilizzare un casato (SABLOSKY) di probabile origine semita, così come quelli del Presidente (HOROWITZ) della SEABORD, del VicePresidente di questa (WEISE) e della segretaria (HOROWITZ).**

Con foglio 509/12 del 29.10.94 (All.58) questo Reparto trasmetteva al Giudice Istruttore fotocopia del documento che sarebbe stato compilato dal SALBY all'atto del suo ingresso in Portogallo, con la falsa identità guatemalteca, con nascita canadese, di Hugh FRANKLIN. A riscontro si fa presente che il rapporto della SDCI riporta, tra le varie identità utilizzate dal SALBY, proprio quella di Hugh FRANKLIN.

Quanto comunicato dalla polizia canadese è di estremo interesse poichè dimostra che HUGH FRANKLIN (proprio con la stessa data di nascita e nazionalità usate dal SALBY) è realmente esistente, avvalorando così la veridicità della documentazione raccolta. L'unico dato differente tra l'HUGH FRANKLIN-SALBY ed il vero FRANKLIN è il luogo di nascita. Il primo sarebbe nato a TORONTO ed il secondo a Guatemala. Tuttavia, date le sorprendenti coincidenze ed atteso che i portoghesi indicarono una cittadinanza guatemalteca del FRANKLIN-SALBY quando questo risultava nato a Toronto (Canada') ed era possessore di passaporto canadese, quindi non vi era nessun titolo per definirlo guatemalteco, è molto probabile che la polizia portoghese abbia indicato, al posto del luogo di nascita, quello di residenza che, peraltro, risulterebbe coincidere con quella attuale del FRANKLIN.

Poichè il passaporto presentato ai portoghesi è un falso, non è proponibile l'ipotesi di un prestito del documento del FRANKLIN al SALBY e, peraltro, il FRANKLIN non risulta aver presentato denunce di smarrimento.

Il SALBY potrebbe, quindi, aver utilizzato l'identità di una persona conosciuta casualmente, oppure quella di un soggetto ben a parte delle sue attività. **A favore di quest'ultima ipotesi si fa notare quanto riportato alle pagg.62 e 63 del libro, già citato, del defunto Procuratore Distrettuale GARRISON ove, descrivendo George DE MOHRENSCHILDT, da lui investigato poichè persona più a stretto contatto con Harvey LEE OSWALD a Dallas, specifica che era stato in Guatemala, "...quando, per strana coincidenza, vi si svolgeva gran parte del lavoro della C.I.A. di addestramento dei cubani anticastristi che si preparavano all'invasione della BAIA DEI PORCI...".**

L'F.B.I. in data 02-12-1994 (All.59) comunicava che il loro Quartier Generale nonchè la Banca Dati dei precedenti criminali non possedevano dati sul SALBY, a differenza di quanto risulta dal rapporto della SDCI.

In data 27-12-1994 lo stesso organo federale faceva presente di aver contattato il SALBY il quale si era reso disponibile ad un colloquio sulle sue conoscenze strettamente

storiche con Ordine Nuovo e Avanguardia Nazionale con i cui membri non aveva più contatti dal 1975. Lo stesso attualmente è Chief Executive Officer della corporation International Contractors Club, dislocata al 6911 Northwest 51 Street, Miami, Florida 33166 con telefono nr. (305)477-9683.

Il 03-01-1976 il SALBY, unitamente a Andre Noel CHERID, MEDJEBER MOHAND- OUISMAIL (alias Claude Pascal ROUSSEAU), HOUCINE CHERADI, MED HAROUN, LOUNES KACI compiva un attentato contro la redazione d'Algeri, sita in Rue De La Liberte', del quotidiano El Moudjahid (Il Combattente). Il fatto era piuttosto noto perché riportato in più testi. Tuttavia, attesa la "non conoscenza" del SALBY da parte del F.B.I., venivano interessate le Autorità di Polizia algerine per la verifica della veridicità dell'evento. Questo veniva confermato e venivano inviate 9 copie del quotidiano El Moudjahid successive all'attentato e relative al processo effettuato ai suoi autori, catturati poco dopo l'esecuzione di questo. Le Autorità Algerine, in assenza di convenzioni di assistenza giudiziaria in materia penale, trasmettevano ufficialmente al Giudice Istruttore alcuni atti del procedimento penale eseguito contro il SABLOSKY.

Dal Processo Verbale di interrogatorio reso il 17-01-1976 dal cittadino statunitense JAY SALBY, nato il 28-07-1937 a, Pennsylvania, figlio di HAROLD e MARTHA SINGLE, celibe, residente a Rural Route 1, Springfildt, Pennsylvania ma domiciliato in Victor De La Serna 26 A Madrid, si ricava:

Ha lasciato gli U.S.A. per la prima volta nel 1961-62 per andare in Messico, EL Salvador e Guatemala come avventuriero ed ha lavorato in questi Paesi vendendo autovetture di seconda mano statunitensi per conto di ARTHURO MALDONADO DE LA CERDA, fino al 1964;

Dal 1964 al 1968 ha lavorato in SPAGNA;

Il Natale del 1967 ritorna in Guatemala e riprende, dal 1968, il precedente lavoro con il MALDONADO il cui Partito ha perso le elezioni del 1966. Nel 1970 lavora per il Colonnello ARANA, vincitore delle successive elezioni, che lo nomina Console Generale a Montreal, dove SALBY lo segue per effettuare attività di contrabbando. Entrambi nel Natale del 1973 cercheranno di far entrare dei clandestini latinoamericani. Dopo altre operazioni di questo genere MALDONADO rientrerà in Guatemala. (Si noti come vi sia corrispondenza piena con quanto contenuto nel rapporto della SDCI ove è citata la nota del F.B.I. del Delaware County 18-11-1969 secondo la quale il SALBY risulta lavorare per una autorità straniera in America Latina). Da ricerca bibliografica si ritiene di aver individuato il Colonnello ARANA (pagg. 47,50,52 del libro Centroamerica di MICHAEL STUHRENBURG e ERIC VENTURINI edito nel 1987 per i tipi delle Edizioni Associate) nel Colonnello ARANA OSORIO, ex addetto militare guatemalteco a Washington; comandante militare, dal 1966 al 1968, responsabile della provincia di ZACAPA dove conduce la lotta contro i guerriglieri delle FAR. La sua azione contribuirà alla trasformazione della lotta da guerrigliera a terroristico-urbana.

Il Colonnello OSORIO effettivamente diverrà Presidente della Repubblica guatemalteca nel 1970, rimanendo in carica fino al 1974, essendo riuscito a sconfiggere, con l'apporto dei partiti di estrema destra Movimento Di Liberazione Nazionale e Partito Istituzionale Democratico, il candidato dello Stato Maggiore dell'Esercito. Poichè il diretto contatto del SABLOSKY era ARTHURO MALDONADO è stata attivata ricerca informativa sullo stesso. E' altresì opportuno notare, in relazione alla presenza guatemalteca del SALBY, al suo alias di probabile origine semita così come a quelli, certamente di tale origine, dei

responsabili della Seabord Holding Corporation presso cui risulta lavorare ed infine all'HUGH FRANKLIN, che il Guatemala, sin dagli anni '60 e tuttora, riceve ingenti aiuti militari dallo Stato di Israele sia sotto forma di consiglieri che di materiale bellico e tecnologie informatiche. Il lavoro del SALBY per la SEABORD emerge dal rapporto della SDCI che lo ricava da una corrispondenza con il Direttore dell'AGINTER PRESSE, GUERIN SERAC. Poichè le missive esaminate dai servizi portoghesi sono relative al 1970-1971 (è il 1970 è l'anno di inizio attività della SEABORD), deve esistere un plausibile motivo per il quale il SALBY non rivelò alla polizia algerina i suoi rapporti con la Corporation;

Alla Special Branch, SALBY è noto con gli alias di JAY SIMON SABLOSKY, JAY SIMON CASTON, AURELIO BURTIN, ANDERSON GREGORIO VILLAGRAN, OCHOA RICARDO PAEZ e OCHOA PAIS. Invece il NOEL CHERID con quelli di NOEL CHEIF, MARTINEZ JAVIER LUCUMBERI e IGNAZIO TEDESCO.

Inoltre, il noto VINCIGUERRA, in escussione davanti al Giudice Istruttore, in data 02-12-1992, rappresentava il collegamento tra gli attentati di Bonn, Parigi e Roma con quello di Londra, ricordando, dopo il fallimento di quello di Bonn, una conversazione con il SERAC che si lamentava in modo molto acceso della mancata esplosione, attribuendola alla scarsa determinazione dei "soliti italiani". Tant'è che lui stesso, a difesa dell'italianità, gli fece notare che a Bonn era successo quanto era accaduto a Londra.

Il SERAC aveva ribattuto che a Londra aveva operato CASTOR (SALBY), del quale rispondeva personalmente come di se stesso e quindi non poteva essersi trattato altro che un guasto tecnico imprevedibile (Il tentato attentato di Bonn ebbe luogo il 18-08-1975 e la perizia ha stabilito che fu impiegato del C4).

Il VINCIGUERRA, nel verbale del 19-10-1992, sempre di fronte al G.I., ha indicato il CASTOR/SALBY come il braccio operativo di SERAC, arrestato dopo aver compiuto attentati in Algeria, unitamente al fratello di tale JEAN PIERRE, militante francese e ad un algerino. I primi due, e, quindi, anche il CASTOR, fecero riferimento al SERAC anche dopo la caduta del regime di destra in Portogallo.

In data 14-03-1996, nel corso di escussione delegata a questo Ufficio, il noto FRANCESCO ZAFFONI affermava:

Il cittadino statunitense soprannominato CASTOR per via del parrucchino che portava (PIERLUIGI CONCUTELLI diede analoga spiegazione nel corso della mancata verbalizzazione riferita con foglio 169/31-1 del 17-12-1994 al Giudice Istruttore), molto legato al cittadino francese con cui fu arrestato in Algeria (NOEL CHERID) a seguito della realizzazione di un attentato, coordinava, per conto di una agenzia di stampa di copertura, denominata AGINTER PRESSE, le operazioni contro gli etarra in Francia.

CASTOR gli aveva riferito di essere stato un berretto verde ed aveva un passato anticastrista. Raccontava dell'episodio della Baia Dei Porci (Cuba) come se vi avesse partecipato;

CASTOR frequentava con assiduità l'appartamento di ELIODORO POMAR a Madrid. Davanti al Giudice Istruttore, in data 22-12-1995, lo ZAFFONI aveva precisato che SALBY e CHERID avevano una ditta di import-export, che era di copertura, non operava minimamente, e aveva sede nel centro di Madrid, in Paseo De La Castellana. In merito

al coinvolgimento del SALBY nell' Operazione Plutone, si rappresenta che, in escussione avanti al Giudice Istruttore, del 02-06-1993, il noto VINCIGUERRA specificava che durante la sua permanenza a Madrid aveva da questi appreso, poichè se ne vantava, che il SALBY-CASTOR era stato indicato da FIDEL CASTRO, in una trasmissione radiofonica, come nemico numero uno di Cuba per le sue attività operative contro il regime castrista.

In data 14-03-1996, nel corso di escussione delegata a questo Ufficio, il noto GAETANO ORLANDO affermava, pur non ricordando il CASTOR, che MARIANO SANCHEZ COVISA, capo dei Guerriglieri Di Cristo Re, organizzazione integralista cattolica legata all'AGINTER PRESSE, incontrava a Madrid cittadini statunitensi oltre ad avere stretti rapporti con la Guardia Civil e "...ancora di più a livello governativo...".

VINCIGUERRA, nel verbale reso al G.I. in data 07-05-1992, parla di una operazione condotta dal SALBY, nella primavera del 1974, proprio in Guatemala, Nazione centrale nella vita del SALBY, unitamente a SERAC e ad alcuni italiani. L'operazione fu richiesta da MARIO SANDOVAL ed aveva per obiettivo una base guerrigliera in Costa Rica. L'impiego di personale straniero non avrebbe creato incidenti diplomatici nel caso l'azione non fosse andata per il verso giusto.

PIERLUIGI CONCUTELLI, in escussione davanti al Giudice Istruttore, in data 28- 05-1993, affermò che riteneva il SALBY, conosciuto direttamente a Madrid, referente C.I.A. in quella città. In relazione all'arresto del SALBY e dello CHERID gli fu proposto, da SERAC e da PIERRE CHERID, di sequestrare e dirottare un aereo algerino sulla tratta Bruxelles-Nordafrica al fine di richiedere il rilascio dei due prigionieri. Anche il CONCUTELLI ha parlato dell'episodio costaricano citato dal VINCIGUERRA, precisando che vi fu analoga azione in Guatemala, sempre nel 1974, e che, nel 1976, doveva essere effettuato un altro intervento, ma non venne realizzato.

In ultima analisi si rappresenta che, dal documento trasmesso al G.I. con foglio nr. 509/13 del 29-11-1994 (All.3), si ricava che il **criptonimo alfanumerico di SALBY era 'H07'**.

ANEXO 6 - CRONOLOGIA REFERENTE À REDE EUROPEIA 'STAY BEHIND' EM INGLÊS

1940 In England Prime Minister Winston Churchill creates the secret stay-behind army Special Operations Executive (SOE) to set Europe ablaze by assisting resistance movements and carrying out subversive operations in enemy held territory. After the end of World War Two the stay-behind armies are created on the experiences and strategies of SOE with the involvement of former SOE officers.

1944 London and Washington agree on the importance of keeping Western Europe free from Communism. In Greece a large Communist demonstration taking place in Athens against British interference in the post war government is dissolved by gunfire of secret soldiers leaving 25 protesters dead and 148 wounded.

1945 In Finland Communist Interior Minister Leino exposes a secret stay-behind which is being closed down.

1947 In the United States President Harry Truman creates the National Security Council (NSC) and the Central Intelligence Agency (CIA). The covert action branch of the CIA, the Office of Policy Coordination (OPC) under Frank Wisner sets up stay-behind armies in Western Europe.

1947 In France Interior Minister Edouard Depreux reveals the existence of a secret stay-behind army in France codenamed „Plan Bleu“.

1947 In Austria a secret stay-behind is exposed which had been set up by right-wing extremists Soucek and Rössner. Chancellor Körner pardons the accused under mysterious circumstances.

1948 In France the “Western Union Clandestine Committee” (WUCC) is being created to coordinate secret unorthodox warfare. After the creation of NATO a year later the WUCC is being integrated into the military alliance under the name “Clandestine Planning Committee” (CPC).

1949 The North Atlantic Treaty Organisation (NATO) is founded and the European headquarters is established in France.

1951 In Sweden CIA agent William Colby based at the CIA station in Stockholm supports the training of stay-behind armies in neutral Sweden and Finland and in the NATO members Norway and Denmark.

1952 In Germany former SS officer Hans Otto reveals to the criminal police in the city of Frankfurt in Hessen the existence of the fascist German stay-behind army BDJ-TD. The arrested right-wing extremist are found non guilty under mysterious circumstances.

1953 In Sweden the police arrests right winger Otto Hallberg and discovers the Swedish stay-behind army. Hallberg is set free and charges against him are mysteriously dropped.

1957 In Norway the director of the secret service NIS, Vilhelm Evang, protests strongly against the domestic subversion of his country through the United States and NATO and temporarily withdraws the Norwegian stay-behind army from the CPC meetings.

1958 In France NATO founds the Allied Clandestine Committee (ACC) to coordinate secret warfare and the stay-behind armies. When NATO establishes new European headquarters in Brussels the ACC under the code name SDRA 11 is hidden within the Belgian military secret service SGR who has its headquarters next to NATO.

1960 In Turkey the military supported by secret armies stages a coup d'état and kill Prime Minister Adnan Menderes.

1961 In Algeria members of the French stay-behind and officers from the French War in Vietnam found the illegal Organisation Armee Secrete (OAS) and with CIA support stage a coup in Algiers against the French government of de Gaulle which fails.

1964 In Italy the secret stay-behind army Gladio is involved in a silent coup d'état when General Giovanni de Lorenzo in Operation Solo forces the Italian Socialist Ministers to leave the government.

1965 In Austria police forces discover a stay-behind arms cache in an old mine close to Windisch-Bleiberg and force the British authorities to hand over a list with the location of 33 other MI6 arms caches in Austria.

1966 In Portugal the CIA sets up Aginter Press which under the direction of Captain Yves Guerin Serac runs a secret stay-behind army and trains its members in covert action techniques including hands on bomb terrorism, silent assassination, subversion techniques, clandestine communication and infiltration and colonial warfare.

1966 In France President Charles de Gaulle denounces the secret warfare of the Pentagon and expells the European headquarters of NATO. As the military alliance moves to Brussels secret NATO protocols are revealed that allegedly protect right-wingers in anti-communist stay-behind armies.

1967 In Greece the stay-behind army Hellenic Raiding Force takes over control over the Greek Defence Ministry and starts a military coup d'état installing a right wing dictatorship.

1968 In Sweden a British MI6 agent closely involved with the stay-behind army betrays the secret network to the Soviet secret service KGB.

1969 In Mozambique the Portugese stay-behind army Aginter Press assassinates Eduardo Mondlane, President of the Mocambique liberation party and leader of the FRELIMO movement (Frente de Liberacao de Mocambique).

1969 In Italy the Piazza Fontana massacre in Milano kills sixteen and injures and maimes 80 and is blame on the left. Thirty years later during a trial of right-wing extremists General Giandelio Maletti, former head of Italian counter-intelligence, claims that the massacre had been carried out by the Italian stay-behind army and right wing terrorists on the orders of the US secret service Central Intelligence Agency (CIA) in order to discredit the Italian Communists.

1970 In Spain right wing terrorists including Stefano delle Chiaie of the Gladio stay-behind army are hired by Franco's secret police. They had fled Italy following an aborted coup during which right-wing extremist Valerio Borghese had ordered the secret army

to occupy the Interior Ministry in Rome.

1971 In Turkey the military stages a coup d'état and takes over power. The stay-behind army Counter-Guerrilla engages in domestic terror and kills hundreds.

1972 In Italy a bomb explodes in a car near the village Peteano killing three Carabinieri. The terror, first blamed on the left, is later traced back to right-wing terrorist Vincenzo Vinciguerra and the Italian stay-behind code named Gladio.

1974 In Italy a massacre during an anti-fascist demonstration in Brescia kills eight and injures and maims 102, while a bomb in the Rome to Munich train "Italicus Express", kills 12 and injures and maims 48.

1974 In Denmark the secret stay-behind army Absalon tries in vain to prevent a group of leftist academics from becoming members of the directing body of the Danish Odense University whereupon the secret army is exposed.

1974 In Italy General Vito Miceli, chief of the military secret service, is arrested on charges of subversive conspiracy against the state and reveals the NATO stay-behind secret army during trial.

1976 In Germany in the secret service BND secretary Heidrun Hofer is arrested after having revealed the secrets of the German stay-behind army to her husband who was a spy of the Soviet secret service KGB.

1977 In Turkey the stay-behind army Counter-Guerrilla attacks a demonstration of 500'000 in Istanbul by opening fire at the speaker's platform leaving thirty-eight killed and hundreds injured.

1977 In Spain the secret stay-behind army with support of Italian right-wing terrorists carries out the Atocha massacre in Madrid and in an attack on a lawyer's office closely linked to the Spanish Communist party kill five people.

1978 In Norway the police discovers a stay-behind arms cache and arrests Hans Otto Meyer who reveals the Norwegian secret army.

1978 In Italy former Prime Minister and leader of the Christian Democratic Party, Aldo Moro, is taken hostage in Rome by an armed secret unit and killed 55 days later because he wanted to include the Italian Communists in the government.

1980 In Italy a bomb explodes in the waiting room of the second class at the Bologna railway station, killing 85 and seriously injuring and maiming a further 200. Investigators trace the crime back to right-wing terrorists.

1980 In Turkey the commander of the stay-behind army Counter-Guerrilla, General Kenan Evren, stages a military coup and seizes power.

1981 In Germany a large stay-behind arsenal is being discovered near the German village of Uelzen in the Lüneburger Heide. Right wing extremists are alleged to have used the arsenal in the previous year to carry out a massacre during the Munich Oktober beer festival killing 13 and wounding 213

1983 In the Netherlands strollers in the forest discover a large arms cache near the Dutch village Velp and force the government to confirm that the arms were related to NATO planning for unorthodox warfare.

1984 In Turkey the stay-behind army Counter-Guerrilla fights against the Kurds and kills and tortures thousands in the following years.

1984 In Italy right-wing terrorist Vincenzo Vinciguerra in court reveals Operation Gladio and the involvement of NATO's stay-behind army in acts of terrorism in Italy designed to discredit the communists. He is sentenced to life and imprisoned.

1985 In Belgium a secret army attacks and shoots shoppers in supermarkets randomly in the Brabant county killing twenty-eight and leaving many wounded. Investigations link the terror to a conspiracy among the Belgian stay-behind SDRA8, the Belgian Gendarmerie SDRA6, the Belgian right-wing group Westland New Post, and the Pentagon secret service Defense Intelligence Agency (DIA).

1990 In Italy judge Felice Casson discovers documents on Operation Gladio in the archives of the Italian military secret service in Rome and forces Prime Minister Giulio Andreotti to confirm the existence of a secret army within the state to parliament. As Andreotti insists that Italy had not been the only country involved in the conspiracy the secret anti-communist stay-behind armies are discovered across Western Europe.

1990 In Switzerland Colonel Herbert Alboth, a former commander of the Swiss secret stay-behind army P26, in a confidential letter to the Defence Department declares that he is willing to reveal „the whole truth“. Thereafter he is found in his house stabbed with his own military bayonet. The detailed parliamentary report on the Swiss secret army is being presented to the public on November 17.

1990 In Belgium the NATO linked stay-behind headquarters Allied Clandestine Committee (ACC) meets on October 23 and 24 under the presidency of Belgian General Van Calster, director of the Belgian military secret service SGR.

1990 In Belgium on November 5 NATO categorically denies the allegations of Prime Minister Andreotti concerning NATO's involvement in Operation Gladio and secret unorthodox warfare in Western Europe. The next day NATO explains that the denial of the previous day had been false while refusing to answer any further questions.

1990 In Belgium the parliament of the European Union (EU) sharply condemns NATO and the United States in a resolution for having manipulated European politics with the stay-behind armies.

1991 In Sweden the media reveals that a secret stay-behind army existed in neutral Finland with an exile base in Stockholm. Finnish Defence Minister Elisabeth Rehn calls the revelations “a fairy tale”, adding cautiously “or at least an incredible story, of which I know nothing.”

1991 In the United States the National Security Archive at the George Washington University in Washington files a Freedom of Information (FOIA) request concerning the secret stay-behind armies with the CIA in the interest of public information and scientific research. The CIA rejects the request with the standard reply: “The CIA can neither

confirm nor deny the existence or non-existence of records responsive to your request.”

1995 In England the London based Imperial War Museum in the permanent exhibition “Secret Wars” reveals next to a big box full of explosives that the MI6 and SAS had set up stay-behind armies across Western Europe.

1995 In Italy the Senate commission headed by Senator Giovanni Pellegrino researching Operation Gladio and the assassination of former Prime Minister Aldo Moro files a FOIA request with the CIA. The CIA rejects the request and replies: “The CIA can neither confirm nor deny the existence or non-existence of records responsive to your request.”

1996 In Austria stay-behind arms caches set up by the CIA are discovered. For the Austrian government Oliver Rathkolb of Vienna University files a FOIA request concerning the secret stay-behind armies with the CIA. The CIA rejects the request and replies: “The CIA can neither confirm nor deny the existence or non-existence of records responsive to your request.”

ANEXO 7 - AMERICANOS CONTROLAM MOVIMENTOS E CARGA DO ESPERANZA II

ALLEGED AMMUNITION AND DEMOLITION CARGO SHIPMENT Date: 1974 January 29, 12:45 (Tuesday)

FOLLOWING MSG WAS SENT INFO NAIROBI FROM USDAO ROME ITALY ON 19 JAN 74 AND IS REPEATED HERE FOR YOUR INFO:

QUOTE FROM USDAO ROME ITALY THIS IS IR NO 6 850 0031 74

1. ITALY/NIGERIA, KENYA, SOMALIA, TANZANIAN, ZAMBIA, FRANCE
2. ALLEGED AMMUNITION AND DEMOLITION CARGO SHIPMENT (U)
3. N/A
4. 30 DEC 73 AND 5 JAN 74
5. ROME, ITALY, 17 JAN 74

REQUEST EVALUATION OF THIS REPORT (C) THIS REPORT FORWARDS INFO CONCERNING ALLEGED AMMUNITION AND DEMOLITION CARGO SHIPMENTS FROM MARSEILLES, FRANCE AND TALAMONE, ITALY (42-33N-1108E), TO NIGERIA, KENYA, SOMALIA, TANZANIA, AND ZAMBIA, BY THE PANAMANIAN REGISTERED MOTORSHIP ESPERANZA II. THE INFO*WAS OBTAINED (UNSOLICITED) FROM THE CAPTAIN OF THE ESPERANZA II, IN THE FORM OF A LETTER PO*TMARKED 14 JAN 74, FROM CAGLIARI, SARDINIA. THE SHIP ESPERANZA IS BONA FIDE. HOWEVER, THE RELIABILITY OF THE SOURCE AND HIS INFO CANNOT BE JUDGED, THEREFORE THIS REPORT IS RATED F/6. 1. (C) ON 17 JAN 74 THIS OFFICE RECD A LTR ADDRESSED TO THE AMERICAN EMBASSY ROME, ATT: NAVAL ATTACHE, FROM THE CAPTAIN OF THE PANAMIAN REGISTRY MOTOR SHIP ESPERANZA II. THE LTR WAS POSTMARKED 14 JAN 74 FROM CAGLIARI, SARDINIA; ITALIAN STAMPS WERE UTILIZED. 2. (C) THE LTR STATED THAT ESPERANZA II LOADED THE FOLLOWING CARGO AT MARSEILLES ON 30 DEC 73; 2500 CASES OF 90MM EXPLOSIVE HEADS (77.5 TONS), 1500 CASES OF 130MM EXPLOSIVE HEADS (61 TONS) AND 572 CASES OF 9MM AND 7.62MM AMMO (33 TONS). THE EXPORTER WAS LISTED AS SOFRENAS OF PARIS AND IS DESTINED FOR LAGOS, NIGERIA AND MOMBASA, KENYA.

FM AMEMBASSY NAIROBI TO SECSTATE WASHDC 5339 C O N F I D E N T I A L FINAL SECTION OF 2 NAIROBI 00809 3. (C) FURTHER, ON 5 JANUARY 1974, AT TALAMONE, ITALY, ESPERANZA LOADED THE FOLLOWING, EXPORTED BY ITALESPLSIVI, S.P.A., MILAN, ITALY : 4000 CASES OF TNT AND 536 CASES OF DETONATORS. THIS CARGO IS LISTED AS WEIGHING 94 TONS AND IS DESTINED FOR MOMBASA FOR "TWIGA" CHEMICAL INDUSTRIES LTD, NAIROBI, KENYA; 800 CASES OF TNT AND 96 CASES OF DETONATORS (21 TONS TOTAL) DESTINED FOR "IMPREGILO", MOGADISCIO, SOMALIA; 1500 CASES OF TNT AND 280 CASES OF DETONATORS (35 TONS TOTAL) DESTINED FOR DAR ES SALAAM, TANZANIA FOR "TWIGA" CHEMICAL INDUSTRIES LTD. 4. (C) ESPERANZA ALSO LOADED THE FOLLOWING AT TALAMONE ON 5 JAN 74, DESTINED FOR THE QUOTE PERMANENT SECRETARY MINISTRY OF DEFENSE, LUSAKA, ZAMBIA UNQUOTE: 334 CASES 2.75 ROCKET-INERT DRILL (11 TONS), 125 CASES NUMBER 500 TRAINING BOMBS (7 TONS), 25 CASES NUMBER 500 BLASTING CHARGES (1.2 TONS), 18 CASES A/C ROCKET LAUNCHER- LAV/32 (1.5 TONS), 2 CASES "MAUS" ANTIPERSONNEL DROP MINES, NO. 1150, 24 CASES ANTIPERSONNEL AND SABOTAGE MINES, AUPS, NO. 1150 (417 KILOGRAMS, ANTITANK MINES, FD-62, NO. 1150 (10 TONS). THE EXPORTER FOR THE ABOVE CARGO IS LISTED AS AERONAUTICA MACCHI SP.P.A., MILAN, ITALY. 5. (C) COMMENT AND AVAIL INFO HAS ESPERANZA II LISTED AS A MOTORSHIP (MS) BUILT IN 1954 UNDER PANAMANIAN REGISTRATION WITH A GRT OF 499 TONS AND NET TONNAGE OF 353. ESPERANZA II IS EX-RIEN TEEKMAN. THIS OFFICE RECEIVES ON A DAILY BASIS, A LISTING OF MERCHANT SHIPS CALLING AT ITALIAN PORTS, HOWEVER, SHIPS UNDER 1000 GRT ARE NOT GENERALLY LISTED. ACCORDINGLY, THIS OFFICE CONFIDENTIAL CONFIDENTIAL PAGE 02 NAIROB 00809 02 OF 02 291411Z HOLDS NO RECORD OF ESPERANZA II CALLING AT ANY ITALIAN PORT DURING JAN 74. THE SIGNATURE ON THE LETTER FROM THE CAPTAIN OF ESPERANZA II IS DIFFICULT TO IDENTIFY; BEST GUESS IS LUDWIG PICERNIAZ. THE FOLLOWING IS INFORMATION ON THE TWO ITALIAN EX- PORTING FIRMS: ITALESPLSIVI, SPA, VIA TURATI 27, MILAN 20121. MAKERS OF EXPLOSIVES BASED ON AMMONIUM NITRATES OF POTASSIUM, SODIUM, BARIUM; GUNPOWDER (BLACK POWDER); EXPLOSIVE POWDERS FOR SPORT USE AND MINING; NITRIC ESTERS OF POWLVALENT ACOCOHOLS; NITRO- GLYCERIN, NITROCELLULOSE (COLLODION COTTON, CUN COTTON), NITROGLYCOL, NITROMARMITOL, ERYTHRITOL NITRATE, PENTAERYTHESITOL, TETRANITRATE (PENTHRITE, PETN); BLASTING GELATIONS; EXPLOSIVES FOR GEOPHYSICAL AND SEISMIC RESEARCH; ACCESSORIES FOR MINING AND MINE PRIMERS; SAFETY EXPLOSIVES: EXPLOSIVES FOR BREAKING UP BLAST FURNACES; BLASTING EXPLOSIVES: PRIMING EXPLOSIVES. AERONAUTICA MACCHI, SPA, VIA VITTORIO EMANUELE 15, MILAN 20122. PRESIDENT: DR. ENGINEER PAOLO FORESIO; VICE PRESIDENT (MANAGING DIRECTOR) GENERAL MARIO MATACOTTA. ROME OFFICE; VIA NOMENTANA 122 C/O PROF. FRANCHINI, 00164; PLANT AT VARESE; VIA SANVITO SILVESTRO 80, 21100. EXPORTER; MAKER AND SELLER OF AIR, NAVAL, RAILROAD AND AUTOMOTIVE VEHICLES; MAKES AIRCRAFT, JETS (SINGLE JET SYSTEM FOR LIFT AND PROPULSION); CONTROL ORGANS; OIL STRUTS; ROCKET LAUNCHING PRETEST DEVICES: EMERGENCY BOMB RELEASE CON- TROLS; POWER GENERATING SETS FOR GROUND SUPPLY TO AIRCRAFT. GDS-80 UNQUOTE MARSHALL CONFIDENTIAL

ANEXO 8 - FOTOS DA DESTRUIÇÃO OPERADA NO ANGOCHE

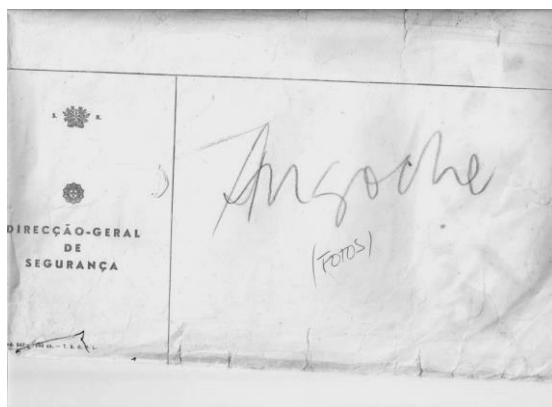
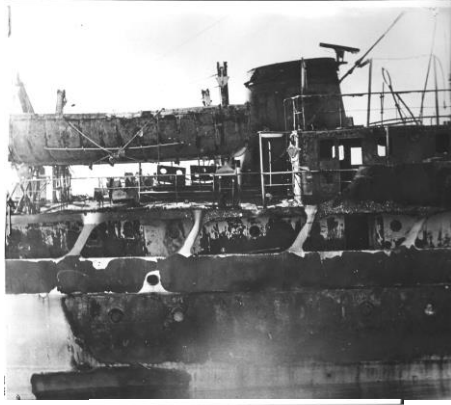
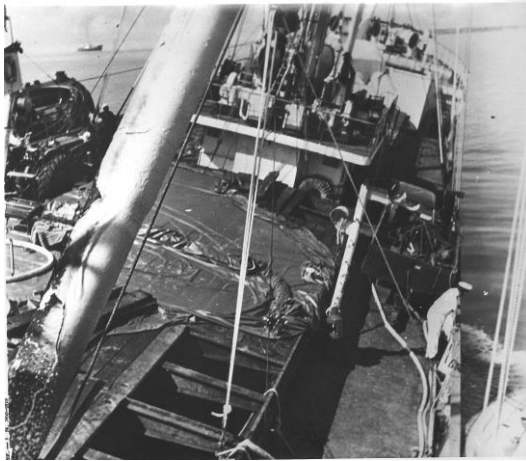


Foto 1 - Envelope em que vieram as fotos expostas, nesta página e seguintes, tiradas pela brigada da DGS que foi a bordo do Angoche, em 6 de Maio de 1971, comandada por Casimiro Monteiro



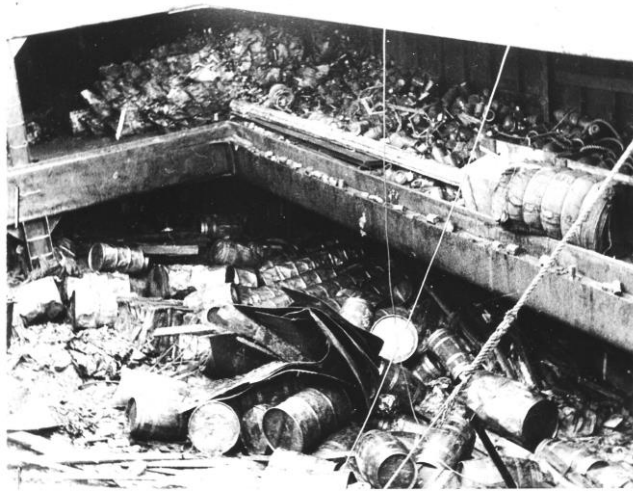












ANEXO 9 – OS ARQUIVOS DA PIDE A CAMINHO DE MOSCOVO. IN ‘EXPRESSO’

Vejamos como foram parar a Moscovo ficheiros do Angoche, se é que estavam ainda nesse lote referido. Um artigo especial do *Expresso* do qual com a devida vénia reproduzimos excertos, retrata bem a situação. A autoria é de José Pedro Castanheira¹:

Devia ter sido feito em segredo e pela calada da noite, mas o desvio de centenas de quilos de documentos da PIDE/DGS, no auge do Verão Quente de 1975, foi testemunhado pelo próprio comandante da PSP de Lisboa.

Foi numa noite do Verão Quente de 1975 em que havia Conselho da Revolução. O comandante da PSP de Lisboa estava a comer no restaurante Belcanto quando um dos donos o alertou. No Largo de São Carlos, ao pé da ópera, estavam estacionados dois camiões da Armada, para onde um grupo de marinheiros - fala-se em 10 a 12 - ia transportando caixotes trazidos, escadas abaixo, das ruas vizinhas. Seriamente intrigado, o tenente-coronel José Aparício mandou dois dos seus homens investigar. Os volumes vinham da antiga sede da PIDE/DGS, a polícia política da ditadura, na Rua António Maria Cardoso. Assim que os camiões se puseram em marcha, foram seguidos por dois subchefes da PSP numa viatura à paisana. Quando regressaram ao Comando da Rua Capelo, os graduados contaram que os camiões foram diretamente para o aeródromo militar de Figo Maduro, contíguo ao aeroporto da Portela, tendo transferido a mercadoria para um aparelho da Aeroflot, a companhia de aviação da União Soviética.

Foi o antigo general do KGB Oleg Kalugin quem, em 1994, confirmou nas suas memórias o que há muito se suspeitava: o desvio de inúmera documentação da PIDE/DGS para Moscovo. (...)

Um outro alto funcionário do ex-KGB, Mitrokhin, pormenorizará em livro parte do conteúdo do acervo documental desviado para a então União Soviética, que só de Portugal totalizava 474 quilos.

O tenente-coronel José Aparício, garante ao Expresso que ‘foi no verão de 1975, muito provavelmente no tempo dos governos de Vasco Gonçalves.

(...) Uma vez que a messe da polícia encerrava depois do jantar, durante a noite, ‘quando era preciso, íamos comer ao Belcanto, que passou a ser uma espécie de cantina’. Um dos restaurantes mais afamados do Chiado — hoje dirigido pelo chefe José Avillez’. Aparício conhecia alguns dos agentes secretos que pululavam em Lisboa, muitos hospedavam-se no Tivoli:

‘Vi o Jacques Foccart no Belcanto mais de uma vez, logo a seguir ao 25 de Abril.’ Foccart era um dos responsáveis dos serviços franceses de informação, muito atento a tudo quanto se passava em África, incluindo a Lusófona... ‘Veio ver quem mandava nisto. Foi trazido pelo genro do Jorge Jardim, o comandante Themes de Oliveira, que eu conhecia muitíssimo bem.’

O Belcanto era (e é) servido por duas portas, uma que dá para a Rua Anchieta, enquanto a principal está virada para o Largo de São Carlos. ‘O Foccart nunca entrava e saía pela

¹ in expresso.sapo.pt de 16.04.2016 às 14h00

mesma porta. E sei que o Marenches também lá foi — mas esse não o cheguei a ver pessoalmente.’ Diretor do SDECE, os serviços secretos franceses, o famoso conde Alexandre de Marenches fora quem, na manhã de 25 de Abril de 1974, ao receber em Paris o subdiretor-geral da DGS, Barbieiri Cardoso, o informara de que estava a decorrer um golpe militar em... Lisboa.

Igualmente contactado pelo Expresso sobre o que se passou nessa noite foi o então comandante do COPCON, a quem Aparício admite que também enviou uma cópia do relatório do que viu. ‘Não me lembro de qualquer relatório desse género’, afirmou o coronel Otelo Saraiva de Carvalho. ‘Lembro-me muito bem de ter o José Aparício nos briefings matinais do COPCON — designadamente no dia do assalto ao consulado e à embaixada de Espanha, em que a PSP não fez nada. Mas esse tal relatório nunca o vi e nunca ouvi falar dele. Otelo, que tem acompanhado as revelações do Expresso a partir do arquivo Mitrokhin, acredita que ‘a maior parte da documentação terá sido levada para Moscovo não durante o PREC mas logo a seguir ao 25 de Abril, quando se formou a Comissão de Extinção da PIDE/DGS’.

José Aparício confia, porém, na sua (excelente) memória. ‘Há coisas que nunca se esquecem na vida. Uma delas, por exemplo, é a origem do avião que levou os caixotes da PIDE. É que não era um avião da TWA, era da Aeroflot, não sei se me faço entender...’

O conteúdo dos caixotes só viria a ser conhecido em 1994, através do antigo general do KGB Oleg Kalugin. No seu livro ‘Memórias de Um Espião’, aquele dissidente soviético refere a audaciosa operação que consistiu no transporte, num camião, de uma ‘montanha de dados classificados’ para a embaixada da União Soviética em Lisboa, de onde transitaram de avião para Moscovo. Muitos outros detalhes surgiram a público em 1999, com a revelação do arquivo Mitrokhin — o ex-arquivista-chefe de um dos principais departamentos do KGB. (...) Mas os pormenores da rede portuguesa do KGB só recentemente foram divulgados pelo Expresso. Um dos apontamentos redigidos por aquele alto funcionário do KGB — que se refugiou em Inglaterra com todo o seu gigantesco acervo documental — confirma de forma inequívoca que, ‘no final de 1975’, a organização do KGB (ou rezidentura) em Portugal ‘recebeu do PCP’ diverso material pertencente ao arquivo da PIDE/DGS.

ANEXO 10 - DIÁLOGOS ONLINE DE FILOMENA CORREIA MENDES SOBRE A OLÍVIA

Uma história de ‘faca e alguidar’ ou enredo de telenovela mexicana. Há de tudo, desde paixões assolapadas que levam ao suicídio, oficiais que conspiram com ou contra o Estado. Gente que sabe ou ouviu demais. Uma filha à procura da família e que acredita, e brada, que o pai terá morto, ou mandou matar a mãe, pai esse que, anos mais tarde, com os ventos da revolução pela popa, se torna contra-almirante...

Optámos por pouco editar, ao nível da linguagem e da ortografia, nos diálogos gerados a propósito, no Facebook. Ao critério do leitor, a sua interpretação. O ‘boneco’ que adiante se mostra surgiu no antigo jornal ‘Retornado’, uma das publicações dirigidas por Arthur Ligne, aliás, Artur Linha, a seguir ao 25 de Abril.

A nossa opinião continua, porém, a ser a mesma, de que o Víctor Crespo não é de facto o responsável pelo que sucedeu no Angoche. Nem o Crespo nem o Rosa Coutinho. Quanto à moça ‘suicidada’ no ‘Miramortos’, ambas as partes presentes na Beira, tanto a facção revolucionária como a que tenta obstar à actividade dos núcleos esquerdistas da Marinha, podem ou não ter estado por detrás da morte de Olívia. Ou pode até nada ter a ver com política, tão somente caso passional. Mas vamos passar os olhos por uma lista pública de mensagens do Facebook, em 2016, da Filomena Correia Mendes, a suposta filha da Olívia Mestre:

Anabela Rocha Mena · 11/8 às 15:46. *Ao saber a tua história fiquei sem palavras. Era miúda e sempre ouvi falar do assassinato da tua mãe e inclusivamente até se perguntava ‘se os mortos gritavam ou falavam’, agora não me recordo muito bem. Andei também no Colégio das Mères e, provavelmente conheço-te, mas pela fotografia é-me difícil. Afinal, já passaram tantos anos e as nossas feições mudam. Tens aqui uma amiga em quem podes confiar e desabafar sempre que quiseres. Estou contigo na tua dor que, decerto, nunca adormecerá. Bj*

Hélder Martins: *Filomena - Eu conheci pessoalmente a Olívia. Para além de bonita, muito boa pessoa, muito humana e muito generosa... Conheci-a porque trabalhamos juntos (eu fui músico não profissional embora a minha profissão fosse despachante à época) e passo a resumir como ela chegou à cidade da Beira e onde trabalhou comigo.*

Naquele tempo, era usual alguns empresários da noite virem à chamada Metrópole (Portugal) contratarem pessoal para trabalharem em Moçambique. Neste caso particular a Olívia foi contratada para empregada de mesa de um restaurante na Beira. Quando chegou à Beira, foi confrontada com uma situação. Que era ir trabalhar para uma Boite. Ora a Olívia, sem dinheiro e sem meios, teve de aceitar tal trabalho em meados da década de 60. [N.A. – corrijo, Fevereiro 1971]

Porém, cada pessoa que chegasse da Metrópole, estava referenciada pela PIDE e neste caso concreto de pessoal recrutado para Boites mais incidência havia. No seu local de trabalho, ela fazia o seu serviço muito correctamente, mas era uma boa ouvinte e confiante. Naquela altura, havia comissões de serviços de militares de vários quadrantes e esteve por lá o almirante Victor Crespo, conhecido pelo Vítor Copos... Ele tornou-se amigo da Olívia e confidenciou alguns planos que estariam em marcha para se fazer um golpe militar.

A Olívia, ficou a ter conhecimento de algumas coisas e daí a PIDE reforçou a 'perseguição' incluindo chamadas telefónicas sob escuta, que ela desconhecia que inclusivamente, ela teve de passar algumas informações à PIDE... Ora o Vítor Copos, com receio que algo pudesse contrariar o plano deles, juntamente com outros ainda se fez mais amigo da Olívia ao ponto de um dia ter acontecido o que aconteceu, infelizmente. 11/8 às 16:38



Foto 2 - Cartoon de O Retornado aludindo a Victor Crespo e à morte de Olívia

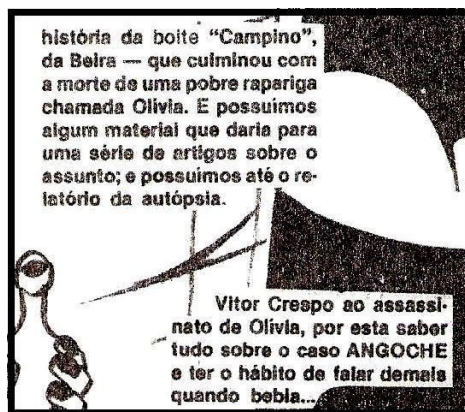


Foto 3 - um detalhe do mesmo cartoon de O Retornado



Foto 4 - Victor Crespo já após Abril de 1974, à chegada ao Palácio de Belém

Filomena Correia Mendes: Sr. Hélder muito obrigada, tudo isto vem a confirmar os pedacinhos k me chegaram. Eu só soube da verdade há coisa de 4 anos nem tinha ideia k era adoptada, só este ano no dia das mulheres vi a primeira foto dela as k aki estão é tudo o k tenho.

Sr. Hélder não querendo maça lo com perguntas mas espero k compreenda, acerca de mim, ela falava? Cuidava de mim? Quando a mataram lá em casa onde eu estava? E acerca do meu suposto progenitor tudo até agora aponta para o Vítor Copos, sabe? 11/8 às 16:49

Hélder Martins: Sim Filomena - A Olívia acho que foi mãe no final da década de 60 ou logo no início do ano 70... foi uma boa mãe e como mãe, ela falava todos os dias da filha que estava a crescer e as suas peripécias diárias com que a filha lhe surpreendia... Habitualmente, ela deixava a filha, pela noite, pois o trabalho dela também era pela noite, com uma senhora que não me recordo do nome... Falou-se sim e muito que ele teria sido engravidada pelo Vítor (Copos) Crespo pois eles passavam muitos momentos juntos e isso ele também não queria assumir por ser casado e estar em comissão de serviço como comandante de fragata e sobretudo porque ele já teria confidenciado algumas coisas muito importantes à Olívia... 11/8 às 17:00

Filomena Correia Mendes: Áaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Nem sabe o k me está a fazer! Tenho o coração a mil! Eu sentia tdo isso mas só queria a certeza, o meu neto k acabou de nascer é a cara do Vítor espero só por tudo k não seje a reencarnação dele! Pk nasceu da minha filha k é a Olívia chapada! - 11/8 às 17:13

Hélder Martins: Filomena - Só lhe posso dar uma certeza. Conheci a sua Mãe e como já disse muito boa pessoa, simpática, boa ouvinte, boa amiga, boa colega... Quanto ao resto penso que não haverá ninguém que possa garantir algo... de uma certa intimidade com quem ela se relacionou... (...) 11/8 às 17:18

Filomena Correia Mendes - (...) Em relação ao Vítor k por mim e só por mim o trato assim e já é um grande favor... A consciência é dele da alma dele e das noites mal dormidas k deve ter tido! Afinal tenho irmãos tenho (pra lém dos meus filhos) familia não estou sozinha no mundo. Admira me os meus irmãos nunca terem tido curiosidade em me procurar!

Tb havia um tal de Zilhão mas k vissem a passar noites com ela lá no apartamento era mesmo o Vítor. Onde eu estaria na hora do assassinato? Com a 'ama' ? 11/8 às 17:23

Filomena Correia Mendes - Do meu progenitor para além de algumas semelhanças devo ter herdado o feitio, e só vou parar quando morrer! Se não conseguir assim vou pra TV. E aí olhem... boca no trombone sobre tudo... O assassinato da minha Mãe, caso Angoche e muitas 'virgulas' deixadas para trás. Quero evitar isso, por essa razão ando a ver se chego lá! - 11/8 às 23:42

Hélder Martins – Filomena, Não tenha a menor dúvida que foi querida pela sua Mãe. . . pois se ela não quisesse ser Mãe, poderia também naquela altura fazer um aborto clandestino até porque na Beira faziam-se muitos, mas ela assim não decidiu e foi mesmo em frente com a gravidez. Ouvei falar de um tal Zilhão, mas não sei quem é, pois eu só conheço pessoalmente um Paulo Zilhão que penso nada ter a haver com o caso. Não sei onde estaria na altura da tragédia e nem me lembro a que horas e dia que isso aconteceu.

ANEXO 11 - FILOMENA E A FAMÍLIA CORREIA MENDES, DA BEIRA, MOÇAMBIQUE

Filomena Correia Mendes - Quem aqui conhecia a D. Deolinda? Professora, casada com Raimundo Mendes funcionário do Barclays Bank, contabilista, amiguíssima das irmãs Paulistas, do padre Carreira, etc. 11/8 às 15:17 ·

Hélder Martins - Conheci eu a Senhora Deolinda Mendes. Foi minha professora de ciências na EICFA (Escola Comercial e Industrial Ferreira de Andrade). Salvo erro o Sr. Mendes chegou a chefe de serviços do então Banco Comercial de Angola que substituiu o Barclays Bank. Este casal tinha um carro de marca Ford Taunus 17 M, branco na altura. Esta senhora era bem alta e como mulher portuguesa estava acima da média. Infelizmente, era uma senhora que não podia ter filhos e sei que mais tarde, este casal adoptou uma menina.

Filomena Correia Mendes - Sim! Sou eu! Adoptaram-me! Foram eles os meus Pais! 11/8 às 17:38

Hélder Martins - Ups ! Surpresa. Quem diria... mas ainda bem. Boa gente. 11/8 às 17:40

Filomena Correia Mendes - Quando chegamos a Portugal a minha Mãe morreu queimada de acidente e o meu Pai morreu de desgosto, no espaço de um ano voltei a ficar sozinha na vida. E o Vítor (Crespo) na boa vida! - 11/8 às 17:43

Hélder Martins - Que notícia Filomena Não sabia desse trágico acidente. Que Deus os tenha em eterno descanso. Em que ano isso aconteceu ? (...) 11/8 às 17:47

Filomena Correia Mendes - Verdade... A minha Mãe eu tinha 13 e o meu Pai um ano dpx, já estávamos no Porto. Foi há 34 anos - 11/8 às 17:51

Beatriz Garcez - Eu soube do acidente dela num convívio da EICFA· 11/8 às 18:09

Beatriz Garcez - Ela foi minha prof. em 1971/2 tive tantos profs , mas dela nunca me esqueci, não só por gostar de mat. mas também por ela saber ensinar. 11/8 às 18:32

Maria Joana Rodrigues - Também foi minha professora e fui colega da sobrinha que tinha o mesmo nome. Era uma personalidade, lamento. Falava de ti com tanto carinho como se de uma filha biológica fosse. 11/8 às 20:04

Filomena Correia Mendes - Tão bom reviver e ouvir falar assim de quem de verdade me Amou! Sou a filha k adoptaram! A filha da assassinada do 'Miramortos' a Olívia! 11/8 às 17:41

Augusto Silva - Muito prazer, não sabia. No entanto sabia de uma menina que eles tinham, penso que foi ao Natal do Banco ou não?

Filomena Correia Mendes - Sim sim fui sim! Lembro-me e tenho fotos aliás são centenas de fotos e slides mas a maioria perdi. O meu Pai andava sempre com a máquina a tirar! 11/8, 18:33

Augusto Silva - *Eu recordo-me de ver uma menina com eles. Viajei no Angoche de Lourenço Marques para a Beira em 1962, como militar (fresquinho). Ele era muitíssimo calmo, gostava de jogar xadrez e lia os jornais todos que apanhava, fossem eles em português ou noutra língua. 11/8 às 18:35*

Maria Helena Fernandes - *Foi minha professora de Contabilidade e Matemática e antigo Calculo Comercial. Tinha um feitio muito próprio. Tanto se ria como de repente ficava seria e a aula começava. Mas eu gostava muito dela. 11/8 às 21:59*

Hélder Martins - *Como vê Filomena há aqui testemunhas abonatórias e que foi uma menina muito querida para o casal Correia Mendes. Ele, homem calmo e grande jogador de xadrez, e sobre a professora Deolinda, foi uma pessoa que me marcou imenso devido à sua personalidade. 11/8 às 22:04*

Filomena Correia Mendes - *Obrigada. A minha Mãe adorava lecionar e sei que tinha um carinho especial por cada aluno! É lógico que tinha uma afinidade maior com alguns! Mas as aulas e as ajudas nas missões católicas eram a paixão dela e eu sempre ia com ela nas férias! Lembro me de algumas coisas e pessoas! - 11/8 às 22:26*

Augusto Silva - *Exatamente. Quando o Raimundo Correia Mendes veio para Portugal, ele era o chefe da secção de letras e eu era o chefe da secção do estrangeiro. Um abraço. 11/8 às 23:20*

Hélder Martins – *Filomena, tem razões para se sentir orgulhosa dos pais que teve bem como os colegas e amigos directos dos pais. (...) 11/8 às 23:54*

Filomena Correia Mendes - *É verdade! Isso eu lembro e senti por todo o lado que ía com eles, a Beira era como uma grande Família! 11/8 às 22:39*

Hélder Martins - *Isso mesmo, era uma ‘família’, e ainda somos, apesar da distância em que cada um se encontra, mas estamos sempre unidos nos nossos encontros de almoços e o facebook ainda nos aproximou mais. 11/8 às 22:43*

Filomena Correia Mendes - *A sério, tenho muito que agradecer ao facebook realmente é um grande ponto de encontros e reencontros! 11/8 às 22:48*

Filomena Correia Mendes - *A malta da Beira é a malta da Beira! Igual a nós não há! 12/8 às 0:27*

Jasmim Alberto Gerivaz – *Filomena, bota boca no trombone pois há quem saiba dessa História, nesse tempo, não terão ligado a mesma ao caso Angoche. Se calhar alguns sabiam, mas seria tudo gente da Marinha de Guerra. Quanto ao teu pai biológico, só descobrindo a brasileira. 12/8 às 1:56*

*

Jose Carlos Portela - *Eu vivia na Beira e conheci a Olívia na noite, sei que o Vítor Copos andou muito tempo envolvido com ela... sei que elementos da oposição a conheciam, especialmente da marinha nunca cheguei a entender se a sua morte teve a ver com elementos da oposição ao regime se a elementos da PIDE, porque o facto de ela andar envolvida com elementos da oposição pode ter sido vitima da PIDE, por outro lado se ela*

estivesse a colaborar com a PIDE seria eliminada pelos elementos esquerdistas...fica a dúvida. O certo é que ficou no meio do 'fogo' e foi tramada por um dos lados falou-se muito do comandante Sérgio Zilhão, (se for vivo hoje terá 82 anos) comandante na época de uma fragata, mas desconheço qual o seu papel neste caso... não esquecer que o caso Angoche pode também ter algum relacionamento com este caso... só sei que a Olívia, que era uma pessoa aparentemente discreta, foi vítima, sei que a sua bebé (a actual Filomena) era bem tratada havia uma senhora que cuidava dela na sua ausência, e recorde da brasileira amiga dela só não sei o nome, depois sei que trataram da adopção da Filomena, por um casal local. 15/8 às 14:31 15/8 às 14:31

Filomena Correia Mendes - Muito obrigada. É crucial o seu comentário. Tudo é útil. 15/8 às 15:22

José Carlos Portela - Há um outro nome da marinha que é importante neste processo, envolvido também, que em tempos eu soube, mas esqueci, vou ver se descubro - 15/8 às 15:24

Jasmim Alberto Gerivaz - Pois, foi o Genro dele (do Victor Crespo) que fez o 25 de Abril, não me tinha ocorrido que a mulher do Salgueiro Maia fosse filha do Victor Crespo. Então ainda há muito para contar tantos anos depois.

Flamínio José Pacheco - Eu também me lembro da morte da Olívia... No mesmo local passados um par de anos o sobrinho do Rosa Coutinho matou o meu amigo de infância Bartolomeu. - 14/8 às 8:11

JC Maia - Eu vivia na rua Comandante Diogo de Sá mesmo em frente à igreja N. Srª de Fátima, na rua paralela a esta (não me lembro o nome) uma das fachadas do sinistro 'Miramortos', estaríamos em 1970/71? Uma noite como tantas outras ouvimos algo de estranho... Alguém tinha caído julgo que do 4º andar, eu o meu pai e alguns vizinhos fomos para o local pelas traseiras do nosso prédio e quando lá chegamos vimos o corpo de uma jovem no passeio do prédio que acabaria por falecer... Uns diziam que tinha caído, outros que foi empurrada, o que aconteceu nunca soube era muito jovem, devia ter na altura cerca de 13 anos mas essa imagem ficou na minha memória.

Jamais imaginei que passados cerca de 45 anos estivesse a ler esta mensagem da própria filha e de todos os comentários principalmente as explicações ao pormenor do nosso amigo Hélder Martins. Ainda não consegui ler metade do que aqui está mas com calma vou ler em pormenor. Faço votos que a Filomena consiga encontrar tudo aquilo que pretende saber sobre os seus progenitores. - 14/8 às 23:55

Filomena Correia Mendes - muito obrigada JC Maia, sim foi em 71 e ela tinha 22 anos eu 2 anos de idade! Quem me fez, o amante fixo dela durante bastante tempo, sabia muito bem da minha existência, nunca teve a dignidade de saber se eu precisava de um pão sequer, desapareceu deixou-me à mercê da vida. Tudo porque sou nascida fora do casamento e o excelentíssimo teve vergonha de mim e medo de ser apontado e descambar de nível! Triste mas verdade! 15/8 às 0:32

Hélder Martins - Olívia Maria Mestre - pessoa que conheci com amor e carinho. Confirmando uma vez mais que era boa colega e amiga, para além de ser generosa. Enquanto em vida, serei sempre uma testemunha ao pormenor. Depois disso, o caso foi

abafado e eu entretanto fui cumprir o serviço militar, mas ela é digna ser relevante neste processo. 15/8 às 0:47

Hélder Martins - *Filomena, certezas de quem foi o progenitor presumo que ninguém tem, a não ser a própria Olívia senhora sua Mãe e quem a progenitou. Lembro-me que ela partilhava a 'flat', assim se chamava na Beira a um apartamento, com uma Brasileira, mas não me recordo quem era nem o nome dela, aliás, eu nunca fui à flat dela, apenas trabalhávamos juntos e depois dali, cada um seguia a sua via pessoal. 11/8 às 17:10*

Filomena Correia Mendes - *Sim há outras testemunhas e foi muito falado entre linhas o caso que mantinha com Vítor copos e até xeguei a uma testemunha k na hora do crime o viram a sair do apart como tantas outras vezes. Ela apresentava sinais de luta nas unhas e ouviu se os gritos e barulhos como uma discussão acesa! Enfim isso já foi e tudo ficou em águas de bacalhau! - 11/8 às 17:31*

Beatriz Garcez - *Era miúda e lembro-me de toda a Beira ficar revoltada com o que aconteceu e também de culparem esse tal senhor, beijinhos - 11/8 às 17:41*

ANEXO 12 - A JORNALISTA VERA LÚCIA CARMONA TENTA ESCLARECER

Vera Lúcia Carmona - 13 de agosto de 2016 às 21:36

Estou a ver que não vou conseguir esta longa explicação. Droga!!!

Sem hipótese de outro contacto visto ter sido cortado o contacto directo aqui vai mais umas informações: Sua mãe tinha em Lisboa um apartamento na rua Silva Carvalho nr. 145, 4 º andar A, cujo recheio dizia-se pertencer à falecida. Foi encontrada no apartamento onde se seu o crime numa carta alegadamente da Olívia que dizia:

‘Peço desculpa todos que possa ferir com este meu acto. Amei em vão? Peço também que um dia quando o meu filho for grande ou seja homem lhe digam que sempre o amei. Adeus meu amor. Estarei sempre contigo. Sê feliz.’

Depois deste texto ainda vem uma anotação que não se consegue decifrar bem e que diz o seguinte:

‘Se depois de tudo acabado para mim, puder ser útil para alguém será a única coisa que poderei fazer.’

Tal carta terá sido enviada a uma familiar de nome Cidália moradora na Barragem do Monte da Rocha. Esta carta, a meu ver, foi apenas para dar a ideia dum suicídio que foi logo considerado como falso.

Maria Filomena Corrêa Mendes - o jogo era manipular uma carta de despedida mas ela foi esperta redigiu a carta com gafes que na hora do acto cometido o agressor criminoso não conferiu direito, ela foi esperta deixou essa pista! 13 de agosto de 2016 às 23:07

Vera Lúcia Carmona - Isso é incontestável porque tenho comigo o relatório policial da morte. Tal relatório é bem explícito quanto aos sinais de luta de defesa, presença do homem e gritos de socorro. 13 de agosto de 2016 às 23:14

Vera Lúcia Carmona - Amigo Xico Noca: Tenha a certeza numa coisa; Se não estivesse doente e já não fosse nova, este caso tinha avançado sem entraves, viessem deles donde viessem. Ainda em jornalismo, nunca consegui confrontar-me com o Zilhão porque ou estava fora ou doente (resposta da família).

Inclusive, fui a última jornalista a falar com o Silva Pais na cadeia e para além de tentar informações sobre a morte do Delgado, também levava na manga o caso Angoche. Já muito doente ele assegurou-me que este caso foi tratado à revelia da PIDE que nunca souberam o que na realidade se passou.

Um pormenor em que ninguém fala, talvez por desconhecerem é que a Olívia Maria Mestre era dactilógrafa do Ministério do Ultramar e foi de lá que pediu a transferência para Moçambique... Pediu ou convenceram-na a pedir?

Uma coisa importante. O mistério do Angoche mais não foi que uma negociata de armas, como mais tarde aconteceu com Angola e a UNITA. Neste escândalo aparece o Amaro da Costa, para desvendar e denunciar os negócios que estavam a ser feitos, com governantes da altura que tinham que ser denunciados. Pergunto: O desastre aéreo em

que ele morreu aconteceu por acaso? Tretas! Ele sempre foi o único alvo e não o Sá Carneiro. Aqui houve um aproveitamento político e a investigação do Amaro da Costa acabou em nada! Grande manobra!

Se pensar nos milhões que representavam estas escandalosas negociatas será fácil entender que o dinheiro estava primeiro! Veja os que ficaram muito bem na vida com estes negócios em tempo de guerra com o ex-ultramar e movimentos de libertação! Em Angola, por exemplo contavam ainda os diamantes, contratos de petróleo, etc. E tais negócios não eram só com políticos; Envolviam também banqueiros, empresários e outros que tal...

Já compreende melhor o que se passou? Por isso acabaram os tempos áureos. As minas secaram! E quem se lixou fomos nós... Investigue e veja se há um, um sequer que neste momento não esteja numa boa. Não brinquem com coisas sérias que a verdade há-de chegar.... - 13/8 às 21:38

*

Maria Silva - *Lembro-me perfeitamente. Essa Senhora foi assassinada. E obrigada e escrever essa carta. Segundo a versão da altura ela trabalhava no Moulin Rouge uma boite. Penso por ciúmes foi assassinada. Uma jovem na altura. 16 de agosto de 2016 às 16:46*

Maria Filomena Corrêa Mendes - *Campino.*

Maria Silva - *Sim querida foi no campino. Nessa altura o meu marido era o baterista do conjunto. Segundo ele me disse uma excelente pessoa muito educada e sempre com boas maneiras. Infelizmente já se passaram muitos anos e agora será muito difícil conjugar tudo que se passou e além disso Moçambique já não faz mais parte das Colônias. Sinto bastante o que aconteceu a uma pessoa tão jovem. E nessa altura onde te encontravas em Portugal ou Moçambique? Com certeza que a tua Mãe te adorava e nunca teria pensando que alguém sem escrúpulos, um tarado lhe iria roubar a vida a tão tenra idade. Um grande beijinho. 17 de agosto de 2016 às 16:17*

Maria Filomena Corrêa Mendes - *Na Beira só vim de lá em fins de '74 ela foi assassinada em '71.*

Afonso Ribeiro da Silva - *Neste caso, o que se dizia era 'o caso da senhora que morreu 2 vezes', morta no apartamento e morta na queda do 'Miramortos', mas o culpado FOI ABAFADO - 12/8 às 12:28*

Dulce Seco - *Lembro-me deste caso. Foi tudo, camuflado! Bjinhos e, força - 12/8 às 11:13*

Ari Fidalgo - *Morava a 200 metros do Prédio de onde caiu ou, foi projectada! A tua mãe Filomena Correia Mendes sabia algo que devia preocupar certos oficiais das Forças Armadas! Pelas circunstâncias tudo levava a crer que a PIDE é que arquitectou a sua morte! Eu a conheci e com imensa tristeza, te digo, a tua luta será inglória!!! É segredo de Estado!!! Paz a sua alma. Bj - 12/8 às 18:08*

Vera Lúcia Carmona - *Não concordo que se seja derrotista à partida... É segredo de Estado? E esse Estado é intocável? Não é formado por homens? Por haver tanta falta de*

coragem e cepticismo é que as coisas chegaram ao ponto que chegaram... Só se ouve: Desistam... Desistam... Basta de tanto conformismo! Mata-se uma jovem e o assassino continua numa boa? Tenha dó! Estamos no sec. XX não no tempo da inquisição. Há culpado! Que ele pague mesmo que seja tarde. E basta de desiludir a Filomena que mais não quer que vingar (nem isso!) limpar o nome da mãe. É um direito que temos que alimentar e não dá-la já como vencida já que de vencidos não reza a história! - 12/8 às 20:33

Filomena Correia Mendes - *E eu não posso parar, desde pequena que tenho pesadelos que eu caía numa caixa de elevador e ao sentir me cair sabia que ia encontrar a morte. Acordava em pânico! Nunca percebia isto até ao dia há bem pouco tempo que a verdade me foi revelada. Nem imaginam como fiquei! Bemmm, se sempre acreditei em Deus etc neste momento tenho certezas e objectivos a cumprir, estou a levar isto ao domínio publico e não vou parar! Não posso e nem devo! - 12/8 às 22:04*

Maria Helena Fernandes - *Eu tinha os meus 14 anos e lembro me bem de ouvir falar pois foi muito comentado este caso... Era o prédio dos mistérios de encontros e desencontros e lembro me bem que o meu pai me dizia sempre para nunca lá entrar. Nele também morreu o meu amigo e vizinho o Bartolomeu cuja morte também foi um mistério. Minha amiga acho que deve mesmo tentar descobrir a verdade sobre a sua morte. Coragem e vá ate ao fim. 12/8 às 18:46*

Vera Lúcia Carmona - *Testemunhas inconvenientes pura e simplesmente desaparecem. Não prisioneiras em campos africanos vizinhos (como quiseram fazer crer) mas infelizmente de modo mais radical. É dura esta verdade mas as coisas acontecem assim e impunemente. Negócios de armas são sempre 'perigosos' mas lucrativos. Mas é óbvio que os tripulantes não estavam ali para ganhar o que quer que fosse. Antes pelo contrário, eram testemunhas indesejáveis! - 12/8 às 21:07*

Idálio Barreiro Ferreira - *Olá Lena, falas no Bartolomeu, sim recordo-me perfeitamente, porque ele trabalhava comigo no Garcia E Reis, Lda a casa das motas, e quando isso aconteceu foi um choque brutal. - 12/8 às 19:05*

Maria Helena Fernandes - *Muito mesmo e ninguém soube dar respostas eram os tais mistérios do 'Miramortos' - 12/8 às 21:44*

Flamínio José Pacheco - *Lena o Bartolomeu foi assassinado pelo sobrinho do Rosa Coutinho. Meteu-lhe a cabeça no buraco do vidro da porta do elevador e carregou no botão. Ele foi parcialmente decapitado. Eu fui amigo dele desde criança, fomos vizinhos e colegas de escola. - 14/8 às 12:53*

JC Maia - *Lembro-me muito bem do que aconteceu ao nosso amigo Bartolomeu como descreve o Flamínio foi de facto dessa forma trágica estive no local e vi com os meus olhos a tragédia, jamais esquecerei. Desconhecia que foi assassinado.- 14/8 às 23:05*

Flamínio José Pacheco - *Quem o matou era comando na altura... Pobre Bartolomeu era um puto impecável. - 15/8 às 8:14*

Ari Fidalgo - *Xico Nhoca a maioria das pessoas que aqui postaram as suas opiniões desconhecem o que é desvendar um mistério ocorrido dezenas de anos atrás com uma queima de arquivo e vítimas humanas! Não há crime perfeito, mas há crimes sem*

solução por bloqueamento dos poderosos. Você é conhecedor da matéria. - 13/8 às 5:23

Victorino Dos Santos - *Filomena lembro-me deste caso, muito falado e discutido na Beira, eu na altura do acontecimento vivia muito perto desse prédio, pessoalmente creio que os arquivos da PIDE/DGS após o 25/4 que foram roubados pelos comunistas e 'desencaminhados' para Moscovo, e possivelmente à guarda da célebre KGB polícia secreta soviética (onde permanecem???) para esconder o rasto de muita coisa cometida pelas pessoas ligadas ao partido comunista, e que não interessava desvendar. Mas nos dias que correm, e com esta arma maravilhosa que é a internet, eu tenho esperança que se venha a descobrir muita coisa, que certos senhores pretendem manter no 'escuro', porque os pode prejudicar. Filomena não desista de procurar saber a verdade, ela vai vir ao cimo, muita coragem e muita persistência. Beijinho e votos de muito sucesso no que procura saber. A VERDADE. - 13/8 às 11:04*

Filomena Correia Mendes - *Pois é Paulo mas é a tal coisa o que não parece é e o que é se esconde! Bem como já foi explicado em mensagens de respostas atrás neste post ou em outros o Vítor era mesmo o amante assíduo da Olívia isto dito por um comparsa e amigo dela, como outros pequenos testemunhos que o Paulo teve a oportunidade de me transmitir.*

Acerca de o Vítor não estar lá na altura do crime ouve um testemunho numa conversa a 3 eu o Paulo e mais alguém há um tempo atrás k já não tou bem recordada mas foi aqui dito k viu e ouviu a sombra a discussão as luzes a acender e apagar e depois a saída do tal fulano do prédio.

É assim se eu pretendo esconder um crime posso perfeitamente fazer-me passar que estou lá, comprar testemunhas, mandar alguém passar por mim e estar aqui a cometer o que quero! - 13/8 às 13:13

Manuel Ferreira - *Lembro-me muito bem disso tudo eu estava na Beira nessa altura, e morava no Esturro perto do 'Miramortos' - 15/8 às 1:39*

Jasmim Alberto Gerivaz - *A Olívia terá trabalhado em diversos sítios. Ouvi falar no Jóquei-Bar. - 17/8 às 8:24*

ANEXO 13 - FILOMENA EM BUSCA DO COLÉGIO NA BEIRA ONDE FOI COLOCADA

Filomena Correia Mendes - Quem aqui da Beira Moçambique sabe me dizer onde ficava a rua Brito Capelo e o meu colégio que nós chamavamos Colégio das Méres! Obrigada.

Alda Maria Oliveira Cabral - O Colégio das Méres ficava perto do Cinema S. Jorge, na Ponta Gêa. Acho que agora é uma Universidade, não vão faltar comentários.

Alda Maria Oliveira Cabral - O Colégio Nossa Senhora dos Anjos – Méres, foto actual:



Foto 5 - o colégio e a artéria onde se situa, na Beira, onde puseram a filha da Olívia, a 'suicidada' do Miramortos

Filomena Correia Mendes - Que emoção ver!

Hélder Martins - Olá Filomena. Esta é a Rua Brito Capelo e localiza-se no Bairro das Palmeiras. O colégio Nossa Senhora dos Anjos, conhecido por Mére devido à Directora do Colégio ter sido a irmã Mere Gabriela. Localiza-se na Ponta Gêa defronte do antigo cinema S. Jorge. Aí está em cima o Colégio.

ANEXO 14 - SUICIDA-SE A 'PINTORA CONCEIÇÃO' AMIGA DOS CORREIA MENDES

Maria Filomena Corrêa Mendes - 06-09-2016 14:00 - Paulo tudo bem? Estou com medo. Temos que falar.

A tal rapariga k me contou a verdade pela primeira vez descobri pk não conseguia ter acesso ao face dela porque disseram dizem k se matou semana depois de falar comigo. Nãoo acredito. Mais um caso a investigar! Bolas! Medo!

O face dela já está em aberto e ficou se mesmo pela data que eu ainda comunicava com ela! Bolas! O Victor Crespo ainda era vivo.

Xico Nhoca - 06-09-2016 22:50 - Estás a falar de quem? Conceição a pintora? E se ja está em aberto quem o abriu? O fantasma dela?

Maria Filomena Corrêa Mendes - 06-09-2016 23:07: a ex [N.A. - ex-namorada da pintora] só pode e não sei pk goza com isto, várias pessoas que a conhecem dizem k se matou, e esta la no face: em homenagem a... Alguem foi lá por! Penso a ex sim ou a fiha k tinha, não consigo saber de mais nada! 'MC Sequeira Pires Roca' - esse é o face.

Xico Nhoca - tou a ver o perfil, e quem te disse a ti q ela se matou?

Maria Filomena Corrêa Mendes - A colega dela de escola prima da minha mãe adoptiva k tenho no face há uns meses. Eu k lhe perguntei. É Olívia Amorim.

ANEXO 15 - ZILHÃO MALAWI NIASSA E JARDIM

Quanto à vivência de Zilhão pelas paragens do Lago Niassa, encontro no livro 'Deixei o meu coração em África', de Manuel Arouca: (...) *E antes de penetrarem no que o metódico capitão Ribeiro Dias intitulava 'o espectacular filme do Niassa', este contou-lhe que foi ali que se deu o primeiro ataque da guerrilha, em 4 de Janeiro de 1965:*

A L/F Castor comandada pelo 1º tenente Sérgio Zilhão partira na véspera em direcção a Ngombe. Suspeitava-se que ali se escondessem Mateus Malipa e Daniel Polela, cabecilhas de uma insurreição no ano transacto. A embarcação também transportava fuzileiros. Quando se aproximaram da povoação estranharam não ver viva alma, pois normalmente as populações corriam para a praia. O comandante depreendeu que algo os amedrontava. Desembarcaram a secção de fuzileiros em três levas, num 'coco', minúsculo bote a remos. E deixaram a lancha a pairar. Uma grande calma invadiu-os. O comandante Zilhão disse para o marinheiro Mendes: 'Vai ser uma manhã em beleza. Tomar banho na praia e depois almoçar uma galinha à piri-piri'.

Acabada esta frase, ouviram-se tiros em terra. O comandante ainda pensou: 'Lá estão os fuzos com a mania dos tiros'. O seu pensamento foi interrompido pelo marinheiro Mendes, a gritar com o dedo espetado para a água: 'Começámos a almoçar mais cedo, senhor comandante. Estão a fazer fogo sobre nós'.

As balas faziam um picotado sobre a água. A lancha fez uma manobra de alto risco para ir buscar à costa os fuzileiros que se batiam duramente. As munições escasseavam e o inimigo, incansável, disparava do morro norte. Logo que a segunda metade dos fusos, sem baixas, subiu para a embarcação, esta, em fuga e sob fogo, passou uma milagrosa tangente a uns enormes pedregulhos submersos que não tinham sido detectados. Quando chegou ao largo o tiroteio cessou. O pessoal estava com os nervos à flor da pele. A camisa branca do comandante encontrava-se salpicada de sangue e pedacinhos sólidos, ossos quebrados ou massa encefálica, resultantes da única baixa, um cipaio especial que, morto, se mantinha de pé, encostado à antepara da casa do leme (...)

ANEXO 16 - EPISÓDIO DOS ANOS '60 EVIDENCIA JÁ A IMPORTÂNCIA DE JORGE JARDIM

O blog 'Barco à vista' desenvolve uma das histórias de Zilhão.² Vamos transcrever partes, dada a sua importância. O 'Barco à Vista' diz ser um 'excerto do futuro livro de memórias, *Lago Niassa 1963-1966, do Oficial de Marinha CMG Ribeiro Zilhão (REF), que versa sobre as suas duas comissões seguidas na Base Naval de Metangula, junto ao Lago Niassa – Moçambique.*

[N. A. – Esclareçamos, não sei se será tanto uma parte de um futuro livro de memórias de Zilhão. É a transcrição de um depoimento sob o título 'Combatendo em Moçambique', dado por este oficial para o livro 'Combater em Moçambique – Guerra e Descolonização – 1964-1975' do Coronel Manuel Amaro Bernardo. Adiante colocaremos um excerto pertinente sobre o Angoche.

Voltando ao 'Barco à Vista', sobre Sérgio Zilhão, acrescenta ainda o referido blog: *Este Oficial teve a particularidade de, com a patente de 1º Tenente, ter sido o 1º Comandante do Comando de Defesa Marítima dos Portos do Lago Niassa, cumulativamente com o cargo de Capitão do Porto da Capitania dos Portos do Lago Niassa e 1.º Comandante da Lancha de Fiscalização Pequena P580 'Castor'.*

Vejamos então o que nos conta Sérgio Zilhão no que é transposto pelo 'Barco à Vista':

«Esta 1.ª 'HISTÓRIA À VISTA', versa sobre a 1ª viagem da LDM (lancha de desembarque média) 404 'Chipa' à localidade de Chipoka no Malawi, junto ao Lago Niassa. (...) Contra a minha opinião, saímos com a LDM ainda de cinzento (só lhe havíamos tapado os números, que mesmo assim se distinguiam perfeitamente). Tinha portanto, todo o aspecto de uma Lancha de Desembarque militar. Embarcava também o 1º Ten EMN Rabaça Pires, uma vez que existiam problemas técnicos de bombagem (por exemplo, de adaptadores), a serem resolvidos em Chipoka com os elementos de ligação que nos aguardavam (e que mais não eram que homens do Jorge Jardim). O único cunho civil da LDM era ter hasteado a bandeira amarela da Sonarep, organização que tinha ligações empresariais com a sua congénere no Malawi: a Oilcom, (ao fim e ao cabo, ambas ramificações da Sonap). Por outro lado, íamos à paisana e vestíamos os casacos amarelos dos funcionários da Sonarep. Esclareci todo o pessoal que em Chipoka não me deviam tratar por Comandante, mas sim por 'Mestre', pois tudo se passava como se fôssemos empregados da Sonarep, sendo eu o Mestre da 'barcaça – tanque'.

(...) Largámos de Metangula numa tarde em princípios de Abril de 1966, tendo navegado directamente para Chipoka, onde atracámos na manhã seguinte. Poucos minutos depois, o cais era invadido por uma multidão de negros. Brancos nem um. Os delegados do Jorge Jardim ainda não tinham chegado. Apareceu a Polícia do Porto, entre eles o chefe que tinha uma farda que mais parecia uma vestimenta de opereta, tantas eram as cores. (...) Por fim lá apareceram os dois homens do Jorge Jardim (o Pombeiro e o Moreira Rato) e começámos a trabalhar. Porque existiam vários problemas com as ligações das mangueiras, o Rabaça foi para a Estação de Bombagem tratar do caso, ficando eu a bordo no meio duma imensa multidão que corria de lés a lés a pequena LDM.

Em determinada altura, ouço em português com nítido sotaque nianja:

² <https://barcoavista.blogspot.pt/2012/02/historias-vista-01.html>

- Bom Dia, Senhor Comandante!

Olhei a pessoa que me falava todo salamaleques. Era um tipo que vivia no N'go e fugira para o Maláwi. Lá lhe consegui explicar que já não era Comandante da Marinha e agora trabalhava na vida civil como Mestre daquele navio. Sorrindo, disse:

- Estar descansado, Eu não dizer nada. Eu conhecer bem Senhor Comandante, ser boa pessoa. Eu não querer guerra, por isso vir para aqui para não ser chateado por FRELIMO e por tropa. Quando portugueses resolverem a guerra, eu voltar p'ra minha terra. E lá se perdeu na multidão para meu alívio.

Esclareça-se que ninguém a bordo levava um único documento que nos identificasse. Ainda se pensou em se preparar falsas cédulas pessoais de Marinheiro, mas não houve tempo. E, para cúmulo dos cúmulo, a própria Lancha não possuía qualquer documento que a legalizasse (o que me iria dar problemas pouco depois).

(...) O Chefe da Polícia - que entretanto se tornara nosso amigo, não só porque eu lhe oferecera um garrafão de vinho (tivera o cuidado de trazer uns mimos para representação), mas também porque o esclarecimento viera directamente do Gabinete do Ministro Banda, irmão do Presidente da República - sugeriu-nos (a mim e ao 1º Ten EMN Rabaça) que em vez de dormirmos mal instalados na LDM, fossemos até Palm Beach, estância balnear a cerca de 30 milhas para Norte e que ainda mantinha parte do esplendor do tempo dos ingleses. E até telefonou para o Hotel a avisar da nossa ida!

(...) Já noite, chegámos à Estação Ferroviária que servia Palm Beach. Era um sítio ermo, com meia dúzia de casas envoltas numa escuridão quase total. Tínhamos que arranjar um transporte que nos levasse ao Hotel, a cerca de cinco quilómetros. Sem hesitar, dirigimo-nos à Esquadra da Polícia, perguntando onde poderíamos arranjar um carro que nos levasse a Palm Beach. O Chefe da Esquadra olhou-nos com desconfiança (não havia um branco nas redondezas), perguntando-nos quem éramos e o que estávamos ali a fazer. Lá repetimos a lengalenga do costume; mas ele continuava cheio de dúvidas que aumentaram quando constatou que não tínhamos um único documento de identificação.

Fomos para o rondável para nos arranjarmos. Depois de eu ter tomado um belíssimo banho, e estando o Rabaça no banheiro, apareceu o Marinheiro Artilheiro Cortinhas, muito excitado e acompanhado de um Soldado do Malawi armado, dizendo-me que a LDM estava cercada por militares armados e que era melhor eu lá ir com urgência.

Quando cheguei à LDM e um Soldado com ar feroz me encostou uma pistola-metralhadora à barriga, tive logo a percepção que o assunto era mesmo grave. Por toda a Lancha deambulavam tipos armados e o meu pessoal estava a um canto com um tipo apontando-lhes uma arma. O Comandante da força chamou-me e fez-me uma série de perguntas a que respondi com o discurso habitual. Mandou um Soldado telefonar para a cidade para confirmar a minha informação, não ligando à minha sugestão de ligar para a Polícia de Chipoka.

- We are military, not police - respondeu com a cara fechada.

O Comandante da força começou por revistar o armário que estava mesmo sobre a zona do xadrez onde estavam as armas. Mandava retirar item a item perguntando para que

servia. Estávamos dentro da cabine: o Comandante da força, um auxiliar seu, eu e um Marinheiro nosso, que retirava os itens.

Esperando a todo o momento que ele mandasse levantar o xadrez, pus um cigarro na boca e com ar despreocupado, como quem pede lume, disse para o Cortinhas e para o outro Marinheiro que estava na cabine:

- Se o gajo descobrir as armas, anulamos estes tipos de imediato. Tu passas-me duas granadas de mão para atirar para a praia. E tu, Cortinhas, como quem vai pedir fósforos, avisa já os outros lá fora para proceder sem hesitações logo que nos virem actuar na cabine. Arrancamos com os motores e piramo-nos.

Estávamos neste íterim, quando apareceu o Gerente do Hotel que fora ao rondável buscar-nos para jantarmos e a quem o Rabaça contara o que se estava passando. Desatou aos berros com o Comandante da força dizendo quem nós éramos, que o Governo do Malawi estava a par da nossa missão e que ia já telefonar ao seu amigo ministro Banda contando tudo.

O Comandante esmoreceu um pouco e lá explicou que estavam ali porque tinham recebido um telefonema na sua Base de uma senhora que estava hospedada no Hotel a dizer que uma Lancha de Desembarque Militar tinha varado à praia com adeptos do Chipembere (era o candidato da oposição ao Presidente Banda, que estava exilado e todos temiam que viesse tomar o poder, apoiado por mercenários).

Face à intervenção do Gerente, o Comandante da força militar parou a revista e todos saíram da Lancha. Obrigou-me, no entanto, a garantir que não tentaria fugir sem o caso estar devidamente esclarecido, tendo ido para terra tirar informações, mas deixando o seu pessoal armado de guarda na praia, frente à Lancha.

Acabámos a noite jantando opiparamente com o Gerente do Hotel. Eu só pensava no calafrio que ele teria se, depois daquele berreiro todo, soubesse a verdade. A realidade é que ele julgava mesmo que nós éramos funcionários da Sonarep e que o combustível se destinava à cidade de Vila Cabral.

No dia seguinte pela manhã já tudo estava clarificado e depois de várias desculpas da praxe na presença do Director do Hotel, foi-nos finalmente autorizado seguir viagem.»

*

Zilhão partirá para novas missões na Marinha, agora nas costas do Índico. É um bom contador de histórias.

A 'sua' lancha Castor permanecerá, porém, nas águas do Lago Niassa, ou Lago Maláwi.

Em 5 de Agosto de 1968, esta mesma Castor, antes comandada por Sérgio Zilhão, é cedida a título de empréstimo ao Governo do Malawi, sendo renomeada de 'John Chilembwe', tendo navegado com a bandeira daquele país e com alguns elementos portugueses na guarnição, nomeadamente o comandante, que já não seria Sérgio Zilhão, mas sim Manuel Agrellos³.

³ Manuel Sousa Pinto Agrellos, Fuzileiro Especial da Armada Portuguesa, Comandante, engenheiro, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Federação Portuguesa de Golf

Note-se que tal acordo, para a constituição de uma 'marinha' do Maláwi, é conseguido pelo Engenheiro Jorge Jardim.

Passamos a detalhar no texto seguinte como tal se processou, e como Jorge Jardim assumirá aqui um papel preponderante.

ANEXO 17 - O ANGOCHE RETRATADO NO ROMANCE 'PONTA GEA'

Interessante a propósito de tudo isto, do paralelismo dos casos 'Miramortos' e 'Angoche', é a leitura de um livro recém-editado, o romance 'Ponta Gea', de João Paulo Borges Coelho, em Lisboa, Junho de 2017. Atrevemo-nos a reproduzir alguns excertos pertinentes. O livro esteve dado como 'indisponível' ou 'esgotado' ou fora de stock. Esgotado mesmo ou alguma providência cautelar caiu sobre a obra? Não há explícitos quaisquer Sérgio Zilhão ou Olívia Mestre, apenas um Sérgio Z. e uma Olívia M. pululam pelas páginas do capítulo 15:

O que acha que aconteceu à rapariga?

Sobressalto-me outra vez. Não tenho ideia de quem seja essa tal Olívia M. de que me fala assim de chofre, e não, não li o jornal, e ele estende-mo dobrado em quatro para acabar com as evasivas, batendo repetidamente com a unha amarela do tabaco num título ao alto da página da cidade, «Jovem põe termo à vida atirando-se do quinto andar», e quase deixo escapar que estou numa fase em que passo dias e dias evoluindo lentamente para o largo, para um futuro incerto, sem reparar sequer nas notícias.

Sigo-lhe o dedo sobre as letras, como quem faz esse percurso, e é assim que tomo conhecimento do caso. A notícia refere a possibilidade de um suicídio passionai. Suicídio passionai?! O Professor Tinoco junta à exclamação um sorriso de diabo céptico de língua verde e sobrancelhas hirsutas, sal-e-pimenta. Suicídio passionai é um absurdo. A língua vai e vem, incessante. E que dizer dos fios de plástico enrolados ao pescoço da pobre rapariga, oito voltas precisamente? Que dizer dos gritos que antecederam a queda no passeio de cimento contíguo à estrada de saibro, ouvidos pelos vizinhos?

Pela janela do machimbombo desfilam as árvores e sombras verdes da Avenida da República, pelos ares carregados do fim do dia suburbano desce o vulto num silêncio vertical, depois que se esgotou a reserva de gritos lá em cima, na flat 55.

Desce andar por andar, cometa riscando as janelas de um prédio com o nome oficial de Príncipe da Beira e a alcunha popular de Mira-Mortos, por estar virado para o cemitério de Santa Isabel, e nunca houve alcunha mais apropriada do que esta pois é isso que fazem os vizinhos nas janelas, vencido o sobressalto provocado pelos gritos de há pouco: miram a morta que desce. Que segredo leva ela?

Entretanto, aprendo a tomar-me atento aos jornais. Aquela história enrola-se em mim como a fita de plástico ao pescoço da rapariga. À lição seguinte levo uma importante descoberta com que espero impressionar o Professor. Na mesma notícia, o repórter de serviço diz que o corpo ensanguentado e já sem vida (a camisa de dormir como mortalha), foi levado para o Hospital Central Rainha D. Amélia ao princípio da noite; mais adiante, na mesma peça, desdiz-se e escreve que o corpo deu entrada no Hospital do Macúti às sete e vinte dessa mesma noite. O meu confuso argumento é que a ambiguidade que envolve a morte da rapariga se prolonga para lá dela, se desdobrá até ao infinito. Na verdade, talvez fiquemos para sempre sem saber. Mas as pequenas imprecisões dos jornais não parecem impressionar o Professor. Recusa mesmo atribuir qualquer interesse às minhas descobertas, fruto de uma mentalidade crédula e de um jornalismo incompetente.

Subitamente, tira a língua verde de fora para me interromper: Que acha do Angoche? Nova perplexidade. Sei que se refere ao mistério do navio que por estes dias apareceu a

arder e à deriva em pleno mar, sem a tripulação, depois de ter sofrido no convés o que parece ter sido uma violenta explosão. Não vejo a relação e digo-lhe isso mesmo. Ele aponta a primeira página do jornal com o poderoso indicador, e eu observo as duas notícias lado a lado. No canto superior direito, uma pequena fotografia da jovem Olívia M. arranjada para o retrato, encarando a objectiva com um optimismo agora quase comovente; do lado esquerdo, em grandes parangonas, uma referência à evolução do caso do Angoche, às esforçadas tentativas das autoridades para o localizar.

Então eu não vejo o evidente? O facto deveras extraordinário de os dois casos se terem dado exactamente na mesma altura, no princípio da noite de 25 para 26, ou seja, de domingo para segunda? Perco-me por um momento imaginando a hora mais melancólica de todas, o princípio das noites de domingo.

Todavia, quando regresso a casa vou ciente de que, unidos pelo Professor, os dois casos não mais se separarão. Doravante, foi o embate da jovem Olívia M. no chão de cimento que provocou a explosão no Angoche, foi o fogo deste que matou a rapariga. E enquanto a tripulação do Esso-Port Dickson — o petroleiro panamiano que descobriu o Angoche à deriva em alto mar — combate o incêndio, um médico faz a autópsia ao corpo de Olívia M., revolvendo-lhe as entranhas e sopesando cada ensanguentado órgão.

Os marinheiros chegam o mais perto que podem, de agulhetas apontadas ao convés, logram mesmo a abordagem. O Angoche está deserto, os tripulantes desapareceram sem deixar rasto. O interior da rapariga, devassado pelo bisturi do médico, também nada revela. Vazia está também a cidade, castigada por uma chuva tardia, mas persistente.

Nenhum de nós comanda o destino. Apenas, viajando em carrocéis independentes passamos perto um do outro muito devagar. É esta a frágil força de que se imbui a nossa idade. Apesar de um par de dúvidas persistentes (como conseguiu ela enrolar a fita ao pescoço com tantas voltas, e tão justas? Como teve fôlego para errar pela flat 55 naquele estado, e em seguida despenhar-se da varanda?), a Polícia Judiciária apressa-se a convocar a imprensa para anunciar o encerramento do inquérito à morte da rapariga. Foi suicídio, ponto final. Tamanha displicência enfurece o Professor. Inicia, muito tenso, a lição.

Mas logo me interrompe, não são ainda decorridos dez minutos. Investiva o inspector Pereira Cravo, responsável pelo inquérito. Acusa-o de incompetência ou algo mais. Suspeita que deste modo o homem presta um serviço voluntário aos poderosos. Atrevo-me a dizer-lhe que não está só no raciocínio, que há outros que pensam como ele. Refiro o editorial do jornalista Gouvêa Lemos, que li antes de vir para a lição, intitulado «Os cadáveres não se suicidam, pois não?!» Salta na cadeira, grita por Maria Teresa. Pergunta-lhe pelo jornal. Ainda não chegou, por qualquer razão o ardina atrasou-se e isso, além de irritar o Professor, abre caminho ao meu momento de glória. Sou eu a fonte de informação, sou eu que ligo o Professor aos acontecimentos do mundo. Descrevo os argumentos do jornalista o melhor que sou capaz, amaldiçoo-me por não ter lido a peça com mais atenção para poder referi-la agora com outra profundidade.

Ao jornalista não move o ânimo de acusar alguém, quer tão-só deixar claro que nós, os cidadãos, nos sentimos com direito à verdade, só isso. Mexendo com pinças no assunto, diz não pretender acusar as autoridades de incompetência, longe disso, mas apenas manifestar o receio de que os casos insolúveis se multipliquem a ponto de fazer da cidade, embora não o diga assim desta maneira, ela própria um caso sem solução.

Porquê, então, tanta pressa em dar o inquérito por encerrado? - pergunta. A quem aproveita? E, sibilino: «os cadáveres não se suicidam, pois não?!»

Cumprido o ritual, ressurgem das traseiras da secretária com o cigarro numa mão, e na outra uma caixa de sapatos cheia de recortes de jornais que despeja sobre o tampo da secretária. Os recortes estão cheios de esquemas e gatafunhos, anotações à margem e sublinhados a vermelho. Vê-se que estuda o caso com minúcia. Convida-me a ver de perto, e a partir deste dia ascendo a um novo patamar, o dos habilitados à sua caixa dos segredos.

Apesar de instado repetidamente pelas autoridades, o mutismo do Esso-Port Dickson permanece absoluto, as indagações hertzianas deparam com um muro de estalidos e silêncio. Por que razão o petroleiro panamiano, arrastando vagarosamente o que sobra do Angoche atrás de si, rejeita a ajuda de outros navios e evita dar a conhecer a sua posição? Debalde as autoridades os procuram, todos os esforços desaguam em nada. A fragata Hermenegildo Capelo e a corveta João Coutinho lançam-se ao largo e regressam de mãos vazias, um avião rodesiano avista uma baleeira do Angoche que ninguém mais volta a ver e podia ter sido outra coisa qualquer, alguém localiza dois navios que afinal não passam de uma fragata inglesa a ser abastecida por um anónimo petroleiro.

No jornal, evolui todos os dias este complexo enredo que parece empolgar o Professor (é a veia do causídico latejando). Explica-me as razões da situação, afinal pouco ou nada misteriosa. Achado em águas internacionais abandonado e à deriva, o Angoche seria agora pertença de quem o encontrou, dois quartos para o armador, um quarto para o comandante e outro tanto para a corajosa tripulação que combateu o fogo, isto segundo a Convenção de Bruxelas. O Esso-Pari Dickson estaria, pois, a ganhar tempo enquanto discutia o assunto com o seu armador ou se afastava de águas moçambicanas.

Quanto às autoridades, intrigadas com a sorte de tripulantes e navio, e ao abrigo do direito de visita prescrito nessa mesma Convenção (afinal, o mesmo direito que possibilitava às fragatas britânicas a abordagem a todos os navios que entram e saem da barra da cidade), multiplicavam os esforços para localizar os dois navios. Voilá! Esta fastidiosa linha de argumentação, que se desdobra todos os dias em inúmeras ramificações com a chegada à Beira de representantes da Companhia Nacional de Navegação ou a discussão do Código Comercial Português de 1888 (título VII, «da salvação e assistência no mar»), não tem para mim qualquer interesse.

Estou certo de que a explicação é bem mais simples do que o Professor quer fazer crer: o Esso-Port Dickson não entra na barra da Beira simplesmente porque não a encontra, porque desde há tempos esta cidade, tal como Olívia M., se despenhou no vazio, fora do tempo, tornando-se, por conseguinte, invisível e inabordável. Pela mesma razão, seria capaz de jurar que nada se achará na outra ponta da corda que o petroleiro arrasta atrás de si. Os marinheiros do Angoche, tal como o seu navio, não passam hoje de fantasmas.

Por tudo isto, nestes dias acontece-me acreditar cada vez menos. A própria teoria da ligação entre os dois casos começa a apresentar para mim as primeiras brechas. Como seria tal possível se, ao que tudo indica, a história do Angoche parece só agora começar ao passo que a da rapariga se acabou bruscamente em cima do passeio naquela fatídica noite, como o atesta o encerramento do inquérito?

É isso que tento dizer ao Professor, que as duas histórias talvez se tenham revezado, uma começando onde a outra terminou, mantendo-se vivos no ar os rumores brancos. O Professor Tinoco ouve isto e passa a língua verde pelos lábios numa expressão de despeito. Foi a ligação entre os dois acontecimentos que selou o nosso pacto e, portanto, a dúvida que levanto equivale à sua denúncia. Diz-me, com certo azedume, que a história do Angoche está longe de só agora ter começado, que teve muito que caminhar para aqui chegar.

Baixa a voz e, a partir da carga do Angoche, quase toda militar, aflora, ainda que apenas ao de leve, um conjunto de segredos. Abre um salão cuja existência era para mim desconhecida, excitante e levemente atemorizador. Talvez desconfie um pouco deste meu desligamento, mas, justiça lhe seja feita, é homem de uma palavra só: empurra a caixa de sapatos na minha direcção, como que a dizer que apesar da imatura rebeldia que revelo, apesar da ignorância de jovem burguês da Ponta Gea, continuará a dar-me acesso aos seus recortes.

Segundo colheu a polícia, Olívia M. largou um emprego no Ministério do Ultramar, em Lisboa, onde vivia maritalmente com um homem casado, a fim de responder ao velho e conhecido apelo de África. Chegou à Beira a 12 de Fevereiro com um contrato para trabalhar no Campino, um clube nocturno com créditos firmados. Junto das suas novas companheiras, revelou-se surpreendida com o tipo de trabalho a que descobriu vir destinada.

Estas declarações, associadas ao novo estatuto da rapariga, envolvem uma certa ambiguidade e terão suscitado comentários jocosos de algumas delas (achavam que a inocência não é algo que se possa alegar apenas porque nos convém). Esse grupo não incluía, porém, a brasileira Jussara, bailarina do grupo de James Wilson, em cartaz no mesmo night-club, que a acolheu de braços abertos.

Olívia M. passou a partilhar com Jussara a fatídica flat 55 do prédio Mira-Mortos. É descrita como recatada e cumpridora. Sempre segundo a polícia, em dia não especificado de Março, um certo Sérgio Z., acompanhado por amigos, entra no Campino e convida algumas raparigas para a mesa.

Elas bebericam champagne, os homens emborcam whiskies em doses duplas e triplas, o que os vai tornando cada vez mais grosseiros e impacientes, sem disposição para os clássicos preâmbulos. Sérgio Z. repreende-os, diz-lhes que se deve manter a educação e a correcção da linguagem, seja em que circunstância for. Para Olívia M., que está à mesma mesa e presencia a atitude, é o coup de foudre! No resto do mês serão vistos juntos em inúmeras ocasiões. Todavia, o romance dura pouco.

No princípio de Abril, Sérgio Z., o eterno insatisfeito, sai já regularmente com Fany Girl, uma bailarina do Jóquei Bar. Sensivelmente nessa altura, diz a investigação do Professor Tinoco (as notas à margem que ligam os episódios são inequívocas), o Angoche aporta a António Enes para deixar alguma carga.

Entretanto, o par frequenta os mais diversos lugares, o Moulin Rouge, a boite Primavera, o próprio Campino, embora este último seja para Sérgio Z. um local a evitar devido à presença de Olívia M., que de certa forma o constrange. Mas é esse mesmo Campino que Fany Girl insiste em frequentar, certamente por razões clássicas e também perversas.

Na sexta-feira, 23 de Abril, ocorre um novo episódio no já tempestuoso relacionamento do casal. Sérgio Z. pretende ir ao Moulin Rouge, Fany insiste como sempre no Campino, como sempre sem grandes argumentos. Aliás, o ballet de James Wilson, que abrihantava as noites do local, acaba de ser substituído por um programa que inclui a bailarina espanhola Perla del Mar e as esculturais streap-teasers Salomé e Angélique, um programa apesar de tudo taciturno, que nem a dançarina exótica Eunith Nadar consegue salvar. Mesmo assim Fany acaba por vencer.

Uma vez chegados ao Campino, Olívia M. vem à mesa cumprimentá-los, um gesto que tem tanto de súplica como de desafio Sem que se saiba porquê, Fany Girl está desta vez carrancuda. Sérgio Z., como que a dizer-lhe que quem brinca com o fogo acaba por se queimar, tira Olívia M. para dançar. A orquestra residente toca o He ain't heavy he's my brother, um sucesso dos Hollies que se presta a desenvolvimentos coreográficos de grande intimidade entre os dançarinos.

Com o avançar da noite as coisas não podem senão piorar. No final, e num clima de cortar à faca, Sérgio Z. oferece-se para levar as duas a casa. Fany Girl recusa, prefere um táxi. Deambula pela cidade deserta para ganhar tempo, após o que passa no endereço de Sérgio Z. a fim de tirar a limpo se tudo não passa de um jogo ou se de facto o namorado teve uma recaída. Deduz, a partir de pequenos indícios (uma janela acesa, do quarto que tão bem conhece, e vultos entrando e saindo dela), que esta última possibilidade é afinal a verdadeira: Olívia M. passa a noite no apartamento de Sérgio Z.

No sábado, Sérgio Z. e Olívia M. passeiam juntos todo o dia. As cinco e meia da tarde a rapariga está no paraíso e o Angoche sai da barra de Nacala, rumo a Porto Amélia. No porão leva sacos de farinha e de açúcar, gasóleo, material de guerra para a força aérea, nomeadamente cem bombas de cinquenta quilos, granadas e cargas inertes para bombas de napalm, além de diverso material aeronáutico e de engenharia. Depois da largada, o comandante Adolfo Manuel Bernardino entrega o navio ao imediato Tavares e recolhe ao camarote para ler umas cartas e descansar um pouco.

Sérgio Z. e Olívia M. também se encerram no quarto, mas não para ler cartas, apenas para descansar, o que fazem até à meia-noite, altura em que regressam ao Campino para que a rapariga entre ao serviço. Fany já lá está, tresloucada, à procura do confronto. Dança colada a um desconhecido na parte mais iluminada da pista. Num intervalo da música, Sérgio Z. vai à mesa dela e segreda-lhe que a procurou no Jóquei a fim de fazerem as pazes. Fany mostra-se desinteressada, finge que o som da música, entretanto reatada, a impede de ouvir as justificações com clareza, mostra vontade de voltar à pista de dança com o desconhecido.

Sérgio Z. recua então para o bar, na esperança de que outro whisky o ajude a resolver os seus dilemas. Olívia M. vai ter com ele e tenta convencê-lo a irem também dançar. Sérgio Z. acaba por aceder. Se Fany quer confronto, venha o confronto. Assim que se lançam atrás da música, Fany mostra que não se deixa intimidar e abandona o recinto de mãos dadas com o desconhecido (espicaça a imaginação do ex-amante). Voltará mais tarde, acompanhada de um grande grupo e disposta a novas provocações, mas por essa altura Sérgio Z. já lá não está, nem tão-pouco Olívia M., que não o deixou partir sozinho apesar de todos os seus esforços (ele pretendia procurar Fany).

Nesta noite de desencontros, também o Angoche, sem razão aparente, depois de uma última transmissão do radiotelegrafista Tormenta da Silva, perde-se da rota definida e prossegue noite adentro no maior dos silêncios.

Passam novamente a noite no apartamento de Sérgio Z., uma noite preñhe de súplicas de Olívia M. a que ele não sabe como atender. A rapariga chora, ele responde-lhe com evasivas. Fany ronda cá em baixo, enfurecida. De madrugada Sérgio Z. leva Olívia M. de volta ao Mira-Mortos, usando de pretextos vagos e fazendo promessas de voltar no dia seguinte para buscá-la. Dali segue no encalço de Fany, que lhe ocupara a mente toda a noite e que acaba por encontrar em casa de uma amiga.

Consegue fazer as pazes. Olívia M. é uma página virada, diz-lhe. Saem para a praia do Macúti, conversam e ajustam contas no Clube Náutico, acabam a manhã de domingo no apartamento dele. Sempre no dizer da polícia, levantam-se às quatro da tarde com a ideia de ir ao Nacional ver o filme Aeroporto, com Burt Lancaster e Jean Seberg, mas chegam tarde, a matinée já começou. Compram bilhetes para a sessão da noite e partem de imediato para a Manga a fim de comerem lá qualquer coisa.

Um pouco antes das seis estão de volta à cidade, estacionados em frente ao Mira-Mortos de Olívia M. Todos os caminhos parecem desembocar neste local de tragédia. Fany Girl permanece no carro e Sérgio Z., reunida enfim a coragem necessária, sobe à flat 55 para dizer a Olívia M. que está tudo acabado entre eles. Vai disposto a acusá-la de ocupar muito espaço, de se agarrar demais numa altura em que a esposa verdadeira está para chegar. Não é claro o que acaba por dizer, mas seja o que for constitui um rude golpe nas ilusões da rapariga. Esperava-o de baby-doll, nada fazia prever aquele desfecho.

Também nada fazia prever o que estava para acontecer no mar ou o Angoche não teria abandonado tão temerariamente a sua rota. Alguém o chamou? Alguém lhe surgiu ao caminho? Ninguém pode dizê-lo com certeza. Nem tão-pouco são claros os tempos em que tudo isto acontece.

Sérgio Z. sobe ao quinto andar às dez para as seis, uns meros vinte minutos após a saída de Jussara, a companheira de quarto de Olívia M., e fica no apartamento até por volta das seis e meia. Um quarto de hora depois, presumivelmente só e amargurada, Olívia M. cruza a varanda, sobe ao parapeito e inicia a sua queda lenta, enquanto o casal do apartamento vizinho joga às cartas sobre a cama e o Angoche, solitário e cego, sulca as águas escuras do Índico.

Tudo isto desfila na minha frente, repartido pelos recortes de jornal, coado por uma luz vespertina projectada na parede branca da varanda do apartamento do Professor. Penso no jornalista Gouvêa Lemos, no ar indefinido, mas sempre amigável, que os óculos de aros grossos ajudam a compor: que mais saberá ele, e por que demora tanto nas revelações?

Olívia M. jaz fria, incapaz de fazer avançar o caso. É urgente que o corajoso jornalista o faça por ela. Enquanto espero, atravesso as fronteiras da cidade. Tenho tempo para imaginar o mundo de Olívia M. feito de luzes multicoloridas, lantejoulas de fancaria e miséria. Faço-o a partir das ruas ensolaradas da Ponta Gea, de onde se descortina o mar e a linha do horizonte. Uma linha que por vezes se me enrola ao pescoço e me dificulta o respirar.

Certo dia descubro que no outro apartamento vizinho de Olívia M., do lado oposto ao do casal que jogava as cartas quando ela morreu, existe uma escola de ilusionismo. Que influência terá isto na morte da rapariga? Será que ela foi ilusão?

É assim, raciocinando no terreno florido do absurdo, que vou empurrando o tempo. Certo dia Gouvêa Lemos volta finalmente à carga. Se a polícia tem apenas duas dúvidas, ele confessa ter muitas mais. Como explicar que Olívia M. pretendia suicidar-se se há marcas de unhas no pescoço, sinal de que tentou desesperadamente arrancar as oito voltas de fio apertado que a não deixavam respirar? E que sangue tinha ela nas unhas, ganho na luta pela vida: próprio ou alheio? E, tentando com tanto empenho salvar-se, seria mais verosímil que ela corresse para a varanda ou para a porta do apartamento em busca de socorro? Estas e outras perguntas (que haviam dito o médico e a enfermeira?, por exemplo, que havia dito quem a transportou ao hospital?), deixa-as o jornalista no ar, antes de concluir com um firme e enigmático: «Prosseguiremos!».

Por seu turno, o Professor Tinoco também não está parado. Durante um tempo a sua linha de pesquisa situa-se nas intenções do Eso-Port Dickson, o navio panamiano que encontrou o Angoche e que solicita de Durban o envio do Baltic, um rebocador de alto mar, a fim de o ajudar a arrastar e pôr a salvo o seu troféu, longe das águas moçambicanas. O Professor vê nisso uma prova do conluio entre comandante, armador e sul-africanos. Não que isso o incomode. Ao contrário, exulta com os complexos gestos dos protagonistas, fala em coreografia em alto mar (é capaz de farejar a possibilidade de um bom enredo a grande distância). Todavia, apesar de tudo isto, o seu caso, tal como o meu, reluta em avançar.

Passo parte da noite na varanda, de olhar pousado no escuro, às voltas com possíveis explicações. Talvez tenha sido um gesto desesperado do Professor Tinoco, esse de procurar a ajuda de Ferrery, o prestidigitador, e chego até a imaginar uma sessão de hipnotismo no Campino, as dançarinas alinhadas e de olhos fixos na varinha mágica, dispostas a confessar todas as intimidades e segredos. Por breves momentos ainda avento a possibilidade de o Professor Tinoco ter ido solicitar a graça de uma imagem do convés do Angoche na fatídica noite, uma artimanha parapsicológica que desvendasse o enigma do desaparecimento da tripulação.

Mais tarde, a sessão do Professor Ferrery volta a trazer-me à lembrança a pequena escola de ilusionismo vizinha do apartamento de Olívia M., dirigida por Joaquim da Silva Ferreira, um pobre mágico que também ostenta o nome artístico de Jossy ou Joseca. Haverá alguma ligação entre tudo isto? Inquieto-me com este caminhar sem direcção. Mas, como sempre, a madrugada faz encolher e banalizar todas as conjecturas que a noite tomou fantásticas e gigantes.

Recebe-me exultante, de jornal na mão. Por um instante temo que me fale do espectáculo da véspera e do quanto o mágico o impressionou, mas o dedo amarelo aponta veemente numa outra direcção: a notícia, em grandes parangonas, segundo a qual a equipa do Notícias da Beira, liderada pelo jovem jornalista Heliodoro Baptista, acaba de descobrir ao largo, entre Vilanculos e Inhambane, o par de navios que o mundo inteiro — ou pelo menos o mundo da nossa cidade — procurava. A edição é ilustrada por rasgadas fotografias. Junto dos dois navios, o rebocador sul-africano Baltic, a fragata Hermenegildo Capelo e, um pouco atrás, a corveta João Coutinho, navegando todos em conjunto para Sul, a toda a força dos motores!

Jovial e sorridente, o Professor Tinoco saltita até à chave dos cigarros. Cumpre o ritual falando ininterruptamente, soltando as palavras entre pequenas baforadas. Em breve estará tudo esclarecido quanto aos navios e às suas intenções, acha. Em breve se desvendará o caso da tripulação desaparecida. Tento intervir. Murmuro qualquer coisa acerca da rapariga, cuja sombra não me larga, mas parece ser assunto que lhe interessa muito menos do que outrora.

É já no final, quando meto lápis e cadernos no saco, que ele pigarreia e diz, como se por mero acaso tivesse acabado de lembrar-se: Tenho más notícias para lhe dar. Avagaro os gestos, à espera do resto. E ele acrescenta que tem voltado aos jornais para rever tudo desde o princípio, tem comparado notas, aprofundado as coisas. Há suspeitas mirabolantes, algumas das quais só me pode contar sob juramento de sigilo absoluto. Podem ter sido os comunistas quem incendiou o navio, podem ter sido os nacionalistas para destruir equipamento, pode mesmo ter sido a Pide para atribuir o assalto a terceiros, as possibilidades são quase infinitas. Alguém sem suficiente coragem para assumir o acto.

E, logo em seguida, desfere o golpe de misericórdia. Diz que chegou a uma descoberta fantástica, um facto de meridiana simplicidade que nos escapara aos dois: a morte da rapariga não coincidiu com a explosão do Angoche! Embora a hora tenha sido sensivelmente a mesma, houve um dia inteiro de permeio, vinte e quatro horas completas a separar os dois episódios! Diz isto como se fosse um pormenor sem importância, e eu sinto que tudo se desmorona e fico sem saber o que dizer.

Afinal Olívia M. lançou-se no espaço sem sequer ter o Angoche por companhia, ainda mais sozinha. Acabo de arrumar cadernos e canetas dentro do saco com uma lentidão quase teatral. Quero ganhar tempo e dar-lhe tempo a ele para que atente nas consequências da decisão que acaba de tomar. Afinal, foi ele quem relacionou os dois casos e me levou por este caminho. Aliás, foi ele que me introduziu em toda esta história, foi ele que me voltou a prender à cidade numa época em que eu me deixava assaltar por dúvidas e pela descrença, uma época em que o meu espírito já quase partira, já quase andava pelo vasto mundo lá fora. E, agora que me sente regressado e dominado, desliga os dois casos aproveitando na passagem para me humilhar, me atirar também pela janela.

A morte de Olívia M. não passa de uma pequena injustiça sem qualquer interesse, dessas que estão sempre a acontecer com esse tipo de mulheres e com as pessoas pequenas em geral, que não têm quem zele por elas. Afinal é o Angoche que representa o mistério, o caso de proporções históricas cujo desvendamento lhe permitirá uma reentrada fulgurante e triunfal na sociedade.

Os jornais acabam por esquecer Olívia M., mas o Angoche não vai melhor: caem lentamente os dois para as últimas páginas, substituídos pelo caso dos trabalhadores do porto, que se instala agora, com todo o seu peso, nas parangonas.

A cidade, mergulhada na bruma, já não consegue ver. Resgata-me da solidão uma nova crónica de Gouvêa Lemos, raio de luz que perfura a carapaça de nuvens baixas que não nos dá tréguas. Em nome do público, da vox publica, o jornalista só queria que as premissas da Policia Judiciária fossem fundamentadas e que a demonstração tivesse um pouco mais de coerência, só isso.

Um mês depois de termos noticiado o acontecimento, estamos cada vez mais convencidos de haver razões de sobra para o inquérito não ter sido encerrado, escreve. E conclui com um enigmático e promissor: «Explicaremos porquê!» Regresso à lição tomado pelo optimismo que esta promessa encerra.

Olívia M. renascerá das cinzas, as palavras do jornalista vão resgatá-la. O Professor Tinoco, desconfiado do meu ar triunfal, adopta uma atitude conciliatória, tenta mesmo atrair-me para as virtualidades do caso do Angoche, apesar de este navegar velozmente para o desfecho. É isto que lhe digo, em atitude de desafio: que, quanto ao navio, está tudo mais ou menos esclarecido. Discorda. Muito pelo contrário, é cada vez mais denso o mistério, diz. Um ajudante de despachante que assistiu à largada do Angoche em Lourenço Marques, muito antes de tudo o resto acontecer, e que aparentemente sabia mais do que dizia, foi morto em casa por um misterioso assassino que cortou a rede da janela com uma faca e fez o trabalho no maior dos silêncios. Tão assim que a esposa do pobre, que dormia na mesma cama, nem deu por isso.

É o que o Professor me diz na esforçada tentativa de provar que a história está longe do seu termo. Quiseram calar o homem, conclui ele para me impressionar. E desde esse dia que a pobre mulher se recusa a dormir na cama, passando as noites no chão de parquet.

A cidade entrega-se ao desvario, engalana-se para morrer. T. desapareceu no horizonte e eu fico sem a solidão ativa e triste que dela emanava e com a qual, apesar de tudo, dialogava. A Praça Artur Brandão está agora deserta. Dou-me conta da fragilidade da minha âncora, o latim é um obstáculo em vias de ser arredado. Que restará depois? Vem-me, súbita, a urgência de partir. Fazer o exame e partir. Seguem-se dias que se desdobram sem deixar rasto.

O que sobra do Angoche agoniza atracado num qualquer cais de Lourenço Marques, despindo lentamente a sua capa de mistério. O jornalista Gouvêa Lemos, dizem os jornais, partiu para o Brasil e morreu. O coração não suportou. Engulo em seco.

Olívia M. fica um pouco mais só, sem aquela sombra protectora. Jaz numa qualquer sepultura do Cemitério de Santa Isabel, curiosamente num local de onde se pode ver perfeitamente a sua flat 55, onde Jussara mora agora com uma nova companheira e se afadiga em limpezas rituais para esconjurar fantasmas. Quanto a Olívia M., partilha o local com quatro mil e duzentas sepulturas, mil trezentas e sete das quais perpétuas, sem contar com as setenta células municipais ou os ossários da Associação Chinesa (o povo propriamente dito é enterrado nos arrabaldes, nas areias húmidas entre os campos de arroz, sem a companhia tutelar dos anjos de pedra).

Fico, portanto, sem saber a razão e o instinto impede-me de prosseguir por essa via. Limito-me a agradecer. Ele fala: Tenho ainda uma coisa a dizer-lhe. Parece-me hesitante, talvez um pouco constrangido. Ou então é por estar longe do seu santuário, em território desconhecido. Fala num tom baixo, quase uma surdina, talvez para compensar o eco que as palavras produzem nos corredores nus do liceu.

Diz-me, algo embaraçado, que afinal tivemos razão desde o início: os dois casos estiveram sempre ligados. Comprova-o, senão a data, o facto de Sérgio Z., o amigo de Olívia M., ser também o comandante de um dos navios que procederam às buscas do Angoche. Procurava o que afinal ele próprio havia perdido. (...)